



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

MARTA INGRITH MOLINA CABRERA

**MIGRAÇÕES E IMPASSES NO ACESSO À SAÚDE:  
TRADUZIR-SE É PRECISO**

BRASÍLIA

2017

MARTA INGRITH MOLINA CABRERA

**MIGRAÇÕES E IMPASSES NO ACESSO À SAÚDE:  
TRADUZIR-SE É PRECISO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabine Gorovitz

BRASÍLIA

2017

MARTA INGRITH MOLINA CABRERA

**MIGRAÇÕES E IMPASSES NO ACESSO À SAÚDE:  
TRADUZIR-SE É PRECISO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Brasília, 22 de novembro de 2017.

Banca examinadora formada pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Sabine Gorovitz (POSTRAD/UNB)

**ORIENTADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes (POSTRAD/UNB)

**MEMBRO INTERNO**

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Angela Erazo Muñoz (UNILA)

**MEMBRO EXTERNO**

---

Prof<sup>o</sup> Dr. René Gottlieb Strehler (POSTRAD/UNB)

**MEMBRO SUPLENTE**

*Dedico este trabalho a todos os  
caminhantes migrantes que em suas  
travessias se atrevem a sonhar  
novas paisagens de si e do outro,  
mais coloridas e cheirosas.*

## AGRADECIMENTOS

Ofereço, em forma de agradecimento, um mate (chimarrão). Bebida amarga que cura os males do corpo e da alma; é bom para o coração e para sustentar o fôlego, pois aumenta a energia vital. Pode-se tomar só, pois é fiel companheiro de estudo, de silêncio, de comunhão consigo. Toma-se, também, em círculo de pessoas queríveis e queridas. Reza a tradição, que vem de nossos antepassados guaranis, que quando alguém te oferece um mate, está a te oferecer uma parte de si mesmo.

Ofereço um mate em profundo agradecimento e amor Àquele que me trouxe até aqui e me mostrou que os obstáculos no caminho são oportunidades de crescimento e de aproximação à beleza rara de se viver, pois no tempo sagrado todas as coisas *são* num eterno presente.

A meus pais Benicio Dagoberto Molina Chávez e Maria Esther Cabrera León (*in memoriam*) que me acolheram neste plano e me cuidaram. Ao meu filho amado, Nicolás Molina, que com suas observações pertinentes sempre me ajuda a ser mais objetiva. A minhas irmãs, Silvia e Maren, por sempre acreditarem em mim. A vocês um mate em roda familiar.

Ofereço um mate à minha amiga querida e irmã de caminho, Magali Pedro, que me recebeu nesta cidade, me deu albergue, me estimulou e, assim, possibilitou a concretização deste trabalho. Obrigada por acreditar que a potência de vida é mais forte que a pulsão do desengano e da derrota e que ela, a vida, vencerá sempre.

E de tanto atravessar obstáculos e de tropeçar nas pedras do caminho vou me encontrando nos desencontros, vou me serenando, acalmando os temores e terrores da vertigem de saber que transmutar é preciso e que na viagem de migrar de si mesmo é que está a potência do encontro fecundo.

Agradeço à minha professora orientadora Sabine Gorovitz, que compreendeu meu destempero e desventura e me apoiou em todo momento. Também agradeço à professora Flávia Lamberti, que com sua tranquilidade me ensinou o tempo terminológico, que é o tempo da calma para ler e interpretar o que a letra diz, mergulhar na forma para encontrar o sentido, mas, sem pressa, sem afobamento, para, assim, chegar ao sentido do termo com serenidade e sossego. Gratidão à professora Ángela Erazo, por sua disponibilidade e prontidão em cooperar no que lhe fosse pedido e por suas valiosas sugestões. Ofereço-lhes um mate amargo.

Ofereço um *mate* a minhas examinadoras, para que a água quente e o amargor da erva abraque as expectativas prévias de *como* deve ser um texto acadêmico e, mais despojadas, possam se abrir à incrível aventura de ler esta tradução dos fatos observados e aqui transcritos

entre *mate y mate*. Tradução das percepções alheias e próprias que compõe esta obra que não deixa de ser um original de outros originais *ad infinitum*. Ofereço um chimarrão.

Um mate a todas as professoras e professores do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, aos colegas Janailton, Isabel, Gisselle, Neyara e Flávia e a todas as colegas que fizeram parte desse caminhar.

A todos os que se dispuseram a participar desta pesquisa narrando seus dissabores e dores por estas latitudes, um mate amargo para melhorar o pulso do coração e o fôlego de vida, porque a dor de sentir dor à distância é mais doída e profunda e precisa ser narrada para espantar os fantasmas que a acompanham e, para na roda do mate, ser mitigada. E assim, de mate em mate nos encontramos nesse ritual de sabor amargo. Segundo a sabedoria chinesa, o amargo corresponde ao elemento fogo e ao órgão do coração e estimula a transmutação da matéria densa em uma mais sutil. Transmutemos!

Ofereço um mate amargo a meu amigo Vinicius de Moraes, sempre presente nos momentos de dor; à Priscila Garcia, pelas conversas, troca de saberes, olhares e aprendizados múltiplos; a meu vizinho colombiano Richard Luna, o vulgo Bebê, pelas leituras feitas em conjunto e as discussões sobre os termos, sobre política colombiana, o universo e seus mistérios; à Santo y Seña por todo o carinho ao longo desta jornada; à Iveth Rodriguez pelos aportes tecnológicos e dicas várias; ao apartamento 206 do bloco K-Colina, espaço que me ensinou muito sobre mim e me ajudou a compreender melhor a incrível e difícil arte de conviver; ofereço a todos um mate amargo e um muito obrigada!

O mate se prepara sem pressa, se entra em outro tempo, o tempo do mate que é desacelerado e nesse destempo a gente se descompassa, se desencontra para encontrar-se e apaziguar-se no compasso e ritmo de camaradagem. De mate em mate vai se tecendo, *mateada a mateada*, o ritual do encontro com o outro.

Ao André e ao Leudo pelo apoio e compreensão amorosa, a Kami que me levou ao Jardim, espaço que permite o cultivo de várias plantas multicoloridas e multiformes, cada uma com sua força e beleza, eternamente grata! Ao Mark, Carol e Maria que são um exemplo de amor e de força criadora. Ao Gui, a Milla, a Ju, ao Rafa, ao Jader, a Ana, a Gabi, pela alegria e coragem no peregrinar e ao Mozart que, sem se propor, ensina-me a estar em silêncio e a comprometer-me com aquilo que realmente importa. A todo o comboio jardineiro, um mate amargo! Agradeço a esse espaço de aquietamento da mente para ouvir o que coração tem a dizer. A todos, minha eterna gratidão!

Ofereço um *mate* amargo a todos os trabalhadores e trabalhadoras brasileiras que com seus impostos, através da CAPES, viabilizaram esta pesquisa. A todos minha eterna gratidão!

*No Meio do Caminho*

*No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas  
nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Esta dissertação resulta de uma pesquisa de natureza socioterminológica e tem por objetivo descrever e analisar as dificuldades, linguísticas, que migrantes hispanos enfrentam no momento de relatar suas dores em consulta junto a profissionais de saúde brasileiros. Portanto, a pesquisa teve dois momentos: identificação das dificuldades linguísticas relativas ao relato da dor no nível léxico e semântico; proposta de glossário com o objetivo de auxiliar os migrantes hispanos nas escolhas lexicais relativas aos sintomas da dor. Nesse sentido, tendo como pano de fundo a complexidade dos atuais movimentos migratórios, parte-se do pressuposto de que a língua perpassa e significa toda a experiência do migrante, experiência esta carregada de significações culturais e simbólicas. Se por um lado os estudos sobre tradução e intercompreensão fornecem o embasamento teórico para as reflexões acerca dos caminhos possíveis para estabelecer um diálogo entre o migrante e o médico nativo, a abordagem socioterminológica respalda a análise dos termos qualificativos da dor. Seguindo uma abordagem qualitativa, a pesquisa se realiza na Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro, junto a um grupo de estudantes hispanos de pós-graduação mediante entrevista semiestruturada e aplicação de um questionário com léxico especializado sobre a dor para, através desses dois instrumentos de pesquisa, avaliar a natureza das dificuldades linguísticas enfrentadas por eles e extrair os termos sobre a dor selecionados pelos entrevistados. Através de suas narrativas, explicitam-se e problematizam-se as dificuldades linguísticas vivenciadas nos centros de atenção à saúde de Brasília, com o intuito de abrir um espaço de reflexão sobre os caminhos possíveis para transpor a fronteira simbólica da língua. Considerando o caráter de especialidade ligado à área da saúde e a participação de duas línguas, o português brasileiro e o espanhol, especialmente latino-americano, foi realizada uma pesquisa terminológica bilíngue acerca de termos da área da saúde. Sob a luz dos pressupostos teóricos da socioterminologia, analisam-se os termos selecionados pelos próprios falantes, para compor nosso *Glossário bilíngue de termos sobre a dor: Traduzir-se é preciso*. Esse produto final deixa em evidência que a proximidade das línguas aqui analisadas pode ser uma faca de dois gumes. Se por um lado essa proximidade favorece a intercompreensão, por outro, dificulta a comunicação clara e precisa necessária a um diagnóstico médico acertado, pois os falsos cognatos podem representar armadilhas no processo de se traduzir.

**Palavras-chave:** Migrantes; Tradução; Socioterminologia; Dor; Glossário Bilíngue.



## ABSTRACT

This thesis results from a socioterminological research. It aims to describe and analyze the linguistic difficulties that Hispanic migrants face when reporting their pain in a medical appointment for Brazilian health professionals. Therefore, the research was carried out in two moments: identification of linguistic difficulties related to the report of pain at lexical and semantic level; proposal of a glossary with goal of assisting Hispanic migrants in their lexical choices related to pain symptoms. Thus, based on the complexity of the current migratory movements, it assumed that the language spans and means the whole migrant experience, which is burdened with cultural and symbolic meanings. While on the one hand the Translation and Intercomprehension Studies provide the theoretical basis for the reflections on the possible ways to establish a dialogue between the migrant and the native doctor, the socioterminological approach supports the analysis of the qualifying terms of pain. This study follows a qualitative approach. It was conducted at the University of Brasília- Campus Darcy Ribeiro, together with a group of Hispanic postgraduate students through a semistructured interview and a questionnaire with specialized lexicon about pain, through these two instruments of research, to evaluate the language difficulties nature they faced and to draw out the terms about pain that were selected by them. Through their narratives, the linguistic difficulties experienced in the health care of Brasília's centers are explained and problematized in order to reflect the possible ways to go beyond the symbolic border of the language. Considering the specialized character related to the health area and the participation of two languages, Portuguese and Spanish, especially Latin American, a bilingual terminological research on health terms was carried out. Then, in the light of theoretical socioterminology presuppositions, we analyze the terms selected by the native speakers to compose our bilingual glossary of terms about pain: Translate into is necessary. This glossary highlights the proximity of the languages analyzed can be a double-edged sword.

**Keywords:** Migrants; Translation; Socioterminology; Pain; Bilingual Glossary.

## RESUMEN

Esta tesis es el resultado de una investigación de naturaleza socioterminológica que tiene como objetivo describir y analizar las dificultades, lingüísticas, que enfrentan los migrantes hispanos cuando, en una consulta médica, tienen que relatar sus dolores a profesionales de la salud brasileños. Así la investigación tuvo dos momentos: identificación de las dificultades lingüísticas relativas a la narrativa del dolor en el nivel léxico y semántico; propuesta de glosario con el objetivo de asistir a los migrantes hispanos en las elecciones lexicales relativas a los síntomas del dolor. En ese sentido, teniendo como trasfondo la complejidad de los actuales movimientos migratorios, se parte del supuesto de que la lengua atraviesa y significa toda la experiencia del migrante, dicha experiencia está cargada de significaciones culturales y simbólicas. Si por un lado los estudios sobre traducción e intercomprensión proporcionan la fundamentación teórica para las reflexiones acerca de los caminos posibles para establecer un diálogo entre el migrante y el médico nativo, el abordaje socioterminológico respalda el análisis de los términos calificativos del dolor. Siguiendo un abordaje cualitativo, la investigación se lleva a cabo en la Universidad de Brasilia – Campus Darcy Ribeiro, junto a un grupo de estudiantes hispanos de posgrado mediante entrevistas semiestructuradas y aplicación de un cuestionario con léxico especializado sobre el dolor para, a través de estos dos instrumentos de investigación, evaluar la naturaleza de las dificultades lingüísticas enfrentadas por ellos y extraer los términos sobre el dolor seleccionados por los entrevistados. A través de sus narrativas, se explicitan y se problematizan las dificultades lingüísticas vivenciadas en los centros de salud pública de Brasilia, con el propósito de abrir un espacio de reflexión sobre los caminos posibles para transponer la frontera simbólica de la lengua. Teniendo en cuenta el carácter de especialidad vinculado al área de la salud y la participación de dos lenguas, el portugués brasileño y el español - especialmente latinoamericano, se realizó una investigación terminológica bilingüe sobre términos que permitieran comunicar el dolor. Bajo la luz de los presupuestos teóricos de la socioterminología, se analizaron los términos seleccionados por los mismos hablantes, que conforman nuestro *Glosario bilingüe de términos sobre el dolor: traducirse es necesario*. Ese producto final deja en evidencia que la proximidad de las lenguas aquí analizadas, puede ser un arma de doble filo. Si por un lado esa proximidad es favorable a la intercomprensión, por otro, dificulta la comunicación clara y precisa, necesaria a un diagnóstico médico acertado, porque los falsos cognados pueden representar trampas en el proceso de traducirse.

**Palabras-clave:** Migrantes; traducción; socioterminología; dolor; glosario bilingüe.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Casa do estudante da Pós-Graduação (UnB) .....	67
<b>Figura 2</b> – Ficha terminológica (a) .....	75
<b>Figura 3</b> – Ficha terminológica (b) .....	76
<b>Figura 4</b> – Ficha terminológica (c) .....	76
<b>Figura 5</b> – Ficha terminológica (d) .....	77

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Dificuldades linguísticas para expressar os sintomas: a dor .....	80
<b>Quadro 2</b> – Estratégias para superar as dificuldades .....	83
<b>Quadro 3</b> – Outros recursos utilizados para cruzar a fronteira simbólica de relatar a dor .....	85
<b>Quadro 4</b> – Termos álgicos .....	90

## LISTA DE SIGLAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CEU – Casa do Estudante Universitário

CNIg – Conselho Nacional de Imigração

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos

DRAE – Diccionario de la Real Academia

FNCPS – Frente Nacional contra a Privatização da Saúde

HuB – Hospital da Universidade de Brasília

IMI – Instituto de Migração Internacional

IMDH – Instituto de Migrações do Distrito Federal

Inesc – Instituto de Estudos Socioeconômicos

INT – Assessoria de assuntos internacionais

MARCA – Mobilidade Acadêmica Regional em Cursos Acreditados

MAREP – Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y de las Culturas

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

OBMigra – Observatório das migrações internacionais

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organização das Nações Unidas

SUS – Sistema Único de Saúde

TEC – Tarifa externa comum.

TGT – Teoria Geral de Terminologia

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

UnB – Universidade de Brasília

Unila – Universidade de Integração Latino Americana

Unilab – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1 – MIGRAÇÕES E O ACESSO À SAÚDE NA CIDADE DE BRASÍLIA ....	22
1.1 Movimentos migratórios na atualidade .....	22
1.1.1 Por que migrar? .....	23
1.1.2 Migração Estudantil .....	26
1.2 Brasília: cidade de migrantes, de transeuntes nômades .....	29
1.3 Migração e saúde .....	31
1.4 A questão da dor .....	33
1.4.1 A dor a partir de uma perspectiva linguístico-cultural .....	33
1.4.2 Traduzir-se em outra língua-cultura: comunicando a dor .....	35
CAPÍTULO 2 – CENÁRIO TEÓRICO .....	37
2.1 Terminologia .....	37
2.1.1 Terminologia Geral .....	39
2.1.2 A base sociolinguística da socioterminologia .....	40
2.1.3 Terminologia Bilíngue .....	44
2.2 Intercompreensão .....	46
2.3 Tradução e Migração .....	50
CAPÍTULO 3 – CAMINHOS E TRILHAS DA PESQUISA .....	59
3.1 Pesquisa qualitativa .....	59
3.2 Contexto de pesquisa e participantes .....	61
3.2.1 Aspectos éticos .....	61
3.2.2 Contatos, percursos e campo .....	62
3.2.3 Coleta de dados .....	64
3.2.4 Atores sociais da pesquisa .....	65
3.2.5 Local das entrevistas .....	67
3.3 Instrumentos de pesquisa .....	67
3.3.1 Entrevistas .....	68
3.3.2 O roteiro da entrevista .....	68
3.3.3 Critério de análise de conteúdo das entrevistas .....	69
3.3.4 Questionário de dor <i>McGill</i> .....	70
3.4 O glossário .....	73
CAPÍTULO 4 – ENTRE RELATOS E TERMOS: A JUSTAPOSIÇÃO DAS PALAVRAS	79

4.1 Análise do conteúdo das entrevistas .....	79
4.2 Análise dos termos selecionados .....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	112
REFERÊNCIAS .....	116
GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TERMOS SOBRE A DOR: TRADUZIR-SE É PRECISO!	122
GLOSSÁRIO PRÁTICO DE TERMOS SOBRE A DOR: TRADUZIR-SE É PRECISO!	129
ANEXO A – Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética .....	130
ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	135
ANEXO C – Questionário <i>McGill</i> em espanhol .....	137

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge da inquietação e do desejo de investigar o universo linguístico dos migrantes em contato com outra língua-cultura. Quais motivações os levam a deixar seus deuses, cheiros, texturas, amores, sons para atrever-se a atravessar e ser atravessados por fronteiras reais e simbólicas? Estarão em busca de novas paisagens culturais, sociais e pessoais? Quais dificuldades linguísticas se impõem no novo território? De que estratégias lançam mão para lograrem compreender e ser compreendidos?

As questões que me movem são muitas, porém, todas partem da minha relação familiar com a migração — filha de migrantes hispanos e migrante por herança e vocação —, a qual despertou em mim o desejo íntimo de entender melhor a complexidade da condição do estar~sendo<sup>1</sup> do migrante. Na busca por compreender esse fenômeno que perpassa minha história particular, lanço-me em busca de um maior entendimento da experiência plural, que é migrar e traduzir-se em outra língua-cultura. Entendo, a partir do meu lugar de migrante no mundo, que ambos os fenômenos são como um espelho permanente onde se refletem e se refratam as múltiplas interpretações da realidade, as quais permitem construir narrativas que oferecem a ilusão do real nesse estar~sendo migrante. Assim, o que me move é uma certa inquietação por entender melhor as dificuldades linguísticas refletidas e refratadas por migrantes que não falam a língua do país onde, por um espaço de tempo, vivem, sonham, choram, riem, sentem dores.

Estabeleço um diálogo entre tradução e migração, visto que ambas são fenômenos sociais e comunitários de mobilidades circulares: a primeira, de ampliação de palavras, a segunda, de transmigração de pessoas atravessadas por palavras e fronteiras. Observa-se que tanto a tradução como o estar~sendo do migrante têm pontos convergentes, pois, em ambos os processos, parte-se daquilo que é familiar — língua e cultura — para a compreensão do inaudito. Para tanto, há que se negociar entre dois códigos, abrir-se a caminhar nesse espaço onde as fronteiras são mais porosas e efêmeras, aprender as regras do jogo simbólico da tradução e da migração e compreender que, em ambos os casos, há perdas e ganhos; há que estar atento para dar-se conta quando avançar e quando recuar, quando ceder e quando resistir.

---

<sup>1</sup> A expressão estar~sendo surgiu durante o meu processo de escrita: ao unir o verbo *estar* — que implica transitoriedade — e o gerúndio do verbo *ser* (*sendo*) por meio do sinal gráfico til (~) — que, para mim, passa uma imagem de movimento, é como uma onda — busco passar a ideia de processo, pensando no movimento de ir e vir do migrante, sempre em construção.



Ao ingressar no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, recebi a proposta da minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Sabine Gorovitz, para integrar o grupo de pesquisa Mobilang<sup>2</sup> e engajar-me no projeto “Migrações e fronteiras no Distrito Federal: a integração linguística como garantia dos direitos humanos”. No segundo semestre de 2016, já como membro do projeto, participei de três encontros com mulheres migrantes organizado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) do Distrito Federal – DF, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB). Os encontros foram de suma importância para a delimitação do meu objeto de pesquisa, pois pude constatar a necessidade de se criar ferramentas linguísticas que auxiliassem os migrantes a se comunicarem nas distintas instâncias sociais nas quais eles interagiam.

A primeira questão que se impôs foi a delimitação da área de estudos. Ainda no segundo semestre de 2016, participei do “II Seminário Internacional: Novos fluxos de trabalhadores migrantes para o Brasil. Desafios para políticas públicas”, realizado na Câmara dos Deputados em Brasília – DF, onde foi apresentado o relatório do Observatório das migrações internacionais (OBMigra) e discutido um novo marco legal para as migrações internacionais no país. Foi outro momento importante para definir qual seria o melhor tema para desenvolver minha pesquisa, já que tive a oportunidade de escutar pesquisadores brasileiros e estrangeiros discorrerem sobre o tema e dar-me conta das necessidades dos migrantes apresentadas nesse evento.

Um dos problemas levantados nesse Seminário Internacional, que chamou muito a minha atenção e ressoou em meu universo de migrante, foi a dor e sua narrativa, interesse esse que me levou ao seguinte questionamento: como fazem(os) para comunicar a dor, onde e como dói, em outra língua? Ao questionar os migrantes e a mim mesma, encontrei respostas que indicavam que o tema era pertinente e que ademais, a inter-relação entre dor, migração, língua e tradução era uma área pouco pesquisada. Assim, decidi me aventurar e investigar como se teciam essas relações e quais eram seus desdobramentos. Nos encontros com o grupo de mulheres migrantes organizado pela ACNUR e pelo IMDH em parceria com a UnB, se germinou a ideia de construir uma ferramenta linguística que os auxiliasse nesse momento de fragilidade e de dor.

Portanto, centro-me no relato da dor física que atravessou os corpos de nove estudantes migrantes hispanos: oito colombianos e um peruano que se encontram na

---

<sup>2</sup> Informações mais detalhadas do projeto estão disponíveis no site: <http://projetomobilang.wixsite.com/home>.

Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro – dando continuidade a seus estudos acadêmicos de pós-graduação, mestrado e/ou doutorado. Partindo do princípio de que a dor é uma experiência subjetiva e intangível e que a forma mais eficaz de mensurá-la é através do relato verbal, as questões que se apresentam são as seguintes: quais os recursos discursivos utilizados pelos pacientes que não falam português para ultrapassar a barreira linguística e comunicar seus sintomas, sua dor? Os profissionais da saúde valem-se de certos recursos discursivos para transpor essa fronteira simbólica? Quais são os vazios no léxico da dor nessa interação?

Para tanto, levantou-se a seguinte hipótese: Os pacientes-migrantes fazem uso de certos recursos criativos (intercompreensão, mistura de línguas, linguagem gestual e corporal, etc.) para expressar os sintomas e recorrem também à mediação na interação médico-paciente.

A partir da constatação de certa dificuldade linguística, ligada ao nível léxico-semântico, considereei adequado realizar um estudo terminológico relativo aos sintomas da dor, de modo a dar uma resposta adequada às necessidades específicas dos migrantes. De fato, vale ressaltar que a dor é um fenômeno individual e subjetivo, o que pode gerar dificuldades de narração/descrição. Segundo Cibele Andrucio de Mattos Pimenta e Manoel Jacobsen Teixeira (1996), o relato verbal é uma das maneiras mais empregadas para comunicar a experiência algica, que não só tem caracterizações clínicas, mas também se pauta em experiências vividas, carregadas de significações, interpretações e explicações mediadas pela língua-cultura e por subjetividades individuais.

Assim, o objetivo geral desta dissertação é descrever a natureza do problema linguístico enfrentado pelos nove entrevistados ao ter que comunicar sua dor, apesar da proximidade linguística entre o espanhol latino-americano — língua dos migrantes — e o português — língua oficial do Brasil. Para tanto, traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar e descrever as dificuldades que surgem nas interações orais entre médicos nativos e pacientes migrantes hispanofalantes que se encontram em solo brasileiro;
- b) Discutir e explicitar as características pragmáticas dessas dificuldades;
- c) Elaborar um glossário terminológico que contemple o par linguístico espanhol/português, com os termos propostos pelos nove migrantes entrevistados nesta pesquisa, para comunicar os sintomas algicos.

Nessa perspectiva, partimos do pressuposto de que a temática das migrações internacionais é plural e dinâmica, assim como as experiências vivenciadas e referenciadas nelas; dentre os principais fatores que impulsionam as migrações destacamos os de ordem

econômica, política e cultural. Esse movimento tem se intensificado nos últimos anos aqui no Brasil com a chegada de um número expressivo de migrantes haitianos, colombianos, bolivianos, sírios, dentre outros. Essa situação fez com que o debate em torno das migrações viesse à tona, pois deixou em evidência a falta de preparo do Estado brasileiro no que diz respeito aos direitos humanos, visto que a Lei de migração que rege no país foi elaborada na ditadura (1964-1985) e urge ser atualizada. Nesses debates, participaram de modo ativo instituições não governamentais que prestam assistência aos migrantes que por aqui chegam e buscam suprir, na medida do possível, a ausência de políticas públicas para o acolhimento dessa população.

Aqui em Brasília, o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH)<sup>3</sup>, entidade social, sem fins lucrativos e filantrópica, promove o reconhecimento da cidadania plena de migrantes e refugiados, operando na defesa de seus direitos em vários âmbitos, tais como: assistência sócio-jurídica e humanitária, integração social mediante a oferta de aulas de português, orientação de como terem acesso às políticas públicas de moradia, atenção à saúde, educação, com especial atenção àqueles migrantes que se encontram em situação de maior vulnerabilidade. Segundo sua atual diretora, Ir. Rosita Milesi, o número de migrantes que chegam à Brasília cresce ano a ano, logo, o desafio hoje é avançar em medidas de acolhimento cada vez mais integradoras e emancipadoras para essa população.

Obviamente, não se trata de uma tarefa fácil; é um exercício de abertura ao diálogo baseado no respeito mútuo para buscar os caminhos que conduzam à responsabilidade dos países pela garantia de direitos sociais básicos a essas pessoas que, apesar dos obstáculos, migram em busca de um lugar ao sol. Dentre esses direitos destacamos o direito igualitário à saúde e, conseqüentemente, à atenção médica. Este é um direito fundamental do ser humano, pautado no artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para que esse direito seja exercido e para que haja uma boa prática de atenção médica, é necessário que a comunicação entre médico e paciente seja eficiente e humanizada. Sabe-se que comunicar os sintomas da dor aos profissionais da saúde é sumamente importante para a compreensão do que se passa com o paciente e, conseqüentemente, para tomar as medidas terapêuticas eficazes e adequadas a cada caso. Assim, a realização desta pesquisa se justifica pelos seguintes motivos:

---

<sup>3</sup> O IMDH está situado na Quadra 7, Conjunto C, Lote 1, Vila Varjão – Lago Norte, Brasília-DF, Brasil.

- a importância do conhecimento do léxico sobre a dor, tanto para os migrantes poderem comunicar seus sintomas, quanto para os profissionais da saúde poderem entendê-los e sugerir um diagnóstico;
- a escassez de ferramentas linguísticas que contemplem o léxico da dor em contextos específicos de migração;
- a elaboração de um produto que possa se aplicado imediatamente.

Para fazer o levantamento dos dados, optou-se por adotar os pressupostos da metodologia qualitativa, já que ela proporciona o suporte teórico mais adequado para analisá-los. A pesquisa qualitativa propõe uma coleta de dados mista, pois a combinação de mais de um procedimento ao abordar o fenômeno pesquisado ajuda a compreender melhor a realidade observada. Por isso, adotaram-se dois procedimentos metodológicos: a) entrevistas semiestruturadas; e b) aplicação do questionário de dor *McGill* em espanhol.

Primeiramente, realizou-se a entrevista com os nove estudantes migrantes, com o propósito de captar através de seus olhares e seus depoimentos a experiência de dizer o quase indizível em outra língua. Priorizou-se a realização de entrevistas semiestruturadas que forneceram os dados essenciais para desenvolver a presente pesquisa. Optou-se por esse tipo de coleta de dados porque havia o interesse em conhecer e analisar o quadro geral das dificuldades narradas pelos estudantes-migrantes. Em geral, a maioria das entrevistas foi realizada em espanhol, porque ao narrar suas experiências álgicas em seu idioma os entrevistados se sentiam mais à vontade para contar sua versão dos fatos vividos. Esse procedimento me ajudou a compreender melhor quem eram os atores desta pesquisa, bem como reconhecer o grau de dificuldades pelas quais haviam passado e, também, verificar se haviam implementado algumas estratégias para transpor a fronteira simbólica da língua.

Seguidamente, se lhes aplicava o Questionário de dor *McGill* em espanhol que contém 67 termos agrupados em 17 subcategorias com uma linguagem de especialidade sobre a dor. Esse questionário foi desenvolvido por Melzack e Torgerson na Universidad de McGill, Montreal, em 1971, com o propósito de através do auto-relato do paciente mensurar a dor a partir de uma escala tridimensional, levando em conta as facetas sensitiva, afetiva e cognitiva desse fenômeno individual e subjetivo que é a experiência dolorosa. Antes do desenvolvimento do questionário *McGill* usava-se apenas escalas unidimensionais, isto é, numéricas, para mensurar a dor. Desde a sua elaboração, “é o instrumento mais usado, até hoje, para avaliar outras características da dor, além da intensidade” (PIMENTA; TEIXEIRA, 1996, p. 474). É visto como instrumento universal, capaz de padronizar a linguagem da dor “quando se pretende obter informações qualitativas e quantitativas a partir de descrições

verbais” (PIMENTA, 1996, p. 478). Por ser parâmetro em pesquisas sobre a dor em diversos países, foi incluído na coleta de dados.

As entrevistas tornaram evidente a ocorrência de um tipo de dificuldade linguística ligado ao nível léxico-semântico, mais especificamente ao uso de unidades lexicais especializadas, denominadas termos, para descrever os sintomas da dor. Nesse sentido, chegou-se à conclusão de que a preparação de uma proposta de glossário bilíngue sobre os sintomas da dor seria um recurso linguístico de auxílio ao migrante hispano. Os entrevistados selecionaram oito termos do questionário e propuseram quatro termos que não constavam nesse repertório, somando um total de doze termos. Desse modo, estava traçada a trajetória para pesquisar esse fenômeno complexo e povoado de múltiplas camadas de significâncias que se instauram nos interstícios das narrativas do estar~sendo dos migrantes.

Ciente que todo trabalho de pesquisa possui suas limitações e avanços, abro caminho para os fluxos, para os encontros e desencontros que esta dissertação aborda: uma experiência migratória em terras brasileiras em que a tradução é fator importantíssimo para retirar as pedras no caminho da comunicação médico-paciente. A tradução é uma amostra representativa da complexidade do fenômeno aqui representado.

Desse modo, o primeiro capítulo desta pesquisa apresenta uma breve trajetória dos movimentos migratórios e sua complexidade nos dias de hoje. Aborda-se a questão da migração qualificada estudantil, especificamente na cidade de Brasília, para seguidamente discorrer sobre a questão das dificuldades que os migrantes enfrentam no momento de narrar suas dolências nos centros de atenção à saúde dessa cidade.

No segundo capítulo, são aprofundados os questionamentos de cunho teórico que serão importantes para analisar as experiências vivenciadas por esse coletivo. A socioterminologia e seus pressupostos teóricos são o fio condutor para fazer o levantamento dos termos e junto à terminologia bilíngue, aportam os pressupostos teóricos para a discussão e elucidação dos doze termos selecionados ao final da análise sobre a dor e seus respectivos equivalentes terminológicos. A tradução e a intercompreensão contribuem para a análise das entrevistas e para as reflexões acerca dos caminhos possíveis para estabelecer um diálogo entre o migrante e o médico nativo. Optou-se por apresentar os aspectos mais relevantes de cada teoria, uma vez que seria inviável desenvolver a presente pesquisa sem esses vértices teóricos.

O terceiro capítulo detalhará e descreverá os métodos e critérios dos dois instrumentos utilizados para realizar o levantamento dos termos sobre a dor e para facilitar e agilizar a interação médico-paciente. Também são expostos os passos para a composição de um

glossário bilíngue espanhol-português, representativo de termos sobre a dor, que é o resultado final da pesquisa.

No último capítulo, os dados são apresentados e analisados sob a luz das teorias já expostas. Adentro nesse universo particular e descrevo, da maneira mais objetiva que me é possível, as vicissitudes vivenciadas por esse coletivo de estudantes-migrantes. Através de suas narrativas, explico e problematizo suas dificuldades linguísticas ligadas aos termos relativos aos sintomas da dor, vivenciadas nos centros de atenção à saúde de Brasília, com o intuito de abrir um espaço de reflexão sobre os caminhos possíveis para transpor a fronteira simbólica da língua, acessando as variáveis que a intercompreensão e a tradução disponibilizam para alcançar esse fim. Na segunda parte desse capítulo, é detalhada a análise dos termos selecionados pelos entrevistados e a busca pelo equivalente terminológico em português mais adequado à função comunicativa do encontro entre profissionais da saúde e paciente-migrante. O conjunto identificado de termos ainda é restrito, apenas doze termos, mas constitui uma proposta de projeto de trabalho terminológico, de abordagem socioterminológica, que tem o objeto de ser ampliado. Nessa etapa se tomou extremo cuidado para não cair nas armadilhas da aparente facilidade do par linguístico em questão espanhol/português que se apresentam com diferentes máscaras linguístico-culturais. O capítulo se finaliza com a apresentação do Glossário de termos sobre a dor: Traduzir-se é preciso!

## *Capítulo I - MIGRAÇÕES E O ACESSO À SAÚDE NA CIDADE DE BRASÍLIA*

*Encheram a terra de fronteiras,  
carregaram o céu de bandeiras,  
mas só há duas nações:  
A dos vivos e a dos mortos.*  
Mia Couto

### **1.1 Movimentos migratórios na atualidade**

A mobilidade é uma característica intrínseca ao espírito humano e levou o homem primigênio a desbravar e povoar nosso maravilhoso planeta Terra. O espírito curioso e a disposição da espécie por descobrir novos espaços naturais e se relacionar com outras pessoas são as raízes dos movimentos migratórios que, acompanhando o pulso do tempo através da história de homens e mulheres, chegam até nossos dias.

Hoje, as tendências dos movimentos migratórios internacionais demandam uma reavaliação do próprio fenômeno migratório. Vivemos em tempos de mobilidades circulares e irregulares de ir e vir, ficar e seguir, mudar de fase na impermanência do ritmo e do pulso do tempo. Nessa labilidade, as migrações têm contribuído, ao longo do tempo, com o processo de desenvolvimento econômico e cultural das nações, enriquecendo a evolução dos estados e sociedades na vibração que sustenta e potencializa a vida. Com efeito, os migrantes estão entre os membros mais dinâmicos e trabalhadores da sociedade, pois, na maioria das vezes, são pessoas que se dispuseram a sair de seus lugares de origem com o intuito de criar melhores condições de vida em resposta a algumas dificuldades como, por exemplo, a de encontrar trabalhos dignos e bem remunerados em suas pátrias.

O Brasil é exemplo dessa dinâmica migratória: a constituição de seu povo, com a diversidade de etnias, tradições e costumes, é um testemunho vivo desse fenômeno social que tem se intensificado nas últimas décadas devido a conflitos, desastres naturais e reorganização do esquema de poder global.

As estatísticas apontam que o número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015 — um aumento de 41% em relação ao ano 2000, segundo informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas (ONU): “O aumento do número de migrantes internacionais reflete a crescente importância da

migração internacional, que tem se tornado uma parte integral das nossas economias e sociedades” (ONU, 2016).

As estatísticas relativas ao fluxo migratório aumentam ano a ano e os motivos pelos quais as pessoas migram são cada vez mais diversos. As razões, de distintas índoles, estão quase todas ligadas ao desejo de melhorar as condições socioeconômicas de si e do entorno familiar. A socióloga-demógrafa da Universidade de Campinas, Neide Lopes Patarra, ao discorrer sobre o fenômeno, chama a atenção para seu ponto nevrálgico e diz que “como eixo de reflexão, situam-se as mudanças advindas do processo de reestruturação produtiva — o que implica novas modalidades de mobilidade do capital e da população em diferentes partes do mundo” (2005, p. 23).

Assim, na atual lógica neoliberal, as diferenças entre países ricos e países pobres são cada vez maiores. Neste jogo de mobilidades, onde o que vale é o capital e não a mão de obra trabalhadora que o produz, há que se entender a lógica de suas regras para aprender a transitar por suas estradas instáveis e desiguais e, na corda bamba dos interesses financeiros, encontrar o equilíbrio e a força que nos mantêm firmes, apesar das sufocantes regras do jogo.

### **1.1.1 Porque migrar?**

O tema das migrações internacionais tem despertado a atenção de especialistas de diferentes áreas do conhecimento que contribuem para evidenciar sua diversidade, significados e implicações. Louis Varlez, no artigo *Les migrations internationales et leur èglamentation*, definiu as migrações internacionais da seguinte maneira: “emigrante ou imigrante é toda pessoa que abandona seu país para estabelecer-se no estrangeiro, ora de maneira temporária ora de forma definitiva, com o objetivo de satisfazer as necessidades que julga essenciais” (VARLEZ, 1927, p. 176 apud CERVERA, 1992, tradução nossa). No entanto, ao adentrar no estudo das migrações vê-se que esta definição é um pouco vaga e que são necessárias outras observações para aproximarmos-nos desse fenômeno tão complexo.

De acordo com o Instituto de Migração Internacional (IMI), além dos fluxos entre países e continentes, não há apenas um tipo de movimento migratório, mas sim, “camadas migratórias múltiplas, frequentemente hierarquizadas, que desenham o conjunto das tendências da mobilidade” (IMI, 2006, p. 12 apud ITO, 2007, p. 15). Essa justaposição de necessidades para migrar abre um leque de motivações sociais, econômicas, políticas, bélicas, acadêmicas e culturais, numa trama de efeitos, implicações e transformações do mundo atual.



Assim, a impermanência, inerente às sociedades, converte-se em conflito e consta na pauta do dia: no fechamento de fronteiras para os refugiados sírios, na saída do Reino Unido da União Europeia, na ascensão de Donald Trump nas eleições estadunidenses, entre outros fenômenos que traduzem uma crescente tensão gerada pelos movimentos migratórios vistos como ameaçadores de uma suposta supremacia nacional. Segundo Patarra, os padrões de migração contemporânea refletem duas dimensões do regime capitalista corrente: sua instabilidade e a nova estrutura de oportunidades econômicas que emerge com o desenvolvimento desigual entre as regiões. “Nesse contexto, a migração é: descentralizada, temporária, circular, responsiva, de riscos calculados, geradora de conflitos, global e regulada” (PATARRA, 2006, p. 11). O principal fator na gênese dessa situação recai sobre a forma como tem ocorrido a apropriação da riqueza entre os países e, dentro destes, entre as diferentes classes sociais. A gravidade dessa situação é desalentadora para a grande maioria das pessoas que habitam o planeta Terra.

Patarra afirma que “os movimentos migratórios internacionais constituem a contrapartida de reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômico-produtiva em escala global” (2005, p. 24). Com efeito, nesse contexto de mudanças complexas, os fluxos migratórios ajustam-se aos interesses do sistema capitalista mundial, seguindo sua lógica e, ao mesmo tempo, padecendo de seu processo de expansão. Não raro, migrantes são apontados como vilões do desemprego, reforçando, através dos meios de comunicação, as dimensões de racismo e xenofobia na vida coletiva nas grandes urbes. Vale ressaltar que, em 2007, o sistema capitalista sofreu uma forte crise que afetou os principais destinos das correntes migratórias internacionais, tais como Canadá, Estados Unidos, Inglaterra e países da União Europeia, tendo levado ao recrudescimento de políticas migratórias protecionistas por parte dessas nações. Esse fato, associado às possibilidades oferecidas aos migrantes pelos países com economias emergentes da América do Sul, África do Sul, China e Índia, fez com que a balança migratória pendesse para o eixo Sul-Sul.

O termo Sul-Sul refere-se ao processo de articulação política e de intercâmbio econômico, científico, tecnológico e cultural entre países em desenvolvimento. Esse termo foi cunhado devido ao fato de a maioria desses países estarem localizados no hemisfério sul, não obstante, alguns deles encontram-se no hemisfério norte, como é o caso da China, Índia, Rússia, etc. Basicamente, a cooperação Sul-Sul inclui países da África, Ásia e América Latina, além dos pequenos países do Caribe e da Oceania.

Segundo os teóricos sociais Dilip Ratha e William Shaw (2007, p. 18), a maioria dos deslocamentos Sul-Sul ocorreu entre países com fronteiras comuns e com níveis de ingresso

similares. Para esses investigadores, as coordenadas geográficas (proximidade dos destinos) e a existência de redes sociais familiares e de amigos encontram-se entre as principais motivações, ademais das facilidades linguísticas e culturais que possibilitam uma inserção mais rápida dos migrantes.

Por outro lado, Pérez García (2015) ressalta que na reconfiguração da migração Sul-Sul deve-se refletir sobre o processo de construção de uma plataforma ideológica e política transnacionais para impelir a denominada “cooperação horizontal” e aproximar e inter-relacionar as regiões periféricas. A circulação de pessoas entre a periferia global também promove a aproximação e a integração a partir do reconhecimento de bases culturais e socioeconômicas que guardam muitas coisas em comum.

Quanto ao Brasil, apesar de absorver uma porção relativamente pequena dessa população em mobilidade, ele é cada vez mais procurado como destino, tal como assinala André Barrocal, em reportagem da revista Carta Capital, do dia 28 de agosto de 2015:

Em cinco anos dobrou a quantidade de refugiados aqui, condição que garante ao indivíduo RG, Carteira de Trabalho, passaporte e proteção contra extradição. [...] Os asilados no país são na maioria homens (70%) e jovens (65% têm de 18 a 39 anos). Metade foi acolhida por grave e generalizada violação dos direitos humanos, 22% por reunião familiar e o restante por perseguição social ou religiosa. Vieram, sobretudo, da Síria (2.077), Angola (1.480), Colômbia (1.093) e Congo (844).

Esse interesse pelo Brasil se deve a dois fatores: o primeiro é socioeconômico, pois nos governos dos presidentes legítimos Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, o país teve um crescimento econômico importante que o alçou ao 6º lugar no ranking do PIB mundial em 2011, fato que lhe deu visibilidade internacional, contudo, hoje, esse quadro se reverteu. O segundo fator está vinculado às políticas restritivas dos países que se autoproclamam “desenvolvidos”. Esses dois fatores estimularam a migração Sul-Sul, que foi tornando-se cada vez mais dinâmica entre os países que se encontram nesse eixo, visto que as políticas migratórias são menos restritivas e agressivas.

As instituições que regulam a inserção do migrante através das fronteiras do Brasil envolvem um conjunto variado de Ministérios e autarquias. São elas: a Defensoria Pública da União, o Ministério do Trabalho, a Polícia Federal, entre outros. Em princípio, o órgão que coordena as ações dessas diversas instituições em relação à entrada de estrangeiros no país é o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), criado pela lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e vinculado ao Ministério do Trabalho. O CNIg tem por objetivo, entre outros: “formular a política de imigração, coordenar e orientar as atividades de imigração” (BRASIL, 1993), fazer

um levantamento das necessidades do mercado de trabalho no Brasil, realizar estudos, coletar informações e “opinar sobre alteração de legislação relativa à imigração quando proposta por qualquer órgão do governo executivo” (BRASIL, 1993).

A lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, que orienta a política migratória brasileira, vem sendo alvo de críticas no país desde o início de sua vigência. Depois de muitos debates públicos em torno dessa legislação, onde foram problematizados diversos pontos sensíveis que envolvem as migrações e constatado a necessidade de uma nova lei em sintonia com o respeito aos direitos humanos, o Senado aprovou no dia 18 de abril de 2017, o projeto da nova Lei de Migração, que define

os direitos e os deveres do migrante e do visitante no Brasil; regula a entrada e a permanência de estrangeiros; e estabelece normas de proteção ao brasileiro no exterior. O texto analisado pelos senadores foi um substitutivo (texto alternativo) apresentado pela Câmara dos Deputados ao projeto original do Senado (SCD 7/2016 ao PLS 288/2013). O projeto agora depende da sanção presidencial para virar lei (BRASIL, 2017).

O que muda?

Entre os princípios da lei está a garantia ao imigrante da condição de igualdade com os cidadãos nacionais, inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade e acesso aos serviços públicos de saúde e educação, bem como registro da documentação que permite ingresso no mercado de trabalho e direito à previdência social. A nova lei também acaba com a criminalização por razões migratórias. Desse modo, nenhum migrante pode ser preso por estar em situação irregular. O texto prevê anistia aos migrantes que já se encontram em território nacional. “A aprovação da lei foi o único avanço que tivemos na pauta dos Direitos Humanos desde que o presidente ilegítimo Michel Temer assumiu o Planalto” (ARAÚJO, 2017). Além disso, o Conselho Nacional de Imigração, por meio de 49 resoluções, orienta a política migratória que, neste momento, privilegia a migração sob o ponto de vista da assimilação da tecnologia, investimento de capital estrangeiro, reunião familiar, atividades de assistência, trabalho especializado e desenvolvimento científico, acadêmico e cultural.

### **1.1.2 Migração Estudantil**

No que concerne ao desenvolvimento científico, acadêmico e cultural, acentuou-se o fluxo de mobilidades entre universidades do eixo Sul-Sul nas últimas décadas. Nesse sentido,

o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) tem tido uma participação importante com suas propostas de integração através da educação.

O MERCOSUL nasce em 26 de março de 1991, com o “Tratado de Assunção”. Em 1994, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinam o Protocolo de Ouro Preto com acordos de livre comércio e cooperação regional. Em 2015, o MERCOSUL conta com os seguintes países membros: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Os membros associados Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Guiana e Suriname têm menor grau de integração no bloco e não aderiram integralmente à Tarifa Externa Comum (TEC), a qual torna o Mercosul uma União Aduaneira. O México e a Nova Zelândia são membros observadores que acompanham o andamento das discussões, mas não podem votar.

Como campo de inclusão regional, o MERCOSUL paulatinamente foi integrando outros aspectos a seus objetivos econômicos, o que proporcionou a consolidação desse bloco, para além da área econômica, como pode-se constatar através da seguinte declaração:

Desde seus inícios o MERCOSUL promove como alicerces da integração os princípios de Democracia e de Desenvolvimento Econômico, impulsionando uma integração com rosto humano. Em linha com esses princípios, acrescentaram-se diferentes acordos em matéria migratória, trabalhista, cultural, social, entre tantos outros a salientar, os quais resultam de suma importância para seus habitantes (MERCOSUL, 2014).

Cabe destacar que o MERCOSUL desde sua formação teve como um dos seus objetivos promover o trabalho colaborativo internacional em diversas áreas do conhecimento, criando a setor Educativo MERCOSUL, em 1991. Esse órgão, através de convênios e elaboração de políticas públicas, busca promover a integração e o desenvolvimento da educação pública e gratuita em toda a região, como também em seus países associados para estimular a mobilidade universitária. Os estudantes universitários são classificados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) na categoria de migração qualificada motivada por conflitos ou falta de oportunidades.

Pelo exposto anteriormente, com o propósito de integrar a região, para além de acordos comerciais, a partir de tratados educacionais e culturais, foram criadas três universidades federais brasileiras: a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), a Universidade de Integração Latino Americana (Unila) e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), criada em de 15 de setembro de 2009, abarca mais de 400 municípios da Mesorregião Grande Fronteira Mercosul — Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul. Historicamente

desassistida pelo poder público, especialmente em relação ao ensino superior, a mesorregião tem na UFFS a possibilidade de desenvolver ensino superior público, gratuito e de qualidade em um ambiente que recentemente apresentava poucas perspectivas. A Universidade de Integração Latino Americana (Unila), fundada em 12 de janeiro de 2010 e situada na cidade de Foz do Iguaçu, na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai tem como lema “Uma Universidade sem fronteiras para a América Latina”. Já a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), sediada na cidade de Redenção no estado do Ceará, abriu suas portas em 20 de julho de 2010 e seu lema é “Integração, mobilidade e cooperação para desenvolver”.

As três universidades foram institucionalizadas sob o governo do então Presidente Luís Inácio Lula da Silva e cada uma está voltada para um público até então pouco lembrado pelo poder público. Hoje, com o atual desmonte da educação pública pelo governo golpista de Michel Temer, essas instituições se encontram mais ameaçadas que as outras instituições federais, pois o Brasil voltou aos tempos vergonhosos do falar grosso com os países do eixo Sul-Sul e fino com os do eixo Norte.

Dentre as universidades federais brasileiras, a Universidade de Brasília (UnB), por meio de estímulos a pesquisas que vão desde a graduação até os programas de mestrado e doutorado, possui uma trajetória de inovação e desenvolvimento acadêmico. O intercâmbio entre estudantes do eixo Sul-Sul, maioritariamente, incentiva a mobilidade estudantil e promove a troca recíproca de diversos saberes entre a universidade e outras instituições internacionais.

Hoje, a UnB conta com 24 estudantes latino-americanos de graduação matriculados entre o ano de 2016 e o primeiro semestre de 2017. Nos programas de pós-graduação, mestrado e doutorado, há 306 estudantes latino-americanos no total, sendo que a Colômbia é o país com maior representatividade estudantil, seguida do Peru. Esses estudantes internacionais dão continuidade a sua formação acadêmica através de convênios institucionais e pelo programa MARCA<sup>4</sup>. Os dados foram fornecidos pela Assessoria de Assuntos Internacionais (INT), porém, há estudantes que entram por outras vias e que não são contabilizados por esse departamento.

Os atores sociais desta pesquisa são estudantes universitários de pós-graduação oriundos de dois países: Colômbia e Peru, onde os estudos de pós-graduação são de alto custo. Nesses países observa-se uma diminuição dos direitos públicos e um crescimento das

---

<sup>4</sup> Podem-se obter mais informações sobre o programa MARCA através do endereço eletrônico disponível em: [http://programamarca.siu.edu.ar/convocatoria\\_2015-2016.php](http://programamarca.siu.edu.ar/convocatoria_2015-2016.php). Acesso em: 13 jun. 2017.

iniciativas privadas. Essa realidade da instituição universitária latino-americana foi indicada pelos nossos entrevistados como a principal razão para migrar: *a pós-graduação é muito cara no Peru, mesmo em instituições públicas. A gratuidade do mestrado e a oferta de bolsa de estudo foram fatores determinantes na minha decisão*, declarou A.B.V., estudante de mestrado em Sociologia. Desse modo, a falta de oportunidades para dar continuidade à formação acadêmica torna mais distante o sonho de uma cidadania deveras internacional, onde o Estado atenda às demandas sociais da população e não aos interesses do capital internacional.

Nesse cenário paradoxal, é imprescindível que a mobilidade na educação desempenhe um papel relevante como motor de transformações sociais e valores no desenvolvimento humano. Dessa forma, seriam geradas mais possibilidades de inserção acadêmica, quer seja no espaço local, quer seja no espaço global, em um processo de evolução positiva dos moradores da Terra, onde todos são eternos estudantes na escola da vida. Assim, seria alcançado um tipo de globalização inclusiva, com a criação de um novo discurso que instaurasse um relato libertário e de empoderamento coletivo.

## **1.2 Brasília: cidade de migrantes, de transeuntes nômades**

*Nem tudo que é torto é errado.  
Veja as pernas do Garrincha,  
Veja as árvores do cerrado.*  
Nicolas Behr

Brasília é o lugar que acolhe os estudantes migrantes que, igual aos primeiros que por aqui chegaram, vêm em busca do mesmo sonho: melhorar suas condições de vida nesse lugar. Esse sonho continua sendo a grande motivação para deixar para trás a cultura, os seres queridos, os aromas, os deuses e a língua que perpassa todos os campos, os nomeia e lhes dá significado.

Entre traços e curvas emergiu a cidade sonhada por uns, planejada por outros e erigida por braços fortes e pernas tortas como as árvores do cerrado: os candangos. Sem eles, o sonho continuaria a ser, apenas, uma quimera de boniteza. Através dos “pernas tortas”, Brasília a 21 de abril de 1960, saiu do papel, alçou voo e pulsou no Planalto Central, coração do Brasil.

Desde sua gênese, a migração interna, realizada por operários da construção, e a migração externa, integrada por estrangeiros de alta qualificação profissional e intelectual ao serviço de embaixadas e de agências internacionais, compuseram a face de Brasília. Estes,

usufruindo das belezas e bondades da cidade jardim, aqueles, excluídos da qualidade de vida que a cidade oferece.

São, então, os “pernas tortas” que sustentam, mediante a exploração do seu tempo e da falta de reconhecimento de sua importância, como árvores sinuosas do cerrado, o pulsar da vida que se desenrola a cada dia na “ilha da fantasia”. Aldo Paviani pronuncia-se a respeito dizendo que “esta cidade tida como planejada, na verdade se consolidou sob um modelo de povoamento polinucleado e excludente” (1997, p. 42). Hoje, Brasília registra um dos maiores índices de desigualdade econômica e social do Brasil. É o que mostra o Mapa das Desigualdades, divulgado pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), pelo Movimento Nossa Brasília e pela ONG Oxfam Brasil, em dezembro de 2016<sup>5</sup>.

Entre contrastes espaciais, sociais e étnicos, Brasília vai construindo sua identidade, seu pulso, suas máscaras, e, assim, entre opacidades e transparências, recebe os migrantes que a escolhem para encontrar-se e encontrar seu lugar ao sol forte e seco do cerrado. Chegam de todas as partes do Brasil, principalmente das regiões norte e nordeste, e de várias cidades da América Latina. Todos trazem como moeda de troca seu tempo, aquele onde se tece a vida. Alguns irão trocá-lo trabalhando e outros estudando, alguns engrossarão o índice de desigualdades, outros o validarão e outros crerão que é possível uma alvorada mais justa e equânime.

Nesse mosaico de caras e sonhos, os estudantes estão entre os migrantes qualificados, porém, não vão usufruir dos serviços destinados a esse grupo e tampouco engrossarão a fila dos excluídos sociais, os “pernas tortas”, que moram nas regiões periféricas do Distrito Federal. Os estudantes-migrantes pertencem a uma classe intermediária que abre uma brecha, um *terceiro espaço*. Segundo Homi K. Bhabha, esses são espaços intersticiais, que “desdobram e deslocam a lógica binária mediante a qual tendem a construir-se as identidades da diferença; ou seja, negro/branco, eu/outro” (2002, p. 20), rico/pobre, nacional/migrante. Transitam em um espaço liminar, como uma membrana, que permite fazer associações entre certas divisões binárias e estabelecer atalhos entre uma coisa e outra.

Esta população de estudantes — migrante, heterogênea e multicultural — terá que negociar com suas fronteiras, seus limites internos, para criar esse terceiro espaço híbrido nesta cidade culturalmente múltipla e hibridizada, que hierarquiza — a partir do centro de poder — as diversas paisagens coletivas que constituem sua arquitetura urbana e social.

---

<sup>5</sup> Dados disponíveis em: <http://www.notibras.com/site/uma-ilha-da-fantasia-cercada-pela-pobreza-geral/>. Acesso em: 20 jun. 2017.

É exatamente a arquitetura de Brasília que provoca estranhamento nos migrantes, as distâncias que se precisa percorrer entre um ponto e outro da cidade, a falta de qualidade no transporte coletivo, a ausência de pessoas nas vias públicas, a presença constante de carros, surpreendem e acentuam a sensação de ser estrangeiro. J. M. G. mestranda em Antropologia, narra suas impressões ao chegar à cidade: *una de mis dificultades fue adaptarme al diseño de la ciudad, al transporte público. Vengo de una ciudad donde hay muchas personas por la calle, acá es todo lo contrario, no ves gente, ves autos.*

A arquitetura da cidade de Brasília sugere beleza, porém, alarga as distâncias. A espacialidade expandida coloca limites aos habitantes de Brasília, pois dificulta a locomoção dos pedestres, visto que a cidade foi planejada para os carros. Essa realidade também foi percebida pelos estudantes-migrantes, quando tiveram que fazer uso do transporte público, seja nos momentos de lazer, seja quando tiveram que recorrer ao Sistema Único de Saúde (SUS), a fim de buscar alívio para suas dores.

E assim, entre eixos, asas, super quadras e tesourinhas, esses migrantes qualificados vão buscando entender a lógica da capital burocrática que expande as distâncias físicas e sociais sob a máscara das linhas simples que não separam, mas se integram à vastidão da paisagem agreste. Nessa vastidão expandida aonde ir quando os males do corpo acometem?

### **1.3 Migração e saúde**

Na chegada ao país de acolhimento, os migrantes se deparam com um contexto novo que abarca diferenças do meio ambiente físico e social, novas políticas de atenção à saúde, barreiras linguísticas, diferenças nos sistemas administrativos e legais, entre outros. O Sistema Único de Saúde (SUS) é o único programa que, por sua regulamentação universalista, possui o respaldo de atendimento a todas as pessoas que se encontram em solo nacional, indistintamente.

O SUS surge com a Constituição de 1988 e é fruto inequívoco dos debates e lutas dos movimentos sociais populares brasileiros. A partir de então, a Saúde passa a ser considerada direito fundamental de toda a população e dever do Estado. De acordo com o artigo 196 da Constituição Federal: “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros tipos de agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988).



Assim, a universalidade é a garantia de acesso de toda a população aos serviços de saúde, em todos os níveis de assistência, ou seja, todos devem ter acesso gratuito, não importando o sexo, idade, religião, raça, cor, origem ou nacionalidade. Quando se trata de saúde pública, é garantido que qualquer pessoa seja atendida. Para tanto, basta apresentar qualquer documento de identificação, como RG, CPF, RNE (Registro Nacional Estrangeiro), cartão do SUS, que pode ser adquirido com um comprovante de residência.

O acesso à saúde no Brasil, assim como a qualidade dos serviços públicos prestados à população, tem sido, há décadas, uma das principais dificuldades enfrentadas por sucessivos governos federais. Movimentos sociais que atuam tanto a nível nacional quanto internacional discutem a importância primordial da saúde para que uma pessoa possa usufruir plenamente de todas as suas capacidades. Também está na pauta das discussões a importância de expandir a defesa do acesso universal à saúde, transformando-o em direito fundamental.

Porém, diante da atual crise político-econômica que o Brasil enfrenta e com a implementação de políticas de austeridade do atual governo de Michel Temer, que ameaça retirar direitos sociais, agravando ainda mais a crise, o direito universal à saúde encontra-se ameaçado. De acordo com a Frente Nacional contra a Privatização da Saúde:

Os problemas pelos quais passa o SUS são frutos dessa disputa e se inscrevem no processo de desenvolvimento do próprio sistema capitalista em sua fase neoliberal, com redução do papel do Estado na sociedade, diminuição de direitos para a classe trabalhadora, políticas públicas compensatórias focalizadas para grupos mais vulneráveis e participação cada vez maior do mercado em todos os aspectos da vida social (FNCPS, 2016).

Dessa maneira, a redução dos gastos e o desmonte do SUS se apresentam como um claro retrocesso das políticas públicas para beneficiar os interesses do capital internacional. O direito à saúde da população brasileira e dos migrantes que, em sua maioria, estão entre os grupos vulneráveis, padece com a redução de políticas públicas.

O estudante colombiano J. A. U., mestrando em Sistemas Mecatrônicos, recém-chegado a Brasília, teve que fazer uso do SUS no início do ano letivo de 2017. O entrevistado narrou suas vicissitudes ao precisar dos serviços de saúde: tinha febre muito alta, adormecimento das extremidades e dor de cabeça muito forte e conta que dirigiu-se ao Hospital da Universidade de Brasília (HuB), mas não foi atendido por falta de medicamentos. Em seguida, foi ao Hospital de Base e, depois de esperar por quatro horas ao lado de cidadãos brasileiros de baixa renda, teve que voltar sem ser atendido: *porque no había médico para atender, pero tampoco nunca llegó*, como nos afirmou.

Esse depoimento deixa claro que as novas medidas de desmonte dos serviços públicos já estão em vigor e nas palavras do estudante: *aquí enférmese y defiéndase sólo, como quien dice! Me dejó impresionado eso: que si no llega el médico no va a ser atendido por nadie, y yo no era el único, éramos como 20, 30 personas! Y no, al fin no llegó médico: váyase! Tiene que irse para la casa. Aquí es muy difícil la salud!*

Fica claro que na atual conjuntura os grupos mais fragilizados socialmente são os mais afetados no retrocesso das políticas públicas e entre eles está o grupo dos estudantes-migrantes que ao precisarem de atenção médica e, não encontrarem, ficam a mercê de conselhos de amigos, de consultas nas farmácias e da sabedoria popular que, nesses momentos de impasse, revela-se como a medicina para todos: *Me tuve que auto medicar y tomar remedios caseros: limón artísimo!*

Com a aprovação da PEC 241/55 pelo Congresso, que congelou o crescimento da pauta social no governo por 20 anos, é importantíssimo criar uma rede de solidariedade forte e combatente de luta, a fim de que a saúde continue sendo um direito de todas as pessoas que se encontram em terras brasileiras e, conseqüentemente, recordar ao Estado seu dever em oferecer-lhes atenção médica.

## **1.4 A questão da dor**

### **1.4.1 A dor a partir de uma perspectiva linguístico-cultural**

De acordo com estudos na área, o impacto da migração na saúde varia com o tipo de migração (legal/ilegal; voluntária/forçada), o ambiente global do país de origem, trânsito e acolhimento, as políticas de imigração adotadas no país de chegada, as condições de acolhimento, o contato mantido com o país de origem. Por outro lado, estudos apontam outro fator de vulnerabilidade associado ao processo migratório, que pode influenciar o estado de saúde e bem estar das populações migrantes: é a própria experiência de afastamento e ruptura das relações sociais e familiares (especialmente quando a pessoa migra sozinha), situação que gera uma redução do suporte social e emocional das pessoas migrantes. Ademais, o desconhecimento da língua é um dos fatores que afeta sensivelmente os recém-chegados.

Pela perspectiva antropológica, a dor é considerada uma experiência humana e universal, porém se concretiza na experiência individual e sensível de cada pessoa. Ela se particulariza de acordo com a cultura, religião, gênero, localização geográfica e está intimamente relacionada com os estados de *ánimo*, com os *humores* das pessoas. Também

funciona como veículo de consciência de que algo não está bem e merece atenção, cuidado carinhoso da família, de amigos ou de um especialista. É importante responsabilizar-se por ela e vê-la como simbólica, como uma linguagem que nos diz como rastrear o caminho de volta à saúde integral do ser.

David Le Breton, sociólogo e antropólogo francês, que estudou a relação entre cultura e dor no ocidente, afirma que “a atitude diante da dor não é algo mecânico ou fisiológico, mas está mediatizada pela cultura, as variações pessoais e a significação subjetiva” (1999, p. 108). Para além de causas físicas, a dor encontra-se imbricada no sistema simbólico de cada cultura e é este que vai dar significado à experiência. O autor narra que na tradição aristotélica, a dor era concebida como uma forma particular de emoção, era a medida do homem tocado no mais profundo de sua intimidade. Desse modo, a dor não era vista apenas como algo físico e, sim, como algo que ia além do corpo e tocava campos mais sutis do ser.

Na gênese da modernidade, Descarte, filósofo francês, concebe a dor como mera disfunção da mecânica corporal e a partir daí, ela será interpretada sob esse novo paradigma restrito e reduzido, porém a “dor vivida não é jamais uma simples experiência corporal, e sim uma percepção complexa, uma manifestação que se integra à experiência acumulada de vida de uma pessoa” (LE BRETON, 1999, p. 108). A dor como experiência humana, não é um simples fato da natureza, antes é uma experiência altamente simbólica, um fato cultural.

Para Le Breton, a dor e a emoção que a acompanha “registra-se em um tecido de significados e atitudes que impregnam as maneiras de dizê-la com significados que mobiliza um vocabulário, um discurso, gestos e expressões faciais” (1999, p. 70), que emanam do social e retornam a ele. Assim, é difícil mensurá-la e defini-la, pois abarca “uma multitude de experiências diferentes e únicas, tendo causas diversas e caracterizadas por qualidades distintas, variando segundo certos critérios: somato-sensoriais, viscerais, afetivos, culturais e cognitivos” (ARREBOLA; GUARIDO, 2008, p. 69).

A experiência dolorosa sempre é singular, nenhuma pessoa reage diante da dor da mesma maneira, pois o umbral de sensibilidade varia de pessoa para pessoa. Aliás, nem a própria pessoa reage de igual maneira à experiência algica, pois nem ela, nem a experiência são a mesma, já que nossa vivência cotidiana, o que vemos, ouvimos, sentimos, é um fluxo permanente de impressões que nunca são totalmente iguais. Assim, pela diversidade das experiências dolorosas, explica-se porque tem sido difícil, até hoje, encontrar uma definição definitiva e satisfatória para a dor.

A dor é um fenômeno individual e subjetivo, e o relato verbal é uma das maneiras mais empregadas para comunicar a experiência algica, que não só tem caracterizações

clínicas, mas também se pauta em experiências vividas, carregadas de significações, interpretações e explicações mediadas pela língua-cultura e por subjetividades individuais. A dor não é uma expressão pura e simples de uma mecânica neuronal e cerebral onde a pessoa com toda a complexidade de sua história pessoal não tem nada a dizer; pelo contrário, a dor revela nossa fragilidade e vulnerabilidade diante da impermanência da existência e a maneira como cada um lida com ela é particular e singular.

Pelo fato de a dor ser uma sensação íntima e pessoal, pautada em um sistema simbólico linguístico-cultural, torna-se impossível medir com exatidão a dor do outro, por isso, o principal meio para mensurá-la é através do relato verbal daquele que está dolorido. Relatar a experiência algica em outra língua é algo muito difícil porque há que traduzir a tristeza, a dor, para não a-do-e-*cer* e para que o *ser* recupere a saúde e se harmonize com as vibrações mais sutis de si mesmo e do seu entorno.

#### 1.4.2 Traduzir-se em outra língua-cultura: comunicando a dor

[...]  
*Tosse, tosse, tosse,*  
*Mandou chamar o médico:*  
 — *Diga trinta e três.*  
 — *Trinta e três... trinta e três... trinta e três...*  
 — *Respire.*  
 [...]  
*A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.*  
 Manuel Bandeira

Dizer *trinta e três* em outra língua, respirar, tomar fôlego para narrar, seja como for, os males que afetam o corpo físico e o corpo sutil. Conter o fôlego e esperar o diagnóstico que será dito em outro código simbólico, se é que se teve a sorte de ser atendido por um médico... senão... vá dizer *trinta e três* ao som de um tango argentino!

A vida migrante/errante é um entrar e sair, vir a ser, tornar-se, traduzir-se em outro compasso, outro ritmo, outras vozes, com harmonias e dissonâncias que compõem sua própria polifonia com timbres agudos e graves, dependendo da ocasião. Afine o ouvido e diga *trinta e três* de maneira a ser bem entendido, aguce-o outra vez para compreender o que lhe será dito. Compreender e ser compreendido: eis o grande desafio da travessia do viajante-migrante.

Ao encontrar-se em outra língua-cultura, o migrante convive com dois ou mais códigos que entram em contato, dois sistemas simbólicos de formalização de apreensão da

realidade que dialogam entre si com novos elementos, novos vieses e em novos contextos, pois é a língua que permeia toda nossa experiência cotidiana e a traduz. Vista assim, a tradução é uma ampliação dessa experiência, dando maleabilidade à interpretação do mundo e possibilitando o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade para brincar com novos sons que traduzem uma lógica que atravessa outros canais e sentidos em voz e palavras. Segundo Vera Lúcia de Oliveira, poeta, ensaísta e professora na Universidade de Perugia-Itália, onde ensina literatura e Português do Brasil, a tradução é:

uma aventura que nos leva para fora de nós mesmos. Nesse ato de revelação da alteridade, estão sempre muito presentes o prazer e o temor de abrir uma porta que nos conduzirá ao outro. A tradução é, contudo, também procurar a própria casa em uma outra língua [...] (2009, p. 82).

Assim, a tradução nos aproxima primeiro de nós mesmos, ao desbravar novos espaços simbólicos que possibilitam a ampliação de sons, de tons e de visões de mundo que “acaba sendo um processo lento de aproximação a essa casa que buscamos” (OLIVEIRA, 2009, p. 82), a esse lugar íntimo de tradução de si e do outro em um terceiro espaço, em uma nova casa. Esse terceiro espaço está constituído do que se deixou para trás e do presente que se abre; ali nem se foi nem se é, se está~sendo. Nesse estar~sendo encontra-se a possibilidade de tradução da narrativa pessoal, integrando os dois espaços anteriores e potencializando sua substância e significado através da “tradução como centro da experiência humana”, como afirma o filósofo francês Jacques Derrida.

## Capítulo II - CENÁRIO TEÓRICO

No capítulo I, contextualizamos o problema de pesquisa: os movimentos migratórios no século XXI, especificamente no eixo Sul-Sul, e as dificuldades de ordem linguístico-cultural pelas quais os migrantes atravessam e são atravessados em suas travessias transversais nas periferias colonizadas.

O objetivo deste capítulo é apresentar os pressupostos teóricos que contribuíram para responder a nossa pergunta de pesquisa: quais os recursos discursivos utilizados pelos pacientes que não falam português para ultrapassar a barreira linguística e comunicar seus sintomas, sua dor? Baseamo-nos nos fundamentos da Terminologia, da Socioterminologia e da Terminologia bilíngue como área de estudo e levantar uma discussão teórica com base nas origens e desenvolvimento da área. Seguidamente, apresentamos os pressupostos teóricos da Socioterminologia e da Terminologia bilíngue, para logo discorrer sobre a Intercompreensão como a prática de co-construir sentidos baseada na semelhança entre as línguas em situações comunicativas concretas e, finalmente, voltamo-nos para a Tradução e a migração como fenômenos socioculturais.

### 2.1 Terminologia

Palavras que se espelham em conceitos, conceitos que se refletem em termos, caminhos que se bifurcam na arte de nomear os objetos; é uma questão de ponto de vista. A primeira — lexicologia — trilha um percurso semasiológico; a segunda — terminologia — caminha no onomasiológico; esta observa características e designa, aquela designa e busca o significado, são diferentes caminhos simbólicos que se colocam em ação num determinado espaço social para facilitar a comunicação, ora entre discursos comuns, ora entre discursos especializados. A matéria-prima de ambas é a palavra.

Em sua quarta acepção no dicionário Aulete on-line, a palavra *terminologia* significa um “estudo que identifica e delimita os conceitos peculiares de qualquer ciência, arte, profissão, etc., e a designação de cada um deles por um determinado termo”, como, por exemplo, a terminologia médica ou a terminologia dos especialistas em música.

Para Eugen Wüster, engenheiro e terminólogo austríaco, considerado um dos fundadores da terminologia moderna, a terminologia é:

- 1º) o vocabulário/termos de uma determinada ciência;
- 2º) a teoria que organiza esse(s) vocabulário/termos.

Já para Francis Aubert, professor titular da Universidade de São Paulo, que tem discorrido sobre tradutologia, terminologia e linguística contrastiva, a terminologia designa “o conjunto de pressupostos, métodos e representações que permitem a descrição das linguagens ditas de especialidade” (2001, p. 25). Para o autor, a linguagem de especialidade é própria da atividade humana porque ao detalhar determinada prática social que se desenrola em relações coletivas “desenvolvem-se hábitos linguísticos próprios, por vezes idiossincráticos, que, em conjunto, tipificam o que com certa frequência, embora algo impropriamente, se designa por *jargão*” (2001, p. 25). Percebe-se que são essas práticas profissionais ou corriqueiras que engendram uma terminologia específica para descrever atividades e transmiti-las em outros espaços sociais.

Partindo do mesmo pressuposto, a linguista e terminóloga Maria Teresa Cabré, da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona, também estabelece uma diferença entre língua comum e linguagem de especialidade, com a qual concordamos. Para Cabré, a primeira é usada em situações “não marcadas” por seus falantes que conhecem o conjunto de unidades e regras que a constitui e sabem fazer uso delas com propriedade. Já a segunda, a linguagem de especialidade, é um conjunto de subcódigos da língua comum

[...] caracterizados em virtude de umas peculiaridades especiais, isto é, próprias e específicas de cada um deles, tais como a temática, o tipo de interlocutor, a situação comunicativa, a intenção do falante [...]. As situações nas quais se utilizam as linguagens de especialidade podem considerar-se, neste sentido, como “marcadas” (CABRÉ, 1993, p. 129, tradução nossa<sup>6</sup>).

Pode-se deduzir que a linguagem de especialidade é um subconjunto da língua geral que se caracteriza pragmaticamente por três variáveis: a temática, a situação de comunicação e os usuários que vão desde os especialistas da área em questão até seus usuários, ou seja, o público leigo.

A terminologia também inclui uma face aplicada concernente à produção de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos que são ferramentas que facilitam a comunicação entre especialistas, técnicos, tradutores e o público em geral. Portanto, “na qualidade de ciência da linguagem, ela é também uma ciência social e, juntamente com a antropologia, a sociologia, a história, a geografia, a linguística e outras,

---

<sup>6</sup> “[...] caracterizados en virtud de unas peculiaridades ‘especilaes’, eso es, propias y específicas de cada uno de ellos, como pueden ser la temática, el tipo de interlocutores, la situación comunicativa, la intención del hablante [...] Las situaciones en que se utilizan los lenguajes de especialidad se pueden considerar, en este sentido ‘marcadas’” (CABRÉ, 1993, p. 129).

participa do processo de consolidação [...] de uma sociedade pós-industrial” (BARROS, 2004, p. 28).

A terminologia como disciplina possui caráter interdisciplinar, pois em sua base teórica toma elementos de base da linguística, da ontologia e de outras especialidades e tem como objeto o estudo e a recopilação dos termos especializados. Ela confunde-se “em múltiplos aspectos, com o percurso e a aventura do Homem, enquanto ser cultural” (AUBERT, 2001, p. 11), em suas práticas cotidianas, sociais e científicas.

### 2.1.1 Terminologia Geral

Eugen Wüster faz um estudo sistemático sobre os termos que compõem as áreas de especialidade e lança os alicerces da Teoria Geral de Terminologia (TGT) e funda a *Escola de Viena* que se interessou “em estabelecer orientações metodológicas para o tratamento das unidades terminológicas com base no princípio de que os termos são denominações de conceitos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 16). Desta maneira, buscou-se padronizar o léxico técnico-científico, que é o elemento essencial da comunicação entre profissionais, a fim de contribuir para um diálogo inequívoco entre especialistas em plano internacional. Gladis Maria de Barcellos Almeida ressalta que

O propósito de difundir terminologias normalizadas que contribuíssem para uma comunicação inequívoca regeu todo o trabalho de Wüster e acabou dando à TGT a configuração de uma terminologia representativa, já que era preponderante denominar e etiquetar a informação, e prescritiva, pois as terminologias precisavam ser controladas para que a comunicação fosse inequívoca, eficaz, segundo Wüster (2003, p. 214).

Pode-se depreender a sistematicidade e a coerência da TGT, cuja preocupação era garantir a comunicação estandardizada através do controle, da universalização e da padronização dos usos terminológicos em escala mundial, a fim de garantir uma comunicação transparente e inequívoca. Contudo, a TGT aplica uma sequência de concepções que não dão conta da complexidade das interações comunicativas porque não leva em consideração a variedade de discursos que estão presentes em uma cadeia de produção técnico-científica.

Apesar do reconhecimento da importância da *Escola de Viena* para os estudos terminológicos, esta passa a ser alvo de críticas devido ao seu enfoque prescritivo e logicista centrado no estudo dos conceitos e das denominações e pela universalidade do conhecimento especializado “explicitados, por exemplo, nas normas sobre princípios e métodos internacionais aprovadas pela ISO (International Organization for Standardization)”



(ALMEIDA, 2003, p. 215) que não considera as variáveis de espaço geográfico e classe social, dentre outras.

Por trás desses princípios, pode-se observar o desejo de um mundo ideal com uma língua que não sofresse as intervenções de seus falantes e que, ademais, não se fundamenta em uma teoria explicativa que dê conta do funcionamento das noções/termos em situação real, com suas ambiguidades e suas definições imprecisas, sendo apenas, uma representação, acanhada, da realidade.

Contudo, a metodologia proposta pela TGT, de ordem prescritiva, continua sendo aplicada, hoje em dia, em pesquisas na área das ciências exatas e em áreas tecnológicas e científicas, obtendo bons resultados, já que o “objetivo de delinear diretrizes pragmáticas de normalizar as terminologias, visando a facilitar seu uso unívoco mundialmente” (KRIEGGER; FINATTO, 2004, p. 28), apresenta-se como uma alternativa para essa área que visa criar bancos terminológicos multilíngues para fomentar estudos transculturais.

María Teresa Cabré e o grupo de pesquisa da Universidade de Pompeu Fabra criticam o fato de a TGT desconsiderar o caráter dinâmico e progressivo do saber especializado, assim como, de suas denominações, adotando um modelo de representação da realidade estático e reducionista. Desse modo, propõem a Teoria Comunicativa da Terminologia, introduzindo um novo paradigma na pesquisa terminológica ao considerar a variação linguística em toda sua dimensão e estabelecendo que:

Tanto o conhecimento especializado, quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade (CABRÉ, 1999, p. 126, tradução nossa<sup>7</sup>).

Assim sendo, surge uma linha de pesquisa em terminologia que considera que os termos devem ser analisados sob um olhar que leve em consideração os contextos socioculturais e “as funções linguísticas que estão sempre presentes, a serviço de necessidades sociais” (FERREIRA, 2004, p. 27).

### **2.1.2 A base sociolinguística da socioterminologia**

---

<sup>7</sup> “Tanto el conocimiento especializado, como los textos especializados, como las unidades terminológicas, pueden ocurrir en distintos niveles de especialización posibles y ser descritas en diferentes niveles de representación. Solamente así la terminología del deseo pasa a ser la terminología de la realidad” (CABRÉ, 1999, p. 126).

A Sociolinguística, como ciência social da linguagem, propõe uma nova metodologia de estudo baseada na observação das interações sociais. William Labov, linguista estadunidense, fundamenta os pressupostos da Sociolinguística na década de 1960 e apresenta como objeto o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social. Desse modo, a Sociolinguística foca seu interesse em relacionar as variações linguísticas observáveis em distintas interações comunicativas com as variáveis vinculadas à estrutura social da sociedade.

Assim, assentam-se as bases teóricas do caráter eminentemente social da língua “concebida como sendo heterogênea e socialmente determinada, sujeita às variações e mudanças relacionadas às transformações dos padrões culturais e ideológicos de uma dada comunidade linguística” (SOARES; GAMONAL; LACERDA, 2011, p. 7). Sob essa perspectiva teórica, a língua deixa de ser considerada como um instrumento do pensamento para representar o mundo e passa a ser vista como uma estrutura articulada que depende de variáveis como idade, gênero, espaço e tempo, onde o sentido é tributário do contexto linguístico em que está inserido e dos atores sociais que a produzem.

Os estudos da sociolinguística influenciam a terminologia que, a partir da década de 1970, manifesta um interesse crescente em estudar os termos sob a perspectiva de sua funcionalidade e complexidade, tal como qualquer outra fração da língua, como estrutura maior, abrindo, assim, uma nova etapa no campo da terminologia e introduzindo questões ligadas à prática social e ao reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas.

Na última década do século XX, os estudos terminológicos passam a analisar os termos, não apenas a partir de uma perspectiva prescritiva, mas, sobretudo, com um viés descritivo. De acordo com Cabré:

As linguagens especializadas, pelo fato de ser subcódigos da linguagem geral, participam de suas mesmas modalidades dialetais e funcionais — embora de maneira mais restrita — uma vez que a função comunicativa é a prioritária entre especialistas (1993, p. 157, tradução nossa<sup>8</sup>).

Com efeito, os estudos sobre língua e linguagem que levam em conta o discurso, a pragmática e o contexto influenciam teóricos que reconhecem a complexidade dos termos como uma tendência do léxico da língua comum e que, portanto, apresentam variações de uso de acordo com o contexto em que são utilizados. As professoras e pesquisadoras brasileiras na

---

<sup>8</sup> “Los lenguajes especializados, por el hecho de ser subcódigos del lenguaje general, participan de sus mismas modalidades dialectales y funcionales —aunque más restringida— puesto que la función comunicativa es la prioridad entre especialistas” (CABRÉ, 1993, p. 157).

área de Terminologia e Linguística de Corpus, Maria da Graça Krieger e Maria José Bocorny Finatto, argumentam que “tratar de terminologia técnico-científica é tratar de questões das línguas e não de um construto formal idealizado a serviço de uma comunicação restrita ao âmbito de especialistas” (2004, p. 18). Logo, os termos sofrem todas as implicações sistêmicas e contextuais como qualquer palavra da língua.

François Gaudin, em sua tese de doutorado *Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, de dezembro de 1993, é quem vai defender com mais contundência o domínio da terminologia voltada para as práticas linguísticas e sociais dos usuários:

Sobre esse ponto, tentaremos mostrar como, no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguageiras concernidas (GAUDIN, 1993 apud FAULSTICH, 2006, p. 8).

À luz dessas considerações, fica claro que há uma relação entre a sociolinguística e a socioterminologia, uma vez que esta, também, passa a analisar os termos levando em conta seu caráter linguístico, social e comunicativo. Enilde Faulstich, professora e pesquisadora na área de Socioterminologia da Universidade de Brasília, explicita que:

Uma teoria socioterminológica tem como *modus operandi*, numa mesma área de conhecimento, os diferentes níveis de comunicação que dependem das circunstâncias de emissão, das características dos interlocutores, do suporte por meio do qual se dá a comunicação, [...] entre os quais se incluem os contextos orais, por entenderem que os termos variam e que as variantes devem ser levadas em conta na elaboração de produtos terminográficos (2006, p. 7).

A autora propõe categorizar as variantes terminológicas em: 1) concorrentes, 2) co-ocorrentes e 3) competitivas. As concorrentes incluem as variantes formais que, por sua vez, abarcam duas subcategorias: as variantes formais terminológicas linguísticas e as variantes formais terminológicas de registro. Nas co-ocorrentes incluem-se os sinônimos e nas variantes competitivas inserem-se os diferentes tipos de empréstimos. No que concerne às variantes linguísticas, elas se ramificam em fonológicas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas. Por outro lado, as variantes de registro se subdividem em geográficas, discursivas e temporais. Ao discorrer sobre o tema Juan C. Sager declara “que existe a necessidade de variação léxica/terminológica e que esta se manifesta com diversa intensidade nos diferentes tipos de textos [...] e nas linguagens especializadas, existe uma variação considerável” (1993 apud FAULSTICH, 1995, p. 2).

É bem sabido que o princípio que rege a pesquisa socioterminológica é o registro de variantes que considerem “os contextos social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam” (FAULSTICH, 1995, p. 8), levando em conta, também, a frequência de uso, se assim convier à pesquisa e ao pesquisador. Para se realizar o registro da variação que ocorre em uma determinada área especializada, ou o domínio referido, é necessário aplicar outros indicadores de relações entre termos como norma, sinonímia e variante.

Faulstich estabelece uma diferença entre norma linguística e norma terminológica, sendo que a primeira considera a gramática da língua e seu uso normativo que “resulta da recomendação de uma ‘autoridade’ que prescreve qual deve ser o “bom uso” da língua” (2006, p. 6) e a última é a base para a certificação internacional do termo e sua circulação oficial consagrada por um comitê que o considera como o mais conveniente para difundir-se no meio social.

Por outro lado, ao tratar de sinonímia e variante, Gorovitz e Strehler propõem as seguintes relações entre os termos:

Se uma unidade terminológica entra em concorrência com outra sem que haja uma ‘preferência oficial’ claramente estabelecida, ou se na praxe, observa-se que essa unidade se emprega com a mesma frequência, podemos classificá-la como um ‘**sinônimo**’. Se o termo sinônimo não possui estatuto oficial ou preferencial, é considerado como uma simples ‘**variante**’ (2011, p. 30, grifos dos autores).

Partindo de tais observações e levando em conta o caráter social da presente pesquisa, os dados foram coletados e analisados sob os pressupostos da socioterminologia, tendo um olhar cuidadoso para detectar a complexidade de cada termo e, por conseguinte, o tipo de análise a ser aplicada. A socioterminologia é pertinente para conduzir este estudo, pois ela leva em conta a possibilidade de variação dos termos, fator este presente na diversidade da cultura hispana e refletida em sua terminologia.

Tendo presente a diversidade dos atores sociais é que decidimos realizar uma pesquisa socioterminológica. Faulstich propõe levar em conta termo e variação, pois as características de variação, no universo da terminologia, revelam peculiaridades próprias a serem estudadas sob o viés da interação social. Para tanto, há que se levar em conta “a pragmática terminológica do usuário, e, considerar as variantes que ocorrem nos níveis linguísticos e sociais, nas interações sócio-culturais” (1995, p. 3). Considerando a complexidade da interação médico-paciente em contextos migratórios traçou-se o seguinte roteiro de análise: através das definições propostas pelos dicionários pudemos estabelecer as relações entre os termos e determinar se se tratava de variante ou de sinonímia. Estabelecemos o estatuto de

norma aos termos advindos do Questionário de dor *McGill*, porém, a definição, em alguns casos, balizou outro termo como o normativo da área ao remeter a outro com a marca de especialidade *MED.*, sempre recordando que a língua é um reflexo do recorte que cada cultura faz da realidade. Esse recorte incidirá nas escolhas lexicais que cada comunidade fará para avaliar a experiência dolorosa, para além da diversidade social, geográfica, temporal e estilística de cada língua.

Ademais, nessa translação de conhecimento fez-se necessário estabelecer uma relação contrastiva entre os termos da língua de partida para a língua de chegada em busca de conteúdos semânticos compartilhados nas definições dicionaristas no intuito de construir equivalências entre esses dois recortes da realidade. Sabine Gorovitz ao discorrer sobre o assunto diz que:

A tradução coloca em presença duas línguas por meio de um processo que, apesar de comparativo, contrastivo e diferenciador, é principalmente de ampliação. Nesse contexto, a tradução é o momento privilegiado da tomada de consciência da especificidade com que cada língua apreende e expressa a realidade (2012, p. 81).

Na busca por estabelecer a equivalência para os termos se evidenciam as particularidades e singularidades de interpretação do mundo que cada comunidade faz. Ali se encontra a grande aventura tradutória, pois é nesse momento que se faz necessário comparar e examinar com critério o que as línguas autorizam dizer e como elas o fazem. É o momento de estabelecer fronteiras, de demarcar os limites, de reconhecer as regras desse evento social de encontro de línguas que é a tradução e, a partir daí, tecer a equivalência na diferença entre o termo da língua A e o termo da língua B, entretecendo relações intersubjetivas em uma prática de negociação entre dois códigos simbólicos.

### **2.1.3 Terminologia Bilíngue**

O incremento significativo de acordos internacionais, que caracteriza o século XXI, provocou implicações na esfera das línguas, ora de uma perspectiva geral, ora particular, já que os países passaram a ter um intercâmbio mais intenso tanto no âmbito comercial quanto no científico e tecnológico. Em vista disso, novas medidas linguísticas foram vindicadas em razão de o contato das línguas se tornar mais acentuado na atual conjuntura transnacional.

A América Latina, por causa de acordos econômicos e culturais que foram levados a cabo no processo de integração da região, vive hoje, do ponto de vista terminológico, uma

situação de bilinguismo graças à coexistência do português brasileiro e do espanhol falados na região. Isso se deve ao fato de que:

as comunicações profissionais articulam-se ao modo de linguagens especializadas as quais compreendem, em larga medida, seus termos técnicos. Estes são assim instituídos por força de especificidades conceituais dos diferentes campos do conhecimento (KRIEGGER, 1998, p. 2).

Assim, essa especificidade conceitual é condição *sine qua non* para que as variadas proposições de intercâmbio, quer de saberes especializados, quer de acordos humanitários, sejam cada vez mais precisas e circulem tanto entre o público especializado quanto entre o público leigo, considerando as línguas nas quais a informação vá circular. Nesse contexto, apesar de o inglês ter se elevado ao patamar de língua franca, ou língua internacional, para veicular o conhecimento científico e técnico, cada vez mais os países reivindicam

o uso da própria língua para todos os âmbitos de comunicação e defendem, em consequência, um plurilinguismo internacional baseado na compreensão das línguas vizinhas e em utilizar recursos tecnológicos avançados que ajudem à intercompreensão, sem necessidade de renunciar a umas línguas em favor de outras (CABRÉ, 1993, p. 66, tradução nossa<sup>9</sup>).

Esse fenômeno social, que é uma das características do presente, traz consigo a necessidade de levar a cabo pesquisas terminológicas bilíngues que atentem para a diversidade de realizações no plano interlinguístico para que “o registro das terminologias, com a devida compatibilização das diversidades nos dois planos, intra e interlinguístico, possibilite [...] dispor de uma terminografia bilíngue sistematizada e de maior alcance pragmático” (KRIEGGER, 1998, p. 7), a fim de integrar os discursos científico, técnico e o de vulgarização, respeitando a identidade cultural dos países envolvidos no intercâmbio de saberes na América Latina.

É necessário atentar para o fato de que o princípio básico que norteia a pesquisa terminológica bilíngue é a busca de equivalentes na língua de chegada. Para Cabré (1993, p. 83), a terminologia não se reduz à tradução de formas de um código a outro na tentativa de encontrar equivalentes. Trata-se de reunir os termos que circulam de fato na comunidade de chegada, pois o fluxo destes implica questões referentes às relações entre língua, ciência e visão de mundo.

---

<sup>9</sup> “El uso de la lengua propia para todos los ámbitos de comunicación y defienden, en consecuencia, un plurilingüismo internacional basado en la comprensión de las lenguas vecinas y en la utilización de recurso tecnológicos avanzados que ayuden a la intercomprensión, sin necesidad de renunciar a unas lenguas en favor de otras” (CABRÉ, 1993, p. 66).

Tendo em vista que esta pesquisa discorre sobre a dificuldade de comunicar a dor em uma consulta médica provinda da barreira linguística entre o português e o espanhol, vimos a necessidade de identificar os termos que provocaram maior ruído na interação médico-paciente, espaço complexo de comunicação. Os passos seguidos para a coleta, análise e verificação dos dados, estão explicitados no capítulo seguinte.

Com a identificação dos 12 termos, advindos da narrativa dos entrevistados, comparamos os contextos e as definições coletadas em cada língua a fim de melhor compreender o significado e o funcionamento destes para, a partir daí, estabelecer o equivalente mais adequado ao cenário analisado e harmonizá-los, isto é, “pôr em correspondência os termos uns com os outros no seio da mesma língua e entre línguas, gerenciando os usos” (FAULSTICH, 2006, p. 3). “Gerenciar os usos”, a nosso ver, é identificar o conteúdo conceitual específico delimitado por uma situação concreta onde o termo brota. Neste estudo a situação concreta é a consulta médica.

Com base nos pressupostos teóricos aqui apresentados, analisamos e detalhamos o grau de equivalência possível entre os termos da Dor, tendo o espanhol como língua de partida, pois nossos entrevistados são hispanofalantes, e o português como língua de chegada, que é a língua na qual eles hão de interagir e traduzir-se.

O português e o espanhol, por pertencerem à família das línguas românicas, são línguas muito próximas, no entanto, apresentam diferenças significativas no nível léxico-semântico. Nossos agentes de pesquisa lançaram mão dessa proximidade como uma das estratégias de intercompreensão, no intuito de resolver o impasse provocado pela língua e alcançar um diagnóstico e tratamento adequados.

Por ter sido uma das medidas por eles adotadas e compreendendo que essa forma de comunicação é deveras muito útil em contextos bilíngues, expomos os princípios dessa nova corrente teórica de comunicação bilíngue e plurilíngue, já que se encontra imbricada a questões de migração espacial e linguística.

## **2.2 Intercompreensão**

A intercompreensão é um novo paradigma dentro do ensino de línguas estrangeiras e teoriza um fenômeno natural que se dá quando nos encontramos em situações multilíngues e não conhecemos a língua local, mas usamos estratégias para alcançar a mútua compreensão. Essas estratégias espontâneas foram observadas, teorizadas e aplicadas ao ensino de línguas,

porém vamos dialogar com os pontos dessa teoria que permitem deduzir o que se passa, às vezes, na interação médico-paciente em contextos de migração.

A intercompreensão é definida por Maria Filomena Capucho, precursora dos estudos da Intercompreensão, como o desenvolvimento da capacidade de co-construção de sentido no encontro de línguas diferentes e como o uso pragmático dessa capacidade numa situação comunicativa concreta. Esse enfoque apresenta uma proposta para desenvolver a competência (pluri)língue e (pluri)cultural, oferecendo estratégias para construir e restabelecer a coesão social. É um *saber ser* neste mundo plural que busca a unidade na diversidade.

Apesar de ser uma prática espontânea, que advém de situações nas quais somos confrontados a uma língua estrangeira, vivenciada ao longo da história, é somente a partir do século XXI que a Intercompreensão desperta o interesse dos teóricos da linguagem, pois estes reconhecem as práticas de mobilidade na atual conjuntura mundial. Capucho afirma que:

Todavia, foi necessário que o plurilinguismo dos cidadãos europeus se tornasse uma prioridade política para que a noção retivesse a atenção dos investigadores e os primeiros projetos de cooperação se debruçassem sobre esta capacidade “natural” de utilizar a sua língua e compreender a dos outros no contexto de encontros plurilíngues (2013, p. 19).

Os princípios básicos da intercompreensão, expostos por Carlos Chávez Solís e Ángela Erazo Muñoz (2014), no *I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade* são os seguintes: hierarquização dos objetivos de aprendizagem; noção de competências parciais; utilização dos laços de parentesco; e conhecimentos prévios. A partir da narrativa de nossos entrevistados acreditamos que os dois últimos princípios proporcionam um lugar de reflexão sobre a importância de criar espaços de interação onde se considere a língua e a cultura do outro tão importante como a própria. Esses princípios são:

- Utilização de laços de parentesco: As línguas de uma mesma família possuem características em comum. São aspectos comuns que se utilizam para lidar melhor com os processos que permitirão uma compreensão plurilíngue.

- Os conhecimentos prévios: “A intercompreensão busca conscientizar e aperfeiçoar os conhecimentos prévios que têm os aprendentes de tais ou quais temas para assim efetuar transferências de saberes de uma língua a outra(s)” (CHÁVEZ; ERAZO, 2014, p. 4, tradução nossa<sup>10</sup>).

---

<sup>10</sup> “La intercomprensión busca concientizar y perfeccionar los conocimientos previos que tienen los aprendientes de tales o cuales temas para de esa manera efectuar transferencias de saberes de una lengua a otra(s)” (CHÁVEZ; ERAZO, 2014).



Baseada na semelhança entre as línguas, a intercompreensão é tanto uma meta como um processo, no qual os interlocutores são convidados a usar a língua do outro, brincar com o saber, sem, no entanto, esquecer a sua própria língua. A habilidade receptiva é solicitada de modo prévio, pois ela permite suavizar os primeiros contatos com a língua estrangeira, já que tem como uma de suas premissas ouvir/escutar o outro para compreendê-lo.

A escuta atenta é fator importantíssimo em uma consulta médica. Segundo Abram Eksterman, a relação médico-paciente faz parte da dimensão auditiva porque ao escutar com respeito e gentileza entramos em contato com a pessoa, com sua história: “escutando, o outro se transforma numa pessoa na medida em que se torna um ser histórico” (1977, p. 3).

Assim, nesse espaço social, a intercompreensão passa a ser um campo dinâmico, articulado por *o quê* os participantes comunicam entre si através de uma escuta atenta e sensível ao relato alheio, valendo-se de um dos princípios da intercompreensão que assinala a capacidade de compreender uma língua estrangeira sem havê-la aprendido, baseando-se no conhecimento de sua própria língua e no contexto no qual a interação acontece.

Há que se levar em consideração que no nível lexical, as palavras podem assumir significados diferentes, dependendo do contexto geral, pois o léxico de uma língua se constrói por “seleções e convenções, metafóricas ou não, que restringem o uso de palavras no ato de comunicação” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 111). Assim, há que se atentar para a diferença na semelhança dessas línguas próximas, evitando dessa maneira os mal-entendidos (gerados muitas vezes por falsos cognatos<sup>11</sup>) tão desfavoráveis em qualquer interação comunicativa, mas ainda mais, em uma consulta médica.

Para tanto, ambos os participantes desse diálogo, na medida do possível, tiveram que lançar mão da intuição, associando e jogando com as palavras para que, nesse processo de negociação, se desenvolvesse nos atores sociais envolvidos, a boa vontade de se colocar no lugar do outro para chegar a um certo entendimento e reconhecimento da complexidade mútua. De acordo com o Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y de las Culturas (MAREP), a intercompreensão “propõe um trabalho paralelo sobre várias línguas de uma mesma família [...]. Aproveitando os benefícios mais tangíveis do pertencimento à mesma família — as relativas à compreensão — que se pretende cultivar sistematicamente” (2007, p. 6).

---

<sup>11</sup> De acordo com o dicionário Aulete online os falsos cognatos são definidos como: “**1** Ling. Ver *Falsos amigos*, no verbete *amigo*. **Falsos amigos 1** Ling. Palavras em línguas diferentes que têm grafias iguais ou muito semelhantes, mas significados totalmente diferentes. [Ex.: *embarazada*, em espanhol, significa ‘grávida’]”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/cognato>. Acesso em: set. 2017.

Portanto, faz-se necessário acessar os conhecimentos prévios como estratégia de intercompreensão. Embora esta não tenha como um dos seus pilares a tradução, estabelece um diálogo com as estratégias de tradução que desenvolvem competências que favorecem a resolução de entraves na comunicação entre atores sociais de diferentes línguas e culturas. Nesse processo, é possível começar a perceber as línguas em seus contextos de uso específicos com suas características e funções intrínsecas. São nesses contextos multiculturais que a tradução estabelece nexos com a intercompreensão, justapondo regras e técnicas que possibilitam tecer unidades de significado.

Com efeito, os estudos sobre tradução rigidos por um propósito comunicativo, no qual pessoas de culturas e línguas diferentes precisam se comunicar entre si, através da fala ou de textos escritos, dialogam com os estudos da intercompreensão que se rege por objetivos afins e, assim, ambas as teorias convergem no propósito de facilitar o caminho de entendimento escrito e oral de uma ou de várias línguas, incitando-nos a refletir sobre a riqueza e diversidade das línguas a partir de uma perspectiva positiva e integradora das diferenças.

A tradução tem como um dos seus princípios desnaturalizar o conhecimento linguístico e extralinguístico a fim de desenvolver a consciência de saber fazer “inferências e associações a partir do conhecimento de mundo [...] que inclui toda nossa bagagem cultural, e o conhecimento procedimental que nos ensina como utilizar o que já conhecemos” (ALVES; MAGALHÃES, PAGANO, 2000, p. 57); por outro lado, a intercompreensão também “busca conscientizar e otimizar os conhecimentos prévios que têm os aprendentes de tais ou quais temas para assim efetuar transferências de saberes de uma língua a outra(s)” (CHÁVEZ; ERAZO, 2014, p. 4).

É a partir desse conhecimento prévio que processamos as informações novas e, com base no que já sabemos, tecemos inter-relações entre esses elementos. Ao buscar o que é semelhante construímos novos significados e chegamos a um consenso, a um denominador comum. Todo esse apoio interno é uma habilidade muito importante na prática da tradução, já que essa “é uma tarefa que decorre principalmente do bom gerenciamento de informações, inicialmente, compreendidas e posteriormente reproduzidas, usando-se para tanto um mecanismo de transferência linguística” (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2000, p. 70), ao qual se chega através do diálogo e da troca de ideias. “A tradução é uma negociação que reflete o desejo de se chegar a um acordo apaziguador através da assimilação do diferente” (GOROVITZ, 2016)<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Fala da Prof.<sup>a</sup> Sabine Gorovitz durante aula da disciplina *Sociolinguística e Tradução* ministrada no primeiro semestre de 2016 no departamento de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UnB.

A intercompreensão também busca canais através dos quais possa transformar e adaptar os novos saberes, estabelecendo uma relação constrastiva de diferenciação e identificação entre valores semânticos na busca do sentido. Esse é o resultado de uma negociação entre práticas intersubjetivas e a presença do outro, rompendo com a dicotomia eu/outro, para aceitar a existência de diversas leituras de mundo, considerando o ponto de vista, a percepção de mundo, os interesses, a língua do outro. É ver no outro uma parte de si mesmo que ainda não tinha sido revelada, mas que está aí presente:

*Traduzir-se uma parte  
— que é uma questão —  
Será arte?*

*na outra parte  
de vida ou morte —  
Será arte?*

(Ferreira Gullar)

### 2.3 Tradução e Migração

*Yo no sé si es posible el cielo en la tierra,  
lo que sí creo, es  
que es imposible no luchar por eso.*  
Fidel Castro

Retomo o conceito de migração, discutido no capítulo I, como mobilidade circular em um ir e vir, ficar e seguir, no estar~sendo, na impermanência do ritmo e do pulso do tempo, enfim, como movimento complexo no caminhar dos transeuntes na busca da realização de seus sonhos materiais e, quiçá, nesse estar~sendo, realizar a travessia de si e tornar-se *ser humano*. Estabeleço um diálogo entre tradução e migração, pois ambos são fenômenos sociais e comunitários de mobilidades circulares, o primeiro de palavras, o segundo de pessoas atravessadas por palavras e fronteiras.

Mariana Jantsch de Souza ao discorrer sobre zonas intersticiais argumenta que “a fronteira é o limiar dos espaços culturais e sociais, demarca a porta de entrada, é o lugar em que ocorre o contato inicial com a cultura, marcando a passagem para o interior de um novo ambiente cultural” (2014, p. 477). Nesse “confronto”, guardada a indissociabilidade do binômio língua-cultura, colocam-se em contato, além das estruturas e regras linguísticas, fundamentalmente indivíduos que carregam sua bagagem social, cultural, étnica e as representações de si, do outro e da língua que tudo perpassa e significa.

O caráter dinâmico do estar~sendo do migrante provoca fricção, no entanto, é nesse atrito que se encontra um rico campo de superação de fronteiras, porque, ao atrever-nos a reconhecer o estrangeiro que nos habita, nos traduzimos e nos superamos. Só então, abrimos-nos a albergar o forâneo com seus deuses, seus sabores e odores, enfim, sua língua em minha língua. É justamente nesse espaço do estar~sendo que se encontra a potência e a construção de um terceiro caminho como mediador de signos e significações simbólicas atreladas a contextos socioculturais, representadas na língua de cada um.

As pesquisadoras Iliane Tecchio e Marcelina Bittencourt discorrem sobre esse espaço de mediação entre o que é familiar e o novo e argumentam que:

A apresentação do desconhecido, por meio daquilo que já se conhece, parece penetrar na esfera dos mecanismos espontâneos, impossíveis de serem ignorados, uma vez que o processo de tradução passa, necessariamente, pela construção de relações entre aquilo que já se conhece, com o algo novo que se está acessando (2011, p. 153).

Observa-se que tanto a tradução quanto o estar~sendo do migrante têm pontos convergentes, pois, em ambos os processos, parte-se daquilo que é familiar — língua e cultura — para a compreensão do inaudito. Para tanto, há que se negociar entre dois códigos, abrir-se a caminhar nesse terceiro espaço onde as fronteiras são mais porosas e efêmeras, aprender as regras do jogo simbólico da tradução e da migração e compreender que, em ambos os casos, há perdas e ganhos; há que estar atento para dar-se conta quando avançar e quando recuar, quando ceder e quando resistir.

Para compreender melhor esse jogo de ir e vir, Gorovitz insta a pensar a tradução como um processo contrastivo das línguas envolvidas. Nessa ação, o tradutor desvela as normas que regem esse jogo simbólico, bem como encontra os “parâmetros que vão além de critérios propriamente linguísticos, mas também fatores de natureza pragmática, cultural e normativa” (2012, p. 76). Com efeito, na análise comparativa adentra-se na forma como cada código linguístico apreende a realidade e se oferece a conhecê-la.

Portanto, transcender fronteiras e estabelecer um vínculo entre diferentes culturas é o desafio da tradução na migração, assim como, ser coautora e co-construtora de sentidos nesse terceiro espaço por onde transitam migrantes e tradutores têm como desafio desvelar-se a si e ao outro e, nessa ação, descobrir o que há de comum em ambos os sistemas simbólicos. Algo transita para além das fronteiras nacionais e culturais, essa permeabilidade nos prepara para digerir o novo, articular diferenças, criar o terceiro espaço da negociação de significâncias híbridas.

A tradução desde sua gênese é triangular, já que nela se inter-relacionam autor→texto →tradutor. Nessa tríade está à potência de expansão, de reconhecimento de suas fronteiras, de seus limites e também a vontade de atrever-se a ser, apesar do peso da tradição. Ser ou não ser fiel? Até onde sê-lo? Onde está a fronteira entre o que deve permanecer e aquilo que pede para ser renovado, recriado?

Na tradução, o conceito de fidelidade já foi e continua sendo muito debatido, no entanto, dificilmente chega-se a um consenso. São Jerônimo, considerado o pai putativo dos tradutores, em sua epístola *Os princípios da tradução*, afirma que, com exceção das Escrituras Sagradas, “um tradutor não devia sentir-se obrigado a produzir uma transcrição palavra por palavra; bastava traduzir o significado” (1693, p. 437-438). Consoante às afirmações de São Jerônimo, observa-se que traduzir é mais do que transpor palavras de uma língua à outra; traduzir é uma tarefa que requer reflexão consciente, uma análise detalhada do texto a ser traduzido e seu contexto, pois cada gênero textual exige uma habilidade específica. Alguns textos exigem mais flexibilidade, porém, com conhecimento de causa, outros, como os técnicos e científicos, exigem maior fidelidade na tradução.

Desse modo, nesse tabuleiro que é a tradução, passa-se por vários graus de reelaboração das inter-relações entre as línguas envolvidas. Na busca dos traços que dão caráter ao texto acaba-se por reconstruí-los, criando uma nova obra que é o reflexo de outra que, por sua vez, é o reflexo de outra, já que tanto o autor como o tradutor, cada um à sua maneira, traduzem a realidade. Portanto, há que se analisar caso a caso para decidir o grau de fidelidade correspondente a cada obra, porém, sem perder a autonomia, a liberdade e a presença de coautoria da tradução.

Como conciliar o conhecido com o desconhecido em um círculo de reconhecimento da diferença e de respeito mútuo onde se albergue o estranho? Antoine Berman, filósofo e teórico francês da tradução, argumenta que é a experiência e a reflexão que conduzem a uma prática ética e de respeito pela diferença. Ambas são fundamentais tanto para a tradução quanto para a migração, já que para que aquela seja uma prática ética é necessário aprender a respeitar as dissemelhanças de visão de mundo plasmadas na língua de cada um.

Isso se dá por meio da ética, como propõe Berman: “fidelidade e exatidão, ambas remetem a certa postura da pessoa em relação consigo mesma, ao próximo, ao mundo e à existência.” (2002, p. 81). O ético da tradução consiste na eleição de reconhecer e receber o outro em vez de rejeitá-lo ou buscar dominá-lo. Trata-se de abrir espaço ao estrangeiro dentro da própria língua e de criar uma maneira adequada que traduza o original, tendo o cuidado de não tratar como igual àquilo que é apenas análogo.

De maneira semelhante, a migração também deve buscar os caminhos da ética e da precisão no reconhecimento do outro e de sua diversidade, desenvolver a alteridade na construção desse espaço do estar~sendo, atrever-se a cruzar todas as fronteiras para descobrir o que há na outra margem, assombrar-se ao constatar que do outro lado há mais semelhanças que dissemelhanças e descobrir que são, apenas, diferentes maneiras de dizer o mundo. Essa é a grande aventura: encontrar a brecha para semear a aceitação do que é estranho em um solo que o germine e fecunde. Berman acrescenta que para ele,

a tradução é em sua essência o albergue do distante [...] a intenção ética, poética e filosófica da tradução (diferente da etnocêntrica, hipertextual e platônica) consiste em manifestar em sua língua essa pura novidade preservando seu rosto de novidade (2002, p. 83-84).

Nota-se que os desafios da tradução, em albergar a língua de partida na língua de chegada e preservar suas particularidades, vão ao encontro dos pressupostos éticos e humanos da migração que prega o paradoxo de igualdade na diferença. Preservar a face de novidade, tanto na tradução como na migração, é desestabilizar a maneira naturalizada de se pensar o mundo e, assim, lidar com o estranho.

O ofício da tradução é dar a conhecer as obras, “pôr ao dia o conflito que é a vida das obras” (BERMAN, 2002, p. 106). Assim, se uma obra se “abre à experiência de um mundo” (BERMAN, 2002, p. 76), o tradutor tem em suas mãos o importante trabalho de conservar a potencialidade desta, para que essa experiência seja autêntica e não defraude o leitor. Igualmente, a migração enquanto experiência de potencialidade da semelhança na diferença, abre caminhos para se chegar ao outro e traz à luz o conflito da vida do migrante. Délia Dutra, em sua tese de doutorado sobre migração feminina, afirma que:

A presença de outros diferentes nos coloca de imediato perante um espelho que constantemente está projetando a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade, outras concepções de mundo. E isso, não para o habitante local ou um integrante de um grupo que aceite os hábitos e costumes deste; também coloca à prova a quem vem de fora, ou aquele que se rebela perante a norma, na sua capacidade de dialogar com outras formas de entender a existência em sociedade (2012, p. 11).

As tensões que remetem à migração como processo de deslocamento, de estranhamento e de projeções são semelhantes às tensões que perpassam a tradução. Multiplicidade e diferença não são obstáculos intransponíveis e, sim, uma fonte ilimitada de recursos. Implica também em rebelar-se perante a norma, perante o texto original, para descobrir como fazer com que aquilo que foi enunciado em uma língua o seja em outra.

Segundo Gorovitz, “a tradução coloca em presença dois códigos que entram em contato por comparação e nessa relação são revelados os vínculos formais desses dois sistemas” (2012, p. 82). Aparecem as fronteiras, porém, com um caráter efêmero, dinâmico e maleável, na mesa de negociação se discute, se dialoga, trocam-se ideias até chegar a um acordo entre as partes — as línguas envolvidas — de construção e ampliação de sentidos. Há que se ter uma pitada de ousadia e não sacralizar o texto original para que essa empreitada seja bem-sucedida, pois a tradução é tão criadora quanto a obra-prima. Nela se albergam todas as possibilidades sinceras, genuínas e divergentes, à espreita de vir à luz.

Para Jorge Luis Borges, escritor e tradutor argentino, “a tradução pode ser um disparador de inovações políticas e culturais, um ato de grande potencial criador, um deslocamento irreverente necessário para a produção de textos na periferia” (2005, p. 68). As traduções, assim como a migração, são interativas, dialógicas e incorporaram o estrangeiro às polêmicas atuais e locais na reescrita da obra original.

A migração enquanto reescrita da obra original é amplamente fértil e possibilita aos atores envolvidos redizer sua história, ser autor e tradutor de si em um jogo de experimentação e em um processo de descobrimento e de transmutação por meio da palavra pacificadora e integradora de outras tradições, renovando e ampliando as próprias e as do entorno migrante. Ambos os fenômenos sociais não fazem parte do círculo seletivo dos privilegiados. Os tradutores lutam por ter seu trabalho reconhecido tanto social quanto economicamente e os migrantes lutam por ter seu lugar ao sol neste mundo conturbado e revoltoso.

Por outro lado, Lawrence Venuti, tradutor e teórico estadunidense, ao discorrer sobre o espaço atribuído ao tradutor argumenta que a invisibilidade dos tradutores, exigida por redatores, revisores e leitores etnocentristas, repercute na má situação econômica da profissão. O autor se declara partidário de um método de tradução no qual se ressaltam as diferenças das culturas minoritárias na sociedade anglo-saxã, propondo uma certa gradação no ato de traduzir: um texto pode ser traduzido sem que se apague totalmente o “ar de estrangeiridade” (2002, p. 17). A atitude de apagar a ação do tradutor conduz à seguinte ideia: quanto mais bem-sucedida a tradução, maior a (suposta) invisibilidade do tradutor, e maior a visibilidade do autor.

Por trás da invisibilidade do tradutor há um desequilíbrio comercial que fomenta esta dominação, e que também diminui o capital cultural estrangeiro em inglês ao limitar o número de textos traduzidos e os submetendo a uma revisão domesticadora. A invisibilidade do tradutor é sintomática de um comodismo nas relações anglo-americanas com outras culturas, um

comodismo que pode ser descrito — sem muito exagero — como imperialista no exterior e xenofóbico dentro do país (VENUTI, 1995, p. 17).

Esse tipo de tradução, segundo Berman, *servil*, busca que seu público entenda o desconhecido desde suas vivências e experiências, desde um olhar centrado em si, não gerando empatia porque não há o interesse em desvendar o outro. Porém, isso dificulta a abertura de um espaço de compreensão e expressão do outro e de sua língua e, esse fato, habilita a prática da tradução ensimesmada. Essa volta sobre si mesmo dificulta o labor tradutório respeitoso da diferença, então... como distinguir sem discriminar?

Para reverter esse quadro político, o autor sugere um caminho de prática tradutória onde se provoque o estranhamento no leitor, pois, desse modo, promove-se a diversidade cultural e se desafiam os valores dominantes da língua inglesa, no caso. Esse é um ato político, pois ao assumi-lo há que se posicionar fora da dicotomia de domesticar ou estrangeirizar, criar um terceiro espaço de diálogo e de respeito pela face mestiça da tradução. Trata-se, como na mestiçagem, de cruzamentos de linguagens e meios de expressão, que produzem novos sentidos em confronto e diálogo com um tempo linguístico que também é mestiço. Segundo Laplantine e Nouss “o pensamento da mestiçagem é um pensamento da mediação e da participação em pelo menos dois universos” (2002, p. 80). Esses autores configuram o tempo da mestiçagem textual como o tempo presente, por ser continuamente renovado, acaba por assegurar a permanência das criações e dos encontros: “é também em si mesmo um tempo mestiço visto que comporta a junção do passado e futuro, tensão em que se constitui” (LAPLANTINE; NOUSS, 2002, p. 81). A tradução encontra-se nesse tempo mestiço de mediação e fricção do cronos entre passado (texto de partida), presente (a tradução) e futuro (texto na língua de chegada).

Por outro lado, Berman ao discorrer sobre a face mestiça da tradução coloca ênfase em outros aspectos desse fenômeno, afirmando que:

A própria visada da tradução — abrir no nível da escritura uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro — choca-se de frente com a estrutura etnocêntrica de qualquer cultura, ou essa espécie de narcisismo que faz com que toda sociedade deseje ser um Todo puro e não misturado. Na tradução, há alguma coisa da violência da mestiçagem [...] a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é *nada* (2002, p. 16-17).

Essa é a grande visada da tradução e dos tradutores: assumir seu rosto mestiço e conservá-lo militantemente ao longo de todo o percurso tradutório. A ação ética no traduzir é o caminho para aprender a conciliar esses dois universos em relação de igualdade, deixando de lado os sonhos megalomaniacos de purismo, tanto do texto original quanto da cultura pura,



pois sabe-se que ambos se constituem na mestiçagem. No entanto, essa visão incomoda às mentes puristas que não se atrevem a olhar para além do visível, não se atrevem a se dar conta de que tudo o que há sob o sol é fruto da mestiçagem. Na tradução encontra-se a potência desse fenômeno que traduz a realidade complexa e imbricada nas diversas camadas mestiças do saber humano.

Os migrantes encontram-se em uma posição análoga a dos tradutores. Com efeito, salvo algumas exceções, em sua maioria, são a mão de obra que não tem reconhecimento nem social nem econômico e, de certo modo, lhes é pedido, de forma implícita, que sejam “invisíveis”, que incomodem o menos possível o *status quo* da sociedade que os recebe e que lhes exige deveres, porém, concede-lhes poucos direitos. Carregam em seus rostos, corpos e falares a cara mestiça que incomoda. Por onde quer que passem são testemunhas da nova ordem econômica e geopolítica que visa o capital em detrimento das pessoas, que prega o purismo em suas diversas formas, arrastando por trás de si o preconceito e a discriminação contra tudo o que é mestiço.

A diversidade na migração espelha o fortalecimento da discriminação que sofrem os migrantes internacionais mestiços. Patarra, ao pronunciar-se sobre as diferentes caras da migração, explica que os novos migrantes do Brasil — sul americanos, caribenhos e africanos — sofrem reações xenofóbicas e de discriminação nas regiões urbano-metropolitanas onde há maior concentração desses grupos e esclarece que esses migrantes pobres vivem em condições precárias e difíceis. “As políticas para as migrações internacionais estão pautadas no processo de assimilação dos imigrantes na sociedade receptora, no controle dessa população” (BAENINGER, 2012, p. 93).

A imposição de assimilação da população estrangeira é semelhante à domesticação do texto na tradução, já que, em ambos os casos, trata-se de “apagar” os traços estrangeirizantes que incomodam e, dessa maneira, (re)estabelecer a ilusão de que se está diante da obra original. Mas afinal, existe a “obra-prima” tão anelada e defendida pelas mentes puristas?

Borges, ao discutir o conceito de “original” recorre à imagem de mobilidade instável e de projeção. O autor “estabelece que as diversas traduções de um original representam múltiplas perspectivas de um objeto instável” (2005, p. 57). A ideia do original como “acontecimento móvel” é totalmente subversiva, pois questiona a ideia de um original fixo e estável, assinalando uma mutabilidade inerente a todo texto e, conseqüentemente, a toda obra criativa.

Borges apresenta um olhar revolucionário sobre o original e a tradução; para ele, “todo texto é um rascunho, não há original” (2005, p. 57). Borges nomeia esse fato como

“superstição da inferioridade das traduções” (2005, p. 57) e acrescenta que é “crença mágica em algo que não existe” (2005, p. 57), porém, alerta que as traduções tampouco são superiores ao original, são textos “igualmente legítimos enquanto ambos são rascunhos” (2005, p. 57), logo estão no mesmo nível de realidade. Borges afirma que os textos são uma série de versões que se refletem como se estivessem em uma sala textual de espelhos, onde é difícil diferenciar o original e argumenta que “mais do que reflexos, devemos dizer refrações, seguindo a André Lefevere, pois a tradução, mesmo ocorrendo dentro da mesma língua, sempre é um processo transformativo [...] ficam apenas traduções de traduções sem origem identificável” (2005, p. 58).

De maneira análoga, pode-se pensar a migração como fenômeno móvel que refrata todas as caras de homens e mulheres que alteram a ilusão de pureza por onde quer que passem, pois levam consigo a semente híbrida que fertiliza as terras por onde caminham. Tanto a tradução quanto a migração são fenômenos que se fundam no sair de si para ir ao encontro do outro, que não deixa de ser uma parte do eu que busca identificar-se na obra do outro para preencher os espaços intersticiais e, assim, tornar-se algo, novo produto desse ir e vir no movimento circular de estar~sendo. Seria saudável retomar a prática de certos poetas do final da Idade Média e do Renascimento que se auto-traduziam como um exercício de entender-se mais e melhor.

Tal é o caso emocionante do poeta holandês Hoof que, por ocasião da morte da mulher que amava, compôs uma série de epitáfios, primeiramente em holandês, depois em latim, depois em francês, depois de novo em latim, depois em italiano, depois — um pouco mais tarde — novamente em holandês. Como se tivesse tido a necessidade de passar por toda uma série de línguas e de auto-traduições para chegar à justa expressão de sua dor em sua língua materna (BERMAN, 2002, p. 13).

E assim, tradutores e migrantes considerados por puristas como portadores do vírus da mestiçagem, podem espargir a boa nova da necessidade de traduzir-se em uma série de línguas e culturas para chegar “à justa expressão” do que é estar~sendo nestes tempos revoltosos. Pratiquemos a diferença entre as línguas e entre os povos e não a neguemos, pois é na prática da diferença que se descobre que o estranho que o estrangeiro traz consigo é o estranho que carregamos no âmago do ser e que não queremos ver nem ouvir. Tradução e migração são práticas que retratam e refletem a diferença oculta e, nesse ato, ampliam a visão de si e do seu universo. Através do ato de exposição ao estranho oculto em mim “minha vulnerabilidade é integrada e fortalecida, transformando o inimigo em algo mais pacífico,

agregado ao meu capital simbólico, mediante a visada interativa e integradora que é a tradução” (GOROVITZ, 2016)<sup>13</sup>.

A tradução promove uma condição de interação e diálogo, de relação entre espaços diferentes que tendem a buscar o que é semelhante para estabelecer acordos. Busca chegar a um consenso conciliador e é nesse espaço que se pode estabelecer associações com a intercompreensão, pois ambas as práticas convergem “con lo que se entiende por actividades de mediación, tanto en un nivel lingüístico como cultural” (CHÁVEZ; ERAZO, 2013, p. 1).

Optou-se por apresentar os aspectos mais relevantes de cada teoria, uma vez que seria inviável desenvolver a presente pesquisa sem esses três vértices teóricos. A socioterminologia, por um lado, e a terminologia bilíngue, por outro, aportam os pressupostos teóricos para a discussão e elucidação dos 12 termos e seus respectivos equivalentes. Ademais, a tradução e a intercompreensão contribuem para a análise das entrevistas e para as reflexões acerca dos caminhos possíveis para estabelecer um diálogo entre o migrante e o médico nativo.

---

<sup>13</sup> Fala da Prof.<sup>a</sup> Sabine Gorovitz durante aula da disciplina *Sociolinguística e Tradução* ministrada no primeiro semestre de 2016 no departamento de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UnB.

### *Capítulo III - CAMINHOS E TRILHAS DA PESQUISA*

*O fundamental é estar aberto às surpresas, ao imprevisível e ao imponderável que emergem do trabalho de campo, mesmo que isso nos obrigue a rever nossos conceitos e a refazer o caminho trilhado.*

Rosália Duarte

A pesquisa é um processo de abrir estradas, de abrir os olhos, os ouvidos, de estar acessível para compreender uma dada realidade ou um objeto de estudo, apoiado em determinados pressupostos epistemológicos e teóricos. É a arte de combinar teoria e dados como método de aproximação a fenômenos da realidade que não se exaurem, portanto incompleta e parcial.

A partir desse ponto de vista, apresento neste capítulo a minha escolha por fazer uma pesquisa qualitativa, como suporte metodológico, para dar resposta à pergunta de pesquisa, a saber: quais os recursos discursivos utilizados pelos pacientes que não falam português para ultrapassar a barreira linguística e comunicar seus sintomas, sua dor? Quais são os vazios no léxico da dor nessa interação? Descrever-se-á também o contexto de pesquisa e o processo de coleta de dados para a realização deste estudo.

#### **3.1 Pesquisa qualitativa**

Pelo caráter social desta pesquisa optou-se por adotar os pressupostos da metodologia qualitativa, pois compreendemos que ela proporciona suporte teórico para analisar cientificamente os dados. Para tanto, tomou-se como referência as seguintes obras: *A arte de Pesquisar* (2004), de Miriam Goldenberg; *A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica* (1988), de Célia Mara Leal Braga; e *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (1986), de Hermengarda Alves Lüdke e Marli E. D. A. André. Nesses livros encontram-se os pressupostos teóricos da pesquisa qualitativa e as ferramentas que essa metodologia propõe para a coleta de dados e para a análise dos mesmos.

A pesquisa qualitativa se caracteriza por sua orientação multidisciplinar vinculada, principalmente, às ciências sociais. É um posicionamento metodológico que tem como vocação lidar com os problemas de ordem social e que opta pela observação participativa para a apreensão do fenômeno social em questão e suas significações advindas das interações entre os sujeitos. De acordo com Miriam Goldenberg, antropóloga, professora e escritora brasileira,

a realidade social “só aparece sob a forma de como os indivíduos veem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através ‘dos olhos dos pesquisados’” (2004, p. 15). Assim sendo, propus-me a escutar os entrevistados com atenção e presença para captar, através de seus olhares e relatos, a realidade por eles vivida e, assim, urdir um repertório terminológico para dar resposta aos problemas narrados pelos estudantes-migrantes.

Segundo Braga (1988), essa perspectiva de pesquisa viabiliza o estudo de fenômenos sociais e humanos, amplia a legitimidade dos temas estudados e analisa os “microprocessos”, apreendendo as ações sociais desde o interior desses fenômenos. É uma metodologia que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas da estrutura social, compreendendo a realidade a partir de um viés interativo, em que a narrativa é um ponto importante a se considerar, pois é através dos relatos dos agentes que os significados vão se tecendo palavra a palavra, silêncio a silêncio.

As autoras Hermengarda Alves Lüdke e Marli Elisa de André (1986), brasileiras, doutoras e pesquisadoras na área de educação, descrevem três etapas para a realização da pesquisa qualitativa:

- 1) Exploração: envolve a seleção e definição do problema, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada no campo. Nessa fase, são realizadas as primeiras observações para, assim, apreender melhor o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados. Esses primeiros questionamentos norteiam o processo da coleta de dados.
- 2) Decisão: consiste em selecionar entre os dados obtidos os mais relevantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado. Assim, as autoras, citando Wilson (1977, p. 69), afirmam que os tipos de dados relevantes são: forma e conteúdo da interação verbal dos participantes; comportamento não verbal; padrões de ação e não-ação.
- 3) Descoberta: consiste na explicação da realidade, ou seja, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as respostas encontradas em um contexto mais amplo.

Esse enfoque metodológico permitiu operacionalizar a pesquisa, isto é, levar a hipótese ao terreno da realidade social que se pretendia analisar: a interação médico-paciente em contextos de migração. Ao dar voz aos atores sociais da pesquisa, buscou-se, através de seus relatos, compreender e descrever a natureza do problema para, em seguida,

concentrarmo-nos nas variáveis que apresentavam um grau de dificuldade e que exigiam um olhar mais profundo e acurado por parte do pesquisador.

Por outro lado, as variáveis selecionadas são uma amostra do caráter multidimensional das dificuldades enfrentadas pelos migrantes, já que cada uma delas se refere a porções da realidade onde encontramos fatores complexos e que estão frequentemente relacionados entre si, como se verificou ao longo da análise. Cada uma das variáveis abre uma série de possíveis vias de conhecimento e indagação.

A fim de apreender melhor o fenômeno estudado — interação médico nativo/paciente-migrante —, optou-se por uma coleta de dados multifatorial que inclui duas técnicas qualitativas: entrevistas semiestruturadas e questionários, de modo a retratar de forma holística o fenômeno pesquisado. A abordagem qualitativa se mostrou preponderante, visto o viés social da presente pesquisa. A natureza da investigação se dá por meio da pesquisa aplicada, pois esta “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” (BRAGA, 1988, p. 35), que, neste caso, é gerar um glossário bilíngue, português-espanhol, que auxilie os migrantes a transpor as dificuldades linguísticas em uma consulta médica.

### **3.2 Contexto de pesquisa e participantes**

O levantamento de dados desta pesquisa foi realizado na Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro, entre os meses de setembro de 2016 e maio de 2017, com estudantes-migrantes de pós-graduação, hispanofalantes. Descrever-se-á o contexto de pesquisa e o processo de construção do caminho para coletar os dados a fim de apreender o fenômeno a ser analisado.

#### **3.2.1 Aspectos éticos**

Seguindo as etapas propostas pelas pesquisadoras Lüdche e André, descrevo os caminhos percorridos e as etapas deste percurso. A presente pesquisa faz parte do projeto “Mobilang: Migrações e fronteiras no Distrito Federal: a integração linguística como garantia dos direitos humanos”, sob a responsabilidade de Sabine Gorovitz, professora adjunta da Universidade de Brasília, e de Susana Martinez, professora assistente na mesma instituição.

Para que pudesse ser realizado, o projeto foi submetido e aprovado pelo Conselho Nacional de Saúde – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos

(CONEP), em 15 de dezembro de 2015, sob o protocolo nº 1369661 – (ANEXO A). Acatamos a preconização da resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde que prescreve os aspectos éticos da pesquisa que envolve seres humanos, dentre os quais observo e realço os seguintes pontos:

A eticidade da pesquisa implica:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (BRASIL, 2012).

Buscou-se em todo momento harmonizar os objetivos da pesquisa com as condições especificadas pelo Comitê de Ética. Para garantir a livre expressão dos entrevistados, desde o começo estabeleceu-se um canal de comunicação aberto e responsável. No primeiro contato com os atores sociais, foi-lhes apresentada a natureza da pesquisa, assim como seus objetivos e lhes era perguntado se queriam participar dela. Logo após, foi-lhes solicitada a autorização para o trabalho de investigação mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B).

Por parte da pesquisadora, sempre houve o empenho de deixar os participantes da pesquisa o mais à vontade possível para que pudessem se expressar com liberdade e sem receios. A escuta foi feita com atenção e empatia de modo a gerar segurança nos entrevistados para narrar suas experiências álgicas em terras estrangeiras com outra língua e outro recorte da realidade. Foi-lhes dada à garantia de que a informação que outorgassem seria analisada com cuidado ético e científico.

### **3.2.2 Contatos, percursos e campo**

*A investigação é um processo educativo, não apenas pelo que se descobre acerca dos outros, mas pelo que se descobre acerca de nós mesmos.*  
Peter Woods

De acordo com os pressupostos da pesquisa qualitativa, propus-me a observar a interação médico-paciente em seu ambiente natural. Logo, o primeiro passo para coletar os

dados foi aproximar-me das Unidades do SUS para observar a interação médico/paciente-migrante e verificar as dificuldades relacionadas à língua para narrar os sintomas da dor. Entrei em contato com o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) do Distrito Federal com sede no Varjão para obter informações acerca dos lugares onde havia uma maior concentração de migrantes.

O IMDH comunicou que os principais locais de confluência dessa população encontravam-se no Paranoá, Varjão e Samambaia Norte. Encaminhei-me ao SUS dessas localidades e fui recebida por seus respectivos diretores. Na ocasião informava-lhes sobre o Projeto Mobilang e sobre a pesquisa em andamento. Explicava-lhes o fenômeno a ser observado e sua importância para garantir os direitos dos migrantes em uma consulta médica, onde a interculturalidade se faz presente. Apesar de reconhecerem a importância da pesquisa, a resposta nos três locais foi a mesma: era impossível observar uma consulta porque se rompe o sigilo médico; este não autoriza que uma terceira pessoa esteja presente durante o atendimento médico.

Ao ser-me negada a observação direta da interação médico-paciente, para fazer um levantamento das dificuldades lexicais para exprimir os sintomas da dor, dentre outras questões linguísticas que provocavam interferência na comunicação, tive que averiguar outros espaços sociais onde convergiam migrantes, assim como, pensar em outra estratégia de observação para fazer o levantamento dos termos que seriam necessários para comunicar os sintomas da dor em uma consulta médica. Para tanto, realizou-se uma busca por outros lugares onde poderíamos encontrar a presença dos migrantes e constatou-se que, aqui em Brasília/DF, a Universidade de Brasília (UnB) é um dos locais onde há um número importante de migrantes-estudantes de vários países da América Latina e de outros continentes.

Portanto, decidiu-se que o trabalho de campo e a coleta de dados seria feita na UnB – Campus Universitário Darcy Ribeiro, com estudantes latino-americanos que se encontram realizando estudos de pós-graduação no mestrado ou no doutorado. O levantamento dos termos sobre a dor — no par linguístico espanhol-português — seria feito de modo indireto: através da narrativa dos estudantes-migrantes que tiveram que fazer uso do SUS. Priorizou-se a realização de entrevistas semiestruturadas e flexíveis, a fim de facilitar-lhes a narrativa das dificuldades de ordem linguística surgidas na interação médico-paciente. A importância desse instrumento na pesquisa qualitativa é salientado por Gaskell:

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos



atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação (2002, p. 65).

Optou-se por esse tipo de coleta de dados porque havia o interesse em conhecer e analisar o quadro geral das dificuldades narradas pelos estudantes-migrantes, para depreender os termos que haviam provocado ruído na comunicação e, a partir daí, propor um glossário terminológico bilíngue português-espanhol sobre a dor e suas diferentes nuances. Em geral, a maioria das entrevistas foi realizada em espanhol, porque ao narrar suas experiências álgicas em seu idioma, os entrevistados se sentiam mais à vontade para contar sua versão dos fatos vividos.

Esse procedimento me ajudou a compreender melhor quem eram os atores da minha pesquisa, bem como reconhecer o grau de dificuldade pelo qual haviam passado. Explicitar-se-á, logo adiante, no inciso “Instrumentos de Pesquisa”, como as perguntas foram elaboradas e quais itens foram levados em conta.

### **3.2.3 Coleta de dados**

A seguir, apresento o cenário onde foi realizado o trabalho de campo e a coleta de dados. Far-se-á uma breve contextualização da memória da Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro, pois é nesse espaço, não só físico, mas, sobretudo social, que estudantes de diversos lugares do Brasil e de outros continentes se misturam e se influenciam mutuamente tanto intelectual quanto culturalmente, enquanto exercem suas funções e papéis sociais por um determinado espaço de tempo.

A UnB, fundada em 21 de abril de 1962, fazia parte do Plano Piloto da nova capital do Brasil, localizada no Planalto Central, coração do Brasil. Ela foi fiada, urdida e tecida sob os ideais de uma educação comprometida integralmente com a transformação da sociedade brasileira, onde as pesquisas e avanços tecnológicos extrapolassem os muros simbólicos da universidade e chegassem à população, inaugurando um diálogo fecundo entre a academia, o povo brasileiro e o povo hispano-americano e, assim, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo mais próximo entre os americanos do Sul.

O antropólogo Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição, o educador Anísio Teixeira planejou o modelo pedagógico e o arquiteto Oscar Niemayer transformou ideias em edifícios. O Plano Orientador de 1962 diz que “só uma universidade nova, inteiramente

planificada, estruturada em bases mais flexíveis, poderá abrir perspectivas de pronta renovação do nosso ensino superior”.

O intercâmbio de saberes sempre esteve presente desde sua fundação até os dias de hoje, alternando períodos mais inovadores e férteis com outros mais conservadores e áridos. Através da Assessoria de Assuntos Internacionais (INT), a UnB busca promover a mobilidade acadêmica e ampliar e diversificar seus interesses por meio de acordos nacionais e internacionais. A INT atua como um importante ponto de apoio aos estudantes brasileiros e estrangeiros. Mediante programas de intercâmbio acadêmico a UnB aponta para uma formação em saberes mais integradores e diversificados culturalmente, tanto dos alunos brasileiros, quanto dos alunos internacionais, por meio de programas de intercâmbio e de mobilidade discente e docente. Segundo a atual diretora do INT, Sabine Gorovitz,

internacionalizar é abrir os ensinamentos, as portas das salas de aula, as redes de pesquisa. É acolher os alunos e professores estrangeiros, flexibilizar as equivalências de diploma, colocar os nossos intelectuais em contato com outros pesquisadores. Enfim, é aproveitar todo potencial gigantesco que a UnB tem [...] outro ponto essencial é fazer com que a INT acolha, de fato, os estudantes estrangeiros e não seja apenas facilitadora de intercâmbios acadêmicos. Acolher no sentido humano e ir além da sala de aula, de dar o diploma ou de resolver questões formais (UNB, 2017).

Como podemos observar, ficam expostas as referências bases da construção de uma proposta de acolhimento mais sensível e integradora. Assim, prestar assistência aos migrantes em diferentes espaços sociais é uma ação que se relaciona diretamente com nosso tema de pesquisa, engajado nesse propósito. A seguir, apresentar-se-á os agentes da pesquisa: estudantes de pós-graduação hispanofalantes da UnB.

### **3.2.4 Atores sociais da pesquisa**

Os atores sociais desta pesquisa são nove estudantes de pós-graduação latino-americanos. Foram entrevistados cinco homens colombianos, três mulheres colombianas e um peruano, com idades entre vinte e cinco e trinta e quatro anos. Dos nove estudantes, dois estavam cursando o doutorado em Desenvolvimento Sustentável e Engenharia Ambiental. Os outros sete estavam cursando o mestrado nas seguintes áreas: Agronomia, Antropologia, Biologia Molecular, Matemática, Sociologia e dois estavam cursando Sistemas mecatrônicos. Sete estudantes moravam na Casa do Estudante Universitário (CEU) e dois estudantes residiam na Asa Norte, próximo à UnB. Haver feito uso do SUS, ou de outro serviço de atenção à saúde, era um fator indispensável para ser entrevistado.

Adotou-se esse critério porque através de suas narrativas, em observação indireta, poder-se-ia encontrar os caminhos para dar resposta ao problema de pesquisa. Esses estudantes migrantes explicaram o que significou para eles essa vivência de, por um lado, tentar comunicar o que estavam sentindo e, por outro, valer-se de estratégias que os ajudassem a compreender e ser compreendido no momento delicado e de vulnerabilidade de uma consulta médica. Através de suas narrativas foi-se adentrando ao fenômeno em questão: apreender a natureza e o grau de dificuldades linguísticas por eles enfrentadas no momento de comunicar a dor e, assim, encontrar a melhor maneira de preencher as lacunas, os vazios na comunicação entre médico/paciente que não falam a mesma língua. Para tanto, partiu-se do princípio defendido por Goldenberg, “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social [...] de uma trajetória” (2004, p. 9), de fenômenos humanos que fazem parte da realidade social e que dificilmente podem ser traduzidos na forma de números e indicadores quantitativos.

Esses nove estudantes ao se deslocarem de seus países de origem, Colômbia e Peru, fizeram-no por via aérea e, na maior parte dos casos, foram recepcionados por estudantes amigos que já se encontravam em solo brasileiro realizando seus estudos e que os ajudaram com as questões burocráticas, de moradia e de socialização, em geral.

O tempo de permanência no país varia de dois a oito anos, que é o prazo para concluir o mestrado e o doutorado. São estudantes-migrantes que buscam aperfeiçoar seus estudos e capacitar-se para contribuir de forma efetiva para o conhecimento científico e humano em vários contextos sociais. Esse tempo *em trânsito* lhes propicia aprendizagens ao longo do caminho, não só no nível intelectual, mas também no nível pessoal, já que o deslocamento e a estadia — moradia de passagem — oferecem condições para “con-formar sua sensibilidade e seu caráter, sua maneira de ser e de interpretar o mundo” (LOURO, 2008, p. 12).

Esse grupo de estudantes, em entrevista, explicou as razões para ter escolhido a UnB para dar continuidade aos seus estudos. Segundo eles, o que os motivou foi o reconhecimento da excelência acadêmica das universidades públicas brasileiras na América Latina e o fato de os estudos de pós-graduação nas universidades públicas ser gratuito no Brasil. Outro fator apontado por eles foi a facilidade que esta instituição oferece aos estudantes internacionais no momento de inscrever-se: alguns departamentos permitem que todo o trâmite seja realizado à distância. Isso diminui gastos e viabiliza o ingresso através dos editais que cada departamento disponibiliza no momento de fazer a seleção de alunos para mestrado e doutorado. Nessas

editais, há um número de vagas específico para alunos internacionais com regras e normas próprias de cada departamento.

### 3.2.5 Local das entrevistas

As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro de 2016 e abril de 2017, na Casa do Estudante Universitário (CEU) situada na Colina, Bloco K – Campus Universitário Darcy Ribeiro.

**Figura 1** – Casa do estudante da Pós-Graduação (UnB)



Fonte: foto de Marta Molina, 2017.

O bloco K foi inaugurado em 1994 para dar alojamento aos estudantes de Pós-graduação que não residem em Brasília/DF. Durante o período que estiverem cursando o mestrado e/ou doutorado será sua “casa”, seu espaço de aprendizagem na arte de con-viver consigo e com o outro. Estão atravessados por mobilidades que perpassam suas memórias e experiências, as quais vão (des)construindo os sentidos e significados nas novas práticas cotidianas vivenciadas nos espaços sociais do Campus Darcy Ribeiro.

### 3.3 Instrumentos de pesquisa

A pesquisa qualitativa propõe uma coleta de dados mista, pois a combinação de mais de um procedimento, ao abordar o fenômeno pesquisado, ajuda a compreender melhor a

realidade observada. Por isso, adotaram-se dois procedimentos metodológicos: a) entrevistas semiestruturadas; e b) aplicação do questionário de dor *McGill* em espanhol (ANEXO C).

### 3.3.1 Entrevistas

A fim de apreender o máximo de informações de cada entrevistado, priorizou-se realizar entrevistas semiestruturadas e individuais com os estudantes que tiveram que fazer uso dos serviços de atenção médica. As técnicas de coleta de dados foram adaptadas de acordo com o contexto, o espaço de trabalho e com os objetivos buscados.

Nahoum (1985) compreende que a entrevista é um encontro de caráter privado e cordial, onde uma pessoa se dirige a outra e conta sua versão dos fatos vividos, respondendo a perguntas relacionadas com um problema específico, nesse caso as dificuldades interlinguísticas na atenção à saúde.

Já para Murillo (2010) a entrevista semiestruturada segue o seguinte desenho: previamente o pesquisador elabora um roteiro que estabeleça a informação que quer obter. As perguntas formuladas são abertas, permitindo ao entrevistado a realização de matizes em suas respostas que conceda à informação apresentada um toque pessoal. Esse procedimento de coleta de dados outorga as informações básicas para ampliar e captar como se dão as relações entre os atores sociais e a situação estudada.

### 3.3.2 O roteiro da entrevista

*Caminho se conhece andando, então vez em quando  
é bom se perder, perdido fica perguntado  
vai só procurando e acha sem saber.*

Chico Cesar

Depois de idas e vindas, de erros e acertos, de “sair perguntado e achar sem saber”, levou-se em conta os seguintes itens na elaboração do roteiro para a entrevista: o local onde seria realizado, o perfil dos entrevistados, os respectivos objetivos e a duração. As perguntas foram elaboradas considerando-se que a entrevista é uma conversa provocada pelo entrevistador, com um número representativo de pessoas, de acordo com um plano determinado e uma finalidade delimitada (GOLDENBERG, 2004). O roteiro para a entrevista se deu a partir dos itens abaixo:

- (1) apresentação dos entrevistados;

- (2) razões para escolher o Brasil para seguir os estudos;
- (3) dificuldades na integração social;
- (4) narrativa de sua experiência com o SUS ou outro local de atenção médica;
- (5) aplicação do questionário *McGill*.

As entrevistas, que tiveram, em média, uma duração de 10 minutos, foram registradas através do gravador de voz de um celular Samsung Galaxy 3 e foram realizadas em espanhol. Transcreveram-se, apenas, os excertos que ilustram os aspectos referentes ao fenômeno observado e foram analisados de acordo com os princípios teóricos da intercompreensão, da socioterminologia e da terminologia bilíngue. Não se fez uma transcrição integral das entrevistas porque o objetivo não era fazer uma análise do discurso, e sim, observar o conteúdo terminológico e as estratégias utilizadas por eles para superar as dificuldades linguísticas que vieram à tona através dos dois instrumentos usados para coletar os dados: entrevista e aplicação de questionário.

### 3.3.3 Critérios de análise de conteúdo das entrevistas

Após elucubrar sobre a forma mais acertada para analisar as entrevistas, decidi-me pela proposta de Laurence Bardin, professora da Universidade de Paris, presente no livro *Análise de Conteúdo*, já que alguns pressupostos dessa técnica se encaixavam na metodologia que buscávamos para analisar as entrevistas. A análise de conteúdo se apresentava como a mais adequada porque, por um lado, aportava insumos que permitiam avaliar e categorizar as diferentes dificuldades pelas quais os migrantes hispanos passaram no momento de narrar suas dores, e, por outro, viabilizava verificar se a hipótese inicial de como se transpunham as dificuldades era correta. Essa técnica coloca ênfase na verificação da hipótese e fornece elementos para classificar, codificar e estabelecer categorias de análise dos enunciados para atingir esse fim. Para Bardin, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2009, p. 44).

Seguindo a proposta da autora, após uma escuta atenta e crítica dos relatos dos atores sociais, teve-se a bem classificar e organizar o seu conteúdo de forma sistemática e objetiva a fim de descrever a natureza das dificuldades comunicativas por eles enfrentadas da seguinte maneira:

- I) Dificuldade linguística para expressar os sintomas, a dor;
- II) Estratégias para superar as dificuldades em relação ao léxico;
- III) Outros recursos utilizados para ultrapassar essa fronteira simbólica.

Cada item foi se desdobrando em outros subitens que permitiram uma visão mais detalhada dos percalços por eles vivenciados. Essa técnica possibilitou organizar as falas dos entrevistados e, seguidamente, analisar o conteúdo que dali emergiu. Também possibilitou a verificação da hipótese inicial, a saber: Os pacientes-migrantes fazem uso de certos recursos criativos (intercompreensão, mistura de línguas, linguagem gestual e corporal, etc.) para expressar os sintomas e recorrem também à mediação na interação médico-paciente.

### 3.3.4 Questionário de dor *McGill*

Incluímos o Questionário de dor *McGill* como procedimento complementar na coleta de dados para termos “uma ideia mais ampla e inteligível da complexidade de um problema” (GOLDENBERG, 2004, p. 61-62). A combinação de distintos procedimentos no estudo do mesmo fenômeno, “tem por objetivo abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo” (GOLDENBERG, 2004, p. 50). Esse questionário foi desenvolvido por Melzack e Torgerson, professores e investigadores da Universidade McGill, Montreal-Canadá, em 1971. A partir da comprovação da necessidade de elaborar um instrumento linguístico que permitisse mensurar a dor desde uma escala tridimensional, que levasse em conta as facetas sensitiva, afetiva e cognitiva desse fenômeno individual e subjetivo, desenvolveu-se a pesquisa terminológica sobre a dor nessa universidade, pois até aquele momento contava-se, apenas, com escalas unidimensionais, isto é, numéricas, para mensurá-la. Melzack e Torgerson elaboraram uma lista de 102 adjetivos que, dispostos em ordem alfabética, foram apresentados a pacientes, estudantes, médicos e trabalhadores da saúde para que os classificassem em função de afinidade, sinonímia e níveis de intensidade. A lista definitiva conta com 78 adjetivos, reunidos em 20 grupos, sendo que cada um dos quais contém de dois a seis termos dispostos em ordem de intensidade crescente.

Ainda hoje, após mais de 45 anos, o Questionário de dor McGill é parâmetro em pesquisas sobre a dor em diversos países e continua sendo o instrumento mais citado em pesquisas nesse campo (mais de mil citações só em MEDLINE). Teoricamente, é também o questionário de avaliação da dor que mais se impôs, tendo sido traduzido para mais de 15 idiomas, incluindo o espanhol e o português. É visto como instrumento universal, capaz de padronizar a linguagem da dor “quando se pretende obter informações qualitativas e

quantitativas a partir de descrições verbais” (PIMENTA; TEIXEIRA, 1996, p. 478). Desde a sua elaboração, “é o instrumento mais usado, até hoje, para avaliar outras características da dor, além da intensidade” (PIMENTA; TEIXEIRA, 1996, p. 474). Ele baseia-se no auto-relato do paciente e fornece elementos linguísticos que auxiliam na comunicação dos sintomas da dor, pois leva em conta o caráter individual e subjetivo da experiência dolorosa.

Pela relevância do Questionário *McGill* para o tema que nos concerne e pela sua especificidade terminológica no campo semântico da dor, ao final da entrevista aplicava-se o questionário em sua versão em espanhol, com os 67 adjetivos, agrupados em 17 subcategorias. Pedia-se lhes que marcassem os termos que considerassem importantes para comunicar a sua dor e, assim, evitar mal-entendidos na comunicação e interpretação de seus sintomas. Isso nos permitiu explorar o tema a partir de diferentes ângulos e começar a delinear uma ferramenta linguística facilitadora na interação médico/paciente-migrante.

Foram extraídos oito termos do questionário e quatro termos foram propostos pelos entrevistados por causa dos equívocos e das dificuldades na comunicação. Seguiu-se o seguinte critério para seleccioná-los:

- 1º frequência;
- 2º semelhança na forma, porém apresentando divergência no significado;
- 3º sugestão dos entrevistados.

Concluída a etapa de seleção dos termos que revelou as dificuldades lexicais apontadas pelos entrevistados, que revelou-se extremamente importante, decidiu-se seguir o caminho metodológico proposto pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Lamberti, professora e terminóloga da Universidade de Brasília para a identificação do equivalente em português, que detalhamos a seguir:

a) Primeiramente, consultar o Dicionario de la Real Academia (DRAE) versão on-line, 23ª edição, disponível desde 21 de outubro de 2015, e o Dicionario Señas que é um dicionário de base monolíngue, que introduz uma tradução ao final de cada verbete, ou seja, um dicionário semibilíngue, 4ª edição em sua versão impressa; ler a definição e observar qual das acepções coincidia com o propósito deste estudo para logo analisar seus traços semânticos.

b) O segundo passo foi consultar a base de dados bilíngue on-line *Linguee* para observar o equivalente proposto por essa obra.

c) A terceira etapa foi pesquisar o termo em português, proposto pelo dicionário *Linguee*, nos seguintes dicionários: Dicionário Houaiss da língua portuguesa 1ª edição, 2009 - versão impressa e, o Dicionário Caldas Aulete Digital. A escolha desses dicionários obedeceu



ao critério principal de serem amplamente conhecidos e utilizados pelos falantes das respectivas línguas.

d) No quarto passo estabeleceu-se a comparação das definições dos dois dicionários monolíngues, a fim de observar se havia correspondência entre os traços semânticos das descrições propostas.

As obras lexicográficas são ferramentas de grande importância no trabalho terminológico, quer seja monolíngue, quer seja bilíngue. Auxiliam a professores, tradutores, pesquisadores e ao grande público comum, a verificar a ortografia, as possibilidades de sentido de palavras comuns (dicionário de língua geral) ou de palavras especializadas (dicionário técnico/terminológico e fraseológico), ademais de ser uma ferramenta indispensável na tradução.

É amigo e camarada de todos os artesãos da palavra e, além disso, um recurso imprescindível na pesquisa terminológica, uma vez que versa sobre a matéria-prima com a qual se trabalha, ou seja, as palavras. De acordo com Xatara:

O trabalho de tradução profissional recorre a dicionários enciclopédicos (aqueles que trazem informações de natureza linguística e referencial) e a dicionários de língua monolíngües (com informações semânticas, nocionais, etimológicas, gramaticais e fonéticas), a dicionários especiais (de sinônimos, falso cognatos, etc.) e a obras terminológicas (1998, p. 179).

Os dados linguísticos fornecidos nos verbetes dos dicionários foram os que balizaram a busca do sentido do termo, primeiro na língua de partida — o espanhol — e seguidamente na língua de chegada — o português. Também, foi através das marcas de uso que pudemos detectar a variação dos termos, já que adotamos como norma o termo proposto pelo Questionário *McGill* e pelos entrevistados, porém, algumas vezes a definição do termo remetia a outro e com a marca de linguagem de especialidade MED (medicina). Foi através das marcas de remissiva que pudemos verificar a variação terminológica. Flavia Lamberti comenta que a variação não é “um elemento perturbador da unidade linguística”, pelo contrário, “a terminologia variacionista [...] passa a dar ênfase à diversidade porque reconhece que é por meio das línguas que se exercem as atividades sociais e cooperativas entre os falantes (2003, p. 86).

Assim, neste estudo pudemos reconhecer e identificar a variação dos termos no domínio da dor atestadas nos dicionário, confirmando que nas línguas de especialidade também se registra esse fenômeno linguístico.

A quinta etapa do processo de análise “de um fenômeno complexo, ao mesmo tempo linguístico, sociocultural, histórico, estético, político e individual” (AUBERT, 2001, p. 11),

foi recorrer a exemplos retirados da Web, para atestar o seu significado em contexto de uso. O uso da Web, tanto como ferramenta para verificar a representatividade de um termo em determinada língua, quanto para observar o contexto no qual o termo aparece, é muito comum na linguística de corpus, em trabalhos terminológicos e na tradução.

Como última estratégia de validação dos termos e de seus usos, consultou-se um especialista da área da saúde, o Dr. R. B., para atestá-los e, em alguns casos, para sugerir o termo equivalente, quando não obtivemos resultado no caminho de busca proposto nesta metodologia. O Dr. R. B. se dispôs a colaborar em nossa pesquisa, porque compreende a importância de contar com uma ferramenta terminológica como suporte linguístico, para que a comunicação entre ambas as partes, médico/paciente-migrante, seja mais eficaz. Pelo fato de ser cubano e atender pacientes brasileiros, o Dr. R. B., está em contato com a terminologia da dor em português e tem uma percepção de como ela é usada pelos pacientes. Ainda, por ter sua formação acadêmica em espanhol pôde auxiliar na busca do equivalente mais adequado, pois o seu conhecimento terminológico nessa área de especialidade foi de veras importante.

Finalmente, após a análise dos termos, passamos à confecção de nosso Glossário bilíngue de termos sobre a dor.

### 3.4 O glossário

Após a apresentação dos critérios para a coleta e análise dos termos sobre a dor que conformarão nosso glossário bilíngue espanhol/português, passamos a apresentar o glossário definitivo, composto por doze termos, que recebeu um tratamento terminológico a fim de torná-lo apto a consultas. Este é o produto final de toda a pesquisa efetivada.

O glossário é um tipo de repertório terminológico que organiza e define os termos de uma área especializada, neste caso, os termos pertencem à área da saúde, especificamente, dizem respeito aos sintomas da dor. Em sua feitura, tivemos em vista o perfil do usuário: migrantes hispanos. Para tanto, buscamos torná-lo um instrumento de consulta útil e prático com informação relevante na área de domínio da *Dor*. A elaboração buscou visar

a pragmática linguística do usuário, e, para isso foram consideradas as variantes. Estas ocorrem nos níveis linguísticos e sociais, nas interações socioculturais, no desempenho profissional, e refletem não só o uso das terminologias, como a propriedade redacional e a comunicação oral no meio (FAULSTICH, 1995, p. 3).

Considerando o exposto por Faulstich, confeccionamos a ficha terminológica levando em conta a norma e as variantes decorrentes de fatores sociais e culturais. Por ser um

glossário bilíngue, os doze termos foram registrados tanto em espanhol quanto em português, cada qual em sua ficha terminológica correspondente, ou, como diz Faulstich (1995), em sua certidão de nascimento.

Nesta etapa de construção do glossário, os aportes da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Lamberti foram sumamente importantes, ela propôs a metodologia de análise dos termos e qual seria a melhor maneira de introduzi-los, pontuando quais itens não poderiam faltar na ficha terminológica e deixando claro que, por cada termo estar registrado em ambas as línguas, tratava-se de um glossário bilíngue e não de um glossário monolíngue com a tradução do termo.

Para a elaboração deste glossário, buscou-se a equivalência funcional entre os termos, ou seja, que fossem utilizados em contextos comunicativos semelhantes em ambas as línguas, pois apesar da dor ser uma experiência universal, nos deparamos com aquilo que não é, visto que ela é produto de uma construção social e cultural que se expressa em um conjunto de signos linguísticos definido por cada comunidade. Tendo presente essa particularidade da dor é que buscou-se o termo equivalente na língua de chegada.

### **A microestrutura do glossário**

Para a elaboração das fichas terminológicas, recorreremos ao Programa RepLet, desenvolvido pelo professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da UnB, René Strehler, que explica que:

O RepLet é um programa especialmente criado para elaborar e editar repertórios no ambiente Windows (XP ou 7, com exceção de Vista), facilitando assim a tarefa do lexicógrafo, ou do terminógrafo, de acordo com o projeto que pretende realizar (GOROVITZ; STREHLER, 2011, p. 16).

Esse programa possibilita a confecção “de repertórios mono-bi-ou plurilíngues” (GOROVITZ; STREHLER, 2011, p. 45), e pelo fato de nosso repertório ser bilíngue recorreremos à utilização desse programa. As fichas terminológicas foram confeccionadas sob o modelo proposto por Strehler. Detalhamos, a seguir, a estrutura das fichas de nossa base de dados. Ao confeccionar a microestrutura da ficha levamos em conta os seguintes itens:

- Entrada do termo precedido pela sigla correspondente: ESP e PB.
- Conceito: obrigatório em projetos bilíngues, pois vincula uma unidade lexical a seus equivalentes em outras línguas.
- Categoria gramatical.

- Área: corresponde à marca de uso que indica que as unidades lexicais pertencem à Dor.
- Estatuto do termo: o RpLet propõe três possibilidades: normativo, sinônimo e variante.
- Definição: neste campo está a definição do termo na língua correspondente e fonte da definição.
- Contexto: contexto situacional em que o termo relacionado aparece e a fonte
- Remissiva: usou-se VER para fazer a ligação das unidades lexicais em variação.
- Nota técnica: este campo está reservado para as informações adicionais relevantes que ajudem a melhor compreender o termo. Este campo nem sempre aparece preenchido.

A seguir, oferecemos um exemplo de ficha terminológica com os campos preenchidos de acordo com o modelo proposto pelo programa RepLet. Trata-se da ficha correspondente ao termo *como agujas*:

**Figura 2 – Ficha terminológica (a)**

The screenshot shows the RepLET software interface. The main window is titled 'RepLET' and has a menu bar with 'Criar um Projeto', 'Abrir um Projeto', 'Editar um Projeto', and 'Fechar'. Below the menu bar, there is a section 'Trabalhar num Projeto' with a language selection dropdown set to 'ESP' and 'Espanhol'. The main area is divided into several sections:

- 0 Entrada:** A large empty text area for entering new terms.
- Ficha Terminológica (1/2):** The active tab, showing a card for the term 'aguja'. The card includes:
  - Entrada/Termo:** A text field containing 'aguja' and a dropdown menu with 'aguja' selected.
  - ou crie um novo conceito:** A button labeled 'C.E.' with a sub-label 'Validar o conceito novo e associá-lo ao Termo em via de criação'.
  - Escolhe a categoria gramatical:** A dropdown menu with 's.f.' selected.
  - Indique o estatuto do termo:** A dropdown menu with 'norma' selected.
  - Indique o domínio do termo:** An empty dropdown menu.
- Left sidebar:** A list of metadata for the term:
  - Ent.: aguja
  - co.: aguja
  - Gram: s.f.
  - Est.: norma
  - Dom.:
  - MU:
  - Def.: Barra pequeña y puntiaguda, de metal, hueso o madera, con un ojo por donde se pasa el hilo, cuerda, correa, bejuco, etc., con que se cose, borda o teje. (DRAE)
  - Cont.: Otras sensaciones son sentir pinchazos de alfileres o agujas (<https://goo.gl/DbwQnj>)

Fonte: RepLet, 2017.

Figura 3 – Ficha terminológica (b)

The screenshot shows the RepLET software interface for editing a terminological card. The window title is "RepLET" and the menu bar includes "Criar um Projeto", "Abrir um Projeto", "Editar um Projeto", and "? Fechar". The main area is titled "Trabalhar num Projeto" and shows the following details:

- Escolhe a Língua:** ESP (Spanish), with a flag icon and the text "Espanhol".
- Último Acesso:** 22/10/2017 23:23:48.
- Actions:**
  - Alimentar a base
  - Excluir uma ficha
  - Importar
  - Modificar fichas
  - Consultar as fichas
  - Manutenção
- Buttons:** "Validar a nova ficha", "Limpar a ficha", and "Fechar o projeto".
- Card Details:**
  - Ficha Terminológica (1/2):** "Ficha Terminológica (2/2)" (selected), "Exclusão", "Manutenção", "Importar".
  - Definição:** "Barra pequeña y puntiaguda, de metal, hueso o madera, con un ojo por donde se pasa el hilo, cuerda, correa, bejuco, etc., con que se cose, borda o teje. [DRAE]"
  - Contexto(s):** "Otras sensaciones son sentir pinchazos de alfileres o agujas (https://goo.gl/DbwQrj)"
  - Nota técnica:** (Empty field)
  - Fonte:** (Empty dropdown)
  - Source Selection:**
    - Fonte da Definição
    - Fonte do Contexto
    - Fonte da Nota técnica
    - Fonte da Observação
- 0 Entrada:** (Empty list)
- Metadata:**
  - Ent.: aguja
  - co.: aguja
  - Gram.: s.f.
  - Est.: norma
  - Dom.: MU:
  - Def.: Barra pequeña y puntiaguda, de metal, hueso o madera, con un ojo por donde se pasa el hilo, cuerda, correa, bejuco, etc., con que se cose, borda o teje. [DRAE]
  - Cont.: Otras sensaciones son sentir pinchazos de alfileres o agujas (https://goo.gl/DbwQrj)

Fonte: RepLet, 2017.

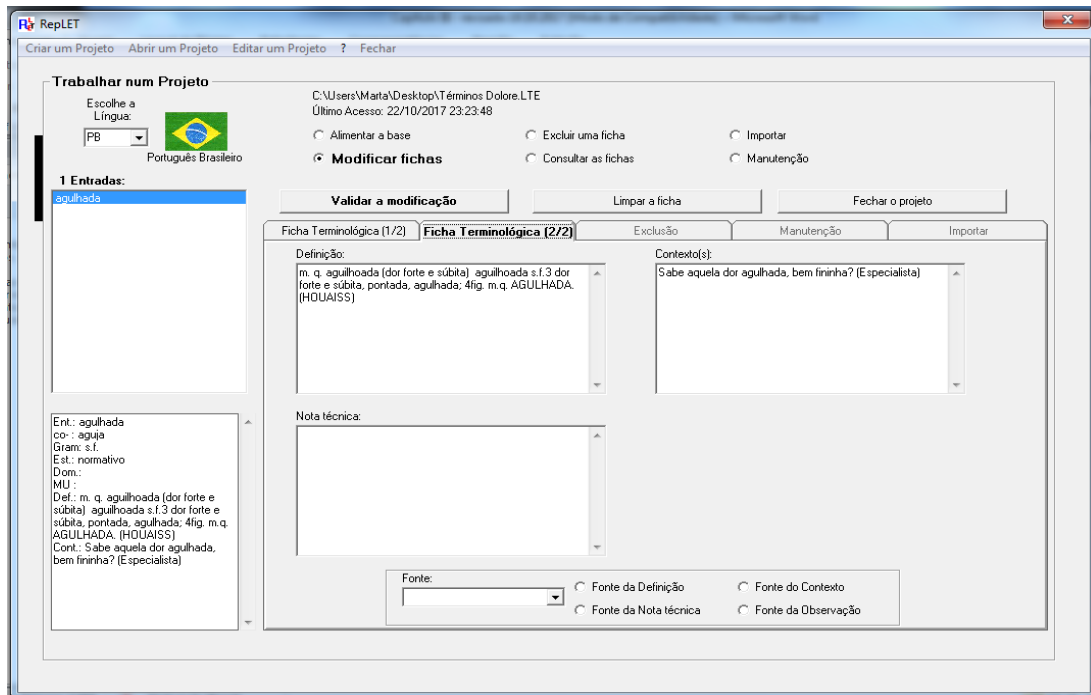
Figura 4 – Ficha terminológica (c)

The screenshot shows the RepLET software interface for editing a terminological card. The window title is "RepLET" and the menu bar includes "Criar um Projeto", "Abrir um Projeto", "Editar um Projeto", and "? Fechar". The main area is titled "Trabalhar num Projeto" and shows the following details:

- Escolhe a Língua:** PB (Portuguese), with a flag icon and the text "Português Brasileiro".
- Último Acesso:** 22/10/2017 23:23:48.
- Actions:**
  - Alimentar a base
  - Modificar fichas
  - Excluir uma ficha
  - Consultar as fichas
  - Importar
  - Manutenção
- Buttons:** "Validar a modificação", "Limpar a ficha", and "Fechar o projeto".
- Card Details:**
  - Ficha Terminológica (1/2):** "Ficha Terminológica (2/2)", "Exclusão", "Manutenção", "Importar".
  - Entrada/Termo:** "agulhada" (input field) and "agulha" (dropdown menu).
  - Association:** "<<< Associe um conceito ao Termo <<<"
  - Creation:** "ou crie um novo conceito:" with a "C.E." (Concept Entry) button and a "Validar o conceito novo e associá-lo ao Termo em via de criação" button.
  - Grammatical Categories:**
    - Escolhe a categoria gramatical: s.f.
    - Indique o estatuto do termo: normativo
    - Indique o domínio do termo: (Empty dropdown)
- 1 Entradas:** "agulhada" (list item)
- Metadata:**
  - Ent.: agulhada
  - co.: agulha
  - Gram.: s.f.
  - Est.: normativo
  - Dom.: MU:
  - Def.: m. q. agulhada (dor forte e súbita) agulhada s.f. 3 dor forte e súbita, pontada, agulhada; 4fig. m. q. AGULHADA. (HOUAIS)
  - Cont.: Sabe aquela dor agulhada, bem fininha? (Especialista)

Fonte: RepLet, 2017.

**Figura 5 – Ficha terminológica (d)**



Fonte: RepLet, 2017.

Assim, por meio dessas fichas, pretendemos propor um modelo de verbete para o nosso glossário bilíngue que, por um lado, atenda as necessidades terminológicas de profissionais da palavra (contexto de uso, equivalentes e variantes) e, por outro, facilite a comunicação entre médicos nativos e pacientes migrantes que se encontram em solo brasileiro e precisam fazer uso dos serviços de atenção à saúde e não sabem como expressar seus sintomas.

Decidimos apresentar duas propostas do repertório terminológico. A primeira dialoga com um público técnico e apresenta-se da seguinte maneira: seus verbetes estão dispostos em ordem alfabética e no tocante à sua microestrutura o repertório contempla os seguintes itens: 'entrada', 'conceito', 'categoria gramatical', 'variante', 'contexto de uso', 'nota técnica' e 'equivalente', de acordo com o modelo de ficha terminológica desta metodologia. A segunda proposta é uma versão prática do glossário bilíngue de termos sobre a dor, mais acessível e funcional aos migrantes hispanos, que contém a seguinte informação: 'entrada' e 'contexto pragmático' do termo em espanhol e português. As frases foram validadas por especialistas da área. O modo como foi gerado é rigoroso, mas a forma de transmissão para nosso público-alvo é de fácil acesso e compreensão.

Por fim, enfatizamos que a proposta desta ferramenta terminológica visa, por um lado, auxiliar os profissionais da palavra, e por outro, propiciar uma interação linguisticamente

mais sensível entre profissionais da saúde e pacientes na complexa tarefa de traduzir essa experiência humana cultural e simbólica que é a dor.

## Capítulo IV - ENTRE RELATOS E TERMOS: A JUSTAPOSIÇÃO DAS PALAVRAS

*A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa.  
A verdade é que a palavra, ela mesma, em si própria, não diz nada.  
Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.  
Quando existe acordo existe comunicação,  
Mas quando esse acordo se quebra ninguém diz mais nada,  
Mesmo usando as mesmas palavras.  
Viviane Mosé*

Neste capítulo, analisamos os dados obtidos neste estudo, de acordo com as etapas descritas na metodologia, para dar resposta à pergunta de pesquisa: quais os recursos discursivos utilizados pelos pacientes migrantes hispanofalantes que não falam português para ultrapassar a barreira linguística e comunicar seus sintomas, sua dor?

Como se pontuou anteriormente, a dor é uma experiência individual e subjetiva, e, ao mesmo tempo, caracterizada por um viés cultural. O relato da dor, por um paciente a um médico, é essencial para a compreensão da dimensão algica e aplicação do diagnóstico adequado a cada caso. Em vista disso, buscou-se verificar e compreender quais foram as estratégias utilizadas pelos nove entrevistados hispanofalantes no momento de descrever os seus sintomas a médicos brasileiros, quando tiveram que recorrer ao SUS ou a outro centro de atenção médica.

Para tanto, começou-se pela análise da entrevista<sup>14</sup> que continha cinco perguntas, expostas no capítulo III, que retomamos a seguir:

- (1) apresentação dos entrevistados;
- (2) razões para escolher o Brasil para seguir os estudos;
- (3) dificuldades na integração social;
- (4) narrativa de sua experiência com o SUS ou outro local de atenção médica;
- (5) aplicação do questionário *McGill*.

### 4.1 Análise do conteúdo das entrevistas

---

<sup>14</sup> As entrevistas foram realizadas em espanhol. Optei por não traduzir as falas dos entrevistados para dar ao leitor desta dissertação a possibilidade de perceber como se estabelece a intercompreensão.



Os dados coletados através das entrevistas foram organizados, sistematicamente, em forma de quadros. Esse modo de apresentação dos dados permite um melhor entendimento dos procedimentos e estratégias utilizadas pelos migrantes para superar as dificuldades de comunicação no espaço social de uma consulta médica, possibilitando, também, averiguar se é possível a construção de um espaço discursivo de intercompreensão.

Mediante a análise de conteúdo das entrevistas, buscou-se observar a presença ou a ausência de um ou de vários “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 44). Para tanto, realizou-se uma escuta atenta e minuciosa das entrevistas gravadas, na qual se assumiu uma postura aberta e objetiva, em busca de sistematizar, classificar e categorizar as dificuldades em três quadros que passamos a apresentar logo abaixo.

Dos nove estudantes-migrantes que participaram dessa pesquisa, oito eram colombianos dos quais três eram do gênero feminino e cinco do gênero masculino, e um era peruano do gênero masculino.

**Quadro 1** – Dificuldades linguísticas para expressar os sintomas da dor.

ATOR SOCIAL	PAÍS	SEXO	SIM	NÃO	PRONÚNCIA	LÉXICO
D.C.C.	COL.	FEM.			X	X
M.I.O.	COL.	FEM.	X		X	X
J.M.G.	COL.	FEM.	X		X	X
A.B.V.	PER.	MASC.	X		X	X
J.F.M.	COL.	MASC.	X		X	X
R.D.S.	COL.	MASC.		X		
D.A.S.	COL.	MASC.	X		X	X
D.D.N.	COL.	MASC.		X		
J.A.U.	COL.	MASC.	X		X	X

Fonte: da autora, 2017.

Desse quadro, depreende-se que, dos nove entrevistados, somente dois declararam não haver encontrado dificuldades para expressar os seus sintomas. R. D. S., colombiano, mestrando em Mecatrônica, afirmou não ter encontrado empecilhos para se comunicar com o médico e atribui esse fato à característica da lesão que o levou ao SUS: luxação de 2º grau; em suas palavras *la rodilla hablaba por si sola*.

D. D. N., colombiano e mestrando em Biologia Molecular, disse que a proximidade entre o espanhol e o português facilitou a comunicação no contexto médico e que não viu a diferença entre as línguas como barreira, mas, sim, como uma oportunidade de aprender

coisas novas, de crescer, de adicionar o contato com a língua portuguesa ao seu conhecimento de mundo. Ambos os informantes tiveram que fazer uso do SUS por causa de lesões provocadas ao jogar futebol.

Em contrapartida, os outros sete informantes afirmaram ter encontrado dificuldades para poder expressar sua dor. Embora, reconheçam a proximidade entre as línguas, admitiram ter passado por momentos de confusão por não saber expressar o que estavam sentindo e não entenderem o que as pessoas diziam: *era muy enredado, las personas hablaban muy rápido y eso me impedía, me limitaba mucho; no me sentía a gusto para expresar lo que quería*, declarou M. I. O., colombiana, mestrandia em Agronomia.

A semelhança entre o português e o espanhol facilitou a comunicação em certos aspectos, mas prejudicou em outros, principalmente no que se refere à pronúncia: *si no pronuncias correctamente, no te entienden*, argumentaram os atores sociais. Quando tiveram que recorrer ao SUS, os entrevistados afirmaram que as dificuldades se acentuaram devido à fragilidade do momento. D. C. C., colombiana e doutoranda em Engenharia Ambiental, afirmou que: *el dolor ofusca el pensamiento y la comunicación queda más comprometida, y eso es frustrante*.

Apesar de o português e o espanhol serem línguas próximas e irmãs — pertencem à mesma família linguística, tendo o latim como língua mãe —, é na fonética onde se percebe as diferenças que vão gerar dificuldades na comunicação. O sistema vocálico do espanhol possui cinco vogais orais e o do português, sete, que variam dependendo da acentuação. Um falante nativo do português não precisa aprender nenhum som vocálico novo ao estudar o espanhol, o seu esforço estará concentrado em eliminar os sons do português que não se encontram no espanhol, como a nasalização e a abertura de sons das vogais médias *e* e *o*. Por outro lado, o falante nativo do espanhol ao entrar em contato com o português, terá que aprender a fazer distinções que não existem em seu sistema vocálico. Mattoso Câmara considera que:

Os falantes da língua espanhola têm uma grande dificuldade diante do português falado, justamente por causa da variada gama dos nossos timbres vocálicos, em contraste com a relativa simplicidade e consistência do sistema vocálico espanhol. Portugueses e brasileiros, ao contrário, acompanham razoavelmente bem o espanhol falado, porque defrontam-se com um jogo de timbres vocálicos muito menos variável que o seu próprio (MATTOSO CÂMARA, 1970, p. 29).

Apesar da observação de Mattoso Câmara, constatou-se o outro lado da moeda quando D. A. S., colombiano e doutorando em Desenvolvimento Sustentável, teve que recorrer ao

SUS por problemas no *baço*. O médico não entendia qual era o órgão que lhe causava dor; D. A. S. dizia: *me duele el bazo*.

Deduzimos que a dificuldade de compreensão do vocábulo *baço* se deve a dois fenômenos fonéticos: o primeiro refere-se à consoante, oclusiva, bilabial, sonora, oral /b/, que no português do Brasil sempre se realiza como oclusiva; porém, no espanhol esse fonema se realiza como alofone fricativo /β/ do fonema /b/. Já a vogal /o/ ao final de sílaba, no português do Brasil, se realiza como /ʊ/, fenômeno que não ocorre no espanhol.

Esses dois fenômenos coadjuvam para que a palavra tenha uma entonação diferente em ambas as línguas, a despeito da proximidade na grafia. Segundo a narrativa de D. S., foi ele quem percebeu a diferença de entonação e abriu o canal de comunicação para que a mensagem, que precisava ser transmitida, chegasse ao receptor de forma clara, sem ambiguidade: *yo fui el que relacioné la palabra*. O estado alerta e vigilante o fez detectar a diferença fonética e, apesar da dor, abrir-se a criar um espaço onde fosse possível traduzir-se em outro ritmo, outros timbres, outro compasso e, assim, ser bem diagnosticado.

Outro aspecto que muitas vezes induz ao ruído na comunicação diz respeito aos vocábulos heterotônicos que compartilham a forma gráfica nas duas línguas, igual ou muito semelhante, contudo, apresentam diferenças no acento tônico. Esse fenômeno também foi vivenciado por D. S.: *yo padezco de una enfermedad que se llama hipercolesterolemia genética [...] entonces yo decía triglicÉridos y no me entendían porque en portugués cambia el acento, se dice trigliceRÍdeos y si no pronuncias correctamente, no hay caso: no te entienden*. Compreender o ritmo, a acentuação e a cadência diferenciada das línguas em questão é muito importante para que se estabeleça um canal de comunicação claro na interação médico-paciente migrante e para que não se corra o risco de, por má compreensão, ser mal diagnosticado.

No quesito “léxico”, os entrevistados apontaram duas dificuldades: a primeira tem a ver com o pouco conhecimento da língua portuguesa no momento que tiveram que recorrer ao SUS, somado à vulnerabilidade da situação que *ofusca el pensamiento*, como disse a colombiana D. C. C.. A segunda dificuldade refere-se aos vocábulos heterossemânticos. Esse grupo é composto pelos famosos *falsos amigos* ou *falsos cognatos* que podem provocar interferências significativas na comunicação. Os falsos cognatos apresentam semelhanças em sua forma gráfica e/ou fônica, mas divergem parcial ou totalmente quanto ao significado em ambas às línguas. Os termos *débil*, *latido* e *pica* foram escolhidos por nossos atores sociais por provocarem interferência e mal-entendidos na comunicação e serão analisados de forma detalhada na seção de análise terminológica.

Pode-se inferir que a prosódia, assim como o ritmo, a intensidade, o tom, a altura e a duração são características discursivas muito importantes no momento de compreender e ser compreendido. Desse modo, há que se criar uma zona de diálogo onde o que se diga faça sentido para aquele que ouve, pois a dimensão auditiva penetra no mundo subjetivo da pessoa e dali extrai sua narrativa. Assim segue o conselho: afine o ouvido e diga *trinta e três* de maneira a ser compreendido, aguçe-o outra vez para compreender o que lhe será dito. Dialogue e negocie significados. Atrevam-se!

No próximo quadro, considerar-se-á as estratégias de que nossos atores sociais lançaram mão para superar as dificuldades na interação médico/paciente-migrante.

**Quadro 2** – Estratégias para superar as dificuldades

ATOR SOCIAL	PAÍS	SEXO	INTERCOMPREENSÃO→REPETIR→FALAR MAIS LENTO		
D.C.C.	COL.	FEM.	X		
M.I.O.	COL.	FEM.		X	
J.M.G	COL.	FEM.	X	X	X
A.B.V.	PER.	MASC.			X
J.F.M.	COL.	MASC.		X	
R.D.S.	COL.	MASC.			X
D.A.S.	COL.	MASC.	X		
D.D.N.	COL.	MASC.	X		
J.A.U.	COL.	MASC.			X

Fonte: da autora, 2017.

Analisando os itens acima, nota-se que nossos informantes utilizaram a intercompreensão e suas estratégias, repetição e fala mais lenta, como o principal recurso para alcançar seu objetivo. Com relação aos subitens, repetir e falar mais lento, nota-se que estes norteiam a construção do sentido, tão importante para os interlocutores no contexto social estudado nesta pesquisa. Ressalta-se que ambas as estratégias aqui observadas são acionadas em contextos bi/multilíngues quando os atores sociais não sabem a língua do outro, mas buscam superar os entraves na comunicação tentando entender-se através de estratégias criativas.

A fala mais lenta abre um canal de compreensão mútua, assim como repetir de forma amável demonstra o reconhecimento da presença do outro, diferente, contudo, próximo. Desse modo, ao utilizar essas duas estratégias, extraem-se significados, efetuando uma operação de mão dupla, na qual os interlocutores observam na língua do outro, traços da sua própria língua.

A intercompreensão foi a estratégia utilizada pelos atores sociais no momento de narrar as dolências que os afetam em terras longínquas, na tentativa de entender o outro tecendo relações entre as línguas em questão. Como disse J. M. G., colombiana, mestranda em Antropologia: *uno está en otro país, solo y enfermo, no habla el idioma, pues es muy difícil*. Como fazer para escutar de forma ativa a fim de estabelecer relações entre o que se sabe e o que se escuta?

Há que se dispor a negociar significados a fim de tornar a interação qualitativamente diferenciada, pois ao nos colocarmos no lugar do outro, aproximando-nos de sua cultura e língua, desenvolvemos a capacidade de co-construção de sentido. D. C. C. disse: *Como muchas cosas son parecidas, entonces da para entender lo que el médico te está diciendo y lo que yo le digo*. Nessa “semelhança das línguas”, ambas as partes, médico e paciente, se dispuseram a alcançar um bom entendimento, logrando assim uma interação sensível e responsável.

D. D. N. nos contou que: *Cuando tuve que hacer uso del SUS ya llevaba casi un año aquí en Brasil, y además en mi área el portugués que manejo es técnico, pues soy de Ciencias Biológicas, entonces no fue tan complicado poder comunicarme porque ya conocía muchas palabras, muchos conceptos*. O espanhol e o português compartilham muitos vocábulos, pois além de serem línguas aparentadas, também são muito próximas e essa proximidade oferece subsídios para a mútua compreensão. Ulsh “estabelece que mais de 85% do vocabulário português possui *cognatos* no espanhol” (1971 apud ALMEIDA FILHO, 1995, p. 14). Portanto, há que se estar atento a essa expressiva semelhança entre as duas línguas, já que isso é a condição para a intercompreensão entre os falantes. No entanto, é preciso considerar as falsas semelhanças lexicais que podem provocar desde pequenas interferências na comunicação até uma mudança total de significado entre o que se diz e o que se quer dizer.

Um dos princípios da intercompreensão é considerar a semelhança entre as línguas como o principal suporte para facilitar a comunicação (CHÁVEZ; ERAZO, 2014), o que fica explicitado no caso acima. As palavras e conceitos da área de estudos de D. D. N., Ciências Biológicas, o favoreceram além de sua capacidade de acessar os conhecimentos prévios como estratégia de intercompreensão entre esses dois códigos.

Nos excertos a seguir, destacou-se o desejo de criar um espaço de diálogo e de intercompreensão, de entender o outro através de uma perspectiva positiva e integradora da diferença, urdindo fio a fio o significado. D. S. disse que: *los médicos son muy amables y pacientes con uno que es extranjero, que no tiene cómo explicar muy bien sus síntomas*. Já F. J. M., colombiano, mestrando em Matemática observa que: *que uno no se siente muy cómodo*

*como cuando habla español, porque es la lengua de uno, pero me pareció que me hice entender, fue fluido, gracias a que yo llevaba un año aquí y entonces mi portugués no es tan bueno, pero sí para hacerme entender y entender lo que me hablan. También depende de quién te escucha, conté con esa suerte.*

Corroborando os excertos acima, remetemo-nos a Clara Ferrão Tavares (2011) que declara que a “intercompreensão é uma finalidade [...]. Todos procuramos compreender-nos para podermos co-habitar. É assim, um valor, mas que pressupõe uma atitude ou atitudes de abertura, de disponibilidade, de prazer em estar com outros, certamente diferentes”. Desse modo, por meio do desejo e da receptividade de traduzir-se e de traduzir o outro, pôde-se criar um espaço de intercompreensão e de negociação entre práticas intersubjetivas em presença do outro, rompendo com a dicotomia eu/outro para aceitar a existência de diversas leituras de mundo, considerando o ponto de vista, a percepção de mundo, os interesses e a língua do outro, nesse lugar do estar~sendo.

No próximo quadro, explicitamos outros caminhos percorridos na tentativa de relatar os sintomas da dor.

**Quadro 3** – Outros recursos utilizados para cruzar a fronteira simbólica de relatar a dor

ATOR SOCIAL	PAÍS	SEXO	LINGUAGEM GESTUAL	AMIGO/A INTÉRPRETE	DESENHO
D.C.C	COL.	FEM.	X	X	
M.I.O.	COL.	FEM.		X	
J.M.G.	COL.	FEM.	X	X	X
A.B.V.	PER.	MASC.		X	
J.F.M.	COL	MASC.	X	X	
R.D.S.	COL	MASC.			
D.A.S.	COL	MASC.		X	
D.D.N.	COL	MASC.	X		
J.A.U.	COL	MASC.	X		

Fonte: da autora, 2017.

Como podemos observar no quadro acima foi por meio de diversos caminhos e atalhos que ambas as partes buscaram solução para os entraves na comunicação, vale ressaltar que tanto a linguagem gestual como desenhar são estratégias que a intercompreensão utiliza para alcançar a interação. Os excertos a seguir exemplificam os recursos extralinguísticos mobilizados pelos atores sociais em consulta médica.

D. C. C. nos contou que: *la primera vez fue muy difícil comunicarme y que ellos entendieran lo que estaba sintiendo, lo intenté a través de señales corporales, pues con el habla fue complicado.* Por outro lado, J. F. M. disse que: *cuando estuve internado tocó*

*comunicarme por señas, cuando no sabía la palabra señalaba “la cosa” que quería decir y así nos entendíamos. Já J. M. G. narrou que: el médico me explicaba y cuando no lo entendía, me explicaba con dibujos, me mostraba gráficamente los términos que no entendía.*

Assim, por meio da comunicação não verbal, que é um modo diferenciado de interagir através de gestos, posturas, olhares, desenhos, tentou-se abrir um canal de entendimento. A comunicação não verbal é utilizada em contextos bi/multilíngues quando a interação verbal está tolhida, sendo um excelente recurso de apoio comunicativo para além da palavra. Para Vera Teixeira de Aguiar, “usamos constantemente essas duas linguagens, e elas acabam complementando-se” (2004, p. 29). São práticas que se desenvolvem no encontro e na copresença entre pessoas que buscam captar o conteúdo da mensagem mediante imagens, metáforas e símbolos. A autora divide o conjunto de signos concebidos pelas comunidades para comunicar-se em dois grupos: o verbal e o não verbal: “O primeiro organiza-se com base na linguagem articulada, que forma a língua, e o segundo vale-se de imagens sensoriais várias, como as visuais, auditivas, cenestésicas, olfativas e gustativas” (AGUIAR, 2004, p. 25).

Nota-se que alguns dos atores sociais envolvidos empregaram gestos que têm uma relação direta com o significado, driblando as dificuldades advindas do não domínio do código verbal com os insumos do código não verbal e, assim, a flecha atingiu o seu alvo: emitir e receber a mensagem da dor, a fim de poder ser atendido e aliviado.

Passamos ao último recurso utilizado por nossos informantes: ir acompanhado de uma pessoa próxima que tinha um domínio maior da língua portuguesa para que servisse de mediador entre o profissional da saúde e o paciente-migrante. Os excertos abaixo ilustram esse fenômeno:

A. B. V., peruano, mestrando em Sociologia disse que: *fue muy difícil decirle al médico lo que estaba sintiendo porque no sabía bien la especificidad de mi dolor, ayudó mucho contar con la presencia de mi novia. En el momento de la consulta fue ella quien habló por mí.*

J. M. G. disse que poder contar com esse apoio, foi deveras oportuno: *tuve que ir a una clínica médica odontológica, la chica con la que vivía, que era brasileña, me acompañó y me ayudó a comunicarme con el médico, y el médico también decía cosas que yo no entendía, entonces ella me explicaba, me ayudó mucho.*

M. I. O. afirmou que depois de idas e vindas, contar com o apoio de um brasileiro foi fundamental: *no sabía cómo decir una palabra en portugués y tenía que entrar sólo al consultorio, entonces eso fue un problema porque no sabía cómo explicar. Pienso que tal vez*

*eso fue un problema, porque el médico entendió que tenía una alergia pero los medicamentos que me mandó no fueron los adecuados porque tuve que ir dos veces más a diferentes lugares, hasta que en el último lugar fui acompañada de una persona brasileña, ahí fui bien diagnosticada y medicada.*

Constata-se que muitos dos nossos entrevistados tiveram que ir acompanhados de uma pessoa próxima, que falasse o português melhor que eles e que se dispusesse a atuar como mediador nessa relação médico brasileiro-paciente migrante hispanofalante, para superar os empecilhos na comunicação. Hoje, no Brasil, essa prática vem se tornando frequente, por causa do número considerável de migrantes que tem ingressado no país. Miriam Shlesinger (apud ATKINSON, 2006) afirma que a maioria das interpretações são realizadas *ad hoc*, por pessoas sem treinamento específico e que se solidarizam com a condição do migrante. A interpretação comunitária está focada na mediação e acontece em ambientes educacionais, judiciários e médicos, onde se faz necessária a mediação linguística entre as partes como prática social e humanitária.

Ao não haver uma resposta oficial por parte do governo na contratação de intérprete comunitário, os migrantes ora recorrem a amigos que se encontram há mais tempo no Brasil e dominam melhor o português, ora pedem ajuda a amigos brasileiros que se dispõem a acompanhá-los ao SUS e realizar mediação na consulta médica como intérpretes. Assim, as barreiras linguísticas enfrentadas por pacientes que não falam o português são mediadas graças a intervenção, de maneira improvisada, de terceiros, intérpretes amadores-voluntários sem prévia capacitação específica.

Desse modo, através da narrativa dos entrevistados pode-se verificar se a hipótese inicial sobre as estratégias que os atores sociais, envolvidos na interação médico/paciente, empregaram para resolver os impasses provocados pela barreira linguística, era correta. Partiu-se de três hipóteses: 1) Os pacientes-migrantes fazem uso da linguagem gestual e corporal para expressar os sintomas? 2) De quais recursos linguísticos lançam mão para fazer-se entender? 3) Houve a necessidade de mediação na interação médico-paciente? A partir delas desdobraram-se quatro estratégias mobilizadas na tentativa de superação das diferenças de código linguístico, somando um total de seis habilidades desenvolvidas nessa interação.

Buscou-se tecer algumas considerações a respeito dos dados coletados mediante os pressupostos da intercompreensão, da tradução e da migração. Para a análise dos componentes fonéticos e lexicais, recorreu-se ao estudo de línguas próximas, especificamente português-espanhol; os excertos analisados balizam a relação de proximidade das línguas, apresentando suas vantagens e desvantagens. Através desse enfoque foi possível detectar o



tipo de dificuldade pelas quais passaram os migrantes entrevistados. Por um lado, havia dificuldades ligadas ao som e ao ritmo do português, pois essa língua possui mais variação que o espanhol, por outro lado, encontramos dificuldades ligadas aos termos relevantes e necessários para expressar os sintomas da dor.

Em seguida, analisamos as categorias da intercompreensão que dialogam com esta pesquisa para observar as estratégias criativas utilizadas para criar uma zona de compreensão e respeito pela diferença nas ações cotidianas de atenção à saúde. Verificou-se, porém, que a empatia nem sempre esteve presente nas interações. Além disso, constatou-se que, quando todas as estratégias falham, é necessário recorrer a uma terceira pessoa que saiba melhor o português e que se disponha a mediar a comunicação entre as partes nesse encontro social em que as pessoas estão mais vulneráveis por estarem longe de seu país, de seus entes queridos e, ademais, doloridos.

É nesse momento que se faz necessário um diálogo entre tradução e migração, pois ambos são fenômenos sociais e comunitários de mobilidades circulares, o primeiro de palavras, o segundo de pessoas atravessadas por palavras e fronteiras. É justamente nesse espaço do estar~sendo que se faz necessária a construção de um terceiro caminho de resolução das diferenças, como mediador de signos e significações simbólicas atreladas a aspectos sociais e culturais, representadas na língua de cada um.

Disponibilizar-se para superar as barreiras da língua e da cultura do migrante por parte da equipe de saúde é parte da ética do ofício daquele que fez o juramento hipocrático. É aprender a lidar com a diferença, articulando a própria língua com a língua do outro, em um espaço de negociação de sentidos, de tradução de si mesmo e do outro. Esse movimento é germinador de um lugar de transição, de cruzamento de fronteiras como potência constitutiva de novas práticas na saúde.

Na próxima seção, expor-se-á a análise dos doze termos selecionados pelos entrevistados e os caminhos percorridos para encontrar o equivalente na língua de chegada — o português.

## 4.2 Análise dos termos selecionados

*Todo está en la palabra...  
Una idea entera se cambia porque  
una palabra se trasladó de sitio,  
o porque otra se sentó como una reinita  
adentro de una frase que no la esperaba  
y que le obedeció.*

*Tienen sombra, transparencia, peso, plumas,  
pelos, tienen de todo lo que se les fue agregando  
de tanto rodar por el río,  
de tanto transmigrar de patria,  
de tanto ser raíces...  
Son antiquísimas y recientes...  
Viven en el féretro escondido  
y en la flor apenas comenzada...  
Pablo Neruda*

*Toda a obra do ser humano é imperfeita. Os dicionários estão,  
sem dúvida nenhuma,  
entre as obras mais imperfeitas do homem.  
Tiktin*

Na segunda parte da entrevista aplicou-se o questionário de dor *McGill* em espanhol, que contém 67 descritores álgicos, apresentado detalhadamente no capítulo III, a fim de que o entrevistado indicasse os termos que o teriam auxiliado no momento de narrar a sua dor. Assim, através da exposição a essa terminologia, os entrevistados pacientes-migrantes assinalavam os descritores que eram reconhecidos como importantes para descrever seus sintomas e que iriam compor o glossário bilíngue sobre a dor. O objetivo era identificar as estruturas terminológicas que poderiam auxiliá-los em encontros futuros e, também, a todos os migrantes que eventualmente precisem fazer uso de serviços médicos.

Essa etapa foi sumamente importante para a coleta dos termos. No entanto, por momentos, tivemos que auxiliar os entrevistados na compreensão da terminologia especializada do *McGill*, o que já era um indício de que esse quadro descritor não era totalmente adequado ao nosso público-alvo. Outro empecilho, porém, em menor grau, foi a variedade dos usos do espanhol peninsular e latino-americano.

Como resultado da análise dos relatos e das escolhas dos entrevistados foram extraídos oito termos do questionário de dor *McGill*, somados a quatro propostos pelos entrevistados (identificados com um \*), perfazendo um total de doze termos. Utilizaram-se os critérios abaixo para selecioná-los:

- 1º) frequência;
- 2º) semelhança na grafia, porém apresentando divergência no significado;
- 3º) indicação dos entrevistados.

Os doze termos extraídos das entrevistas foram analisados com base nos pressupostos teóricos da socioterminologia e da equivalência bilíngue, conforme explicitado no capítulo 2. A análise parte do espanhol em busca do equivalente no português, pois nosso público-alvo (estudantes migrantes hispanofalantes, em sua maioria), usou o espanhol ao ser convidado a

participar da pesquisa e compartilhar suas experiências de descrição dos sintomas de sua dor ao profissional de saúde brasileiro.

O quadro abaixo apresenta os termos obtidos na aplicação do questionário aos entrevistados.

**Quadro 4 – Termos Álgicos**

<b>Termos – Espanhol</b>
1- *Acidez
2- Calambrazos
3- Como agujas
4- Como un hormigueo
5- Como latidos
6- *Como si apretara
7- Como si pasara corriente
8- Como un picor
9- Débil
10- *Migraña
11- *Mareo
12- Nauseante

Fonte: da autora, 2017.

Para a análise dos termos seguiu-se os seis passos explicitados no capítulo III, a saber:

- 1) Consulta ao dicionário DRAE e ao dicionário Señas.
- 2) Consulta ao dicionário bilíngue Linguee.
- 3) Consulta ao dicionário Houaiss, Michaellis e ao dicionário Caldas Aulete.
- 4) Análise contrastiva das definições propostas pelos dicionários acima citados.
- 5) Exemplos retirados de sites da área médica na Web para atestar o significado em contexto de uso.
- 6) Consulta aos especialistas da área médica Clínica Geral, Dr. R. B. M. e Dr. N. M.

Assim, empreendemos o caminho de análise dos termos em cada língua, lembrando sempre que “um dicionário nunca é completo, mas apenas representativo de uma língua ou de um setor específico de uma língua” (XATARA, 1998, p. 10). Apesar de toda crença e expectativa popular que envolve os dicionários, estes não fornecem todas as respostas a todos os questionamentos sobre a língua por várias razões, dentre as quais destacamos a urgência das editoras para publicar as obras e o fato de as línguas, em uso, estarem em constante movimento.

Reconhecer os limites dos dicionários é fundamental para não sermos guiados por caminhos tortuosos, já que o léxico sofre constantes mutações porque reflete os hábitos socioculturais de uma comunidade viva e dinâmica que faz uso de uma língua, igualmente,

viva e dinâmica para criar e representar seu recorte da realidade no léxico. Nas palavras de Rafael Carmolingo Alcaraz “a língua se renova e cresce com as criações e transgressões dos seus falantes. Ela não é um produto e sim um processo um *continuum* cujo início e fim coincidem com os da humanidade” (2006, p. 123).

A vitalidade e o dinamismo das palavras não se sentem à vontade na camisa de força dos dicionários, pois estes se apresentam de maneira mais conservadora, resistindo a todo o dinamismo e variabilidade que caracteriza a língua oral. Gabriel García Marquez, no prólogo do dicionário *Clave – Diccionario de uso del español actual*, aponta o dinamismo das línguas como resultado da ordem lógica interna a seu funcionamento e diz que:

[...] las palabras no las hacen los académicos en las academias, sino la gente en la calle. Los autores de los diccionarios las capturan casi siempre demasiado tarde, las embalsaman por orden alfabético, y en muchos casos cuando ya no significan lo que pensaron sus inventores (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996).

Apesar de suas limitações, os dicionários fornecem informações importantes para aqueles que se empenham em apreender o significado e o sentido das palavras, pois é o acervo do saber coletivo dos povos, constituindo um de seus mais importantes capitais simbólicos. Passemos, pois, a análise dos termos.

### **1º Termo: acidez estomacal**

Esse termo foi escolhido pelos entrevistados por ser um sintoma recorrente na etapa de adaptação do sistema digestivo a uma nova cultura alimentar. Realizou-se uma busca no questionário de dor *McGill*, em espanhol, a fim de averiguar se o termo em questão havia sido incluído nesse repertório. O termo *acidez estomacal* não foi encontrado nem outro que se aproximasse semanticamente a ele no corpus do *McGill* em espanhol, logo, buscou-se o termo no DRAE.

**Acidez: 1. f.** Malestar producido por exceso de ácido en el estómago.

Em seguida, consultou-se o dicionário bilíngue on-line *Linguee* a fim de balizar o caminho na busca do equivalente em português e obteve-se a seguinte resposta:

<b>Esp.</b>	La METOCLOPRAMIDA se utiliza para tratar los síntomas de la enfermedad por reflujo gastroesofágico (ERGE) como la acidez estomacal.
<b>Port.</b>	METOCLOPRAMIDA é usado no tratamento dos sintomas da doença do refluxo Gastroesofágico (DRGE) como azia.

A partir daí, o próximo passo foi procurar o termo *azia*. Analisou-se a definição no dicionário Houaiss para observar qual era o significado:

**Azia:** 1. *s.f.* GAST ver *PIROSE*.

Como se pode observar, na entrada do vocábulo *azia*, há a remissiva ao vocábulo *Pirose*. Seguiu-se, portanto, o caminho sugerido pelo dicionário e se chegou ao termo *Pirose*:

*s.f.* Gast. sensação de dor epigástrica semelhante a uma queimadura, ger. acompanhada de regurgitação de suco gástrico para dentro do esôfago; *azia*.

Na entrevista com o médico, o Dr. R. B. M., identificou-se o termo *queimação* como um possível sinônimo de *azia*, passível de atestação no dicionário Michaelis abaixo:

**Queimação:** *s.f.* 4 coisa que incomoda, que molesta. *Queimação no estômago: azia*.

Ao usar o termo *queimação* como equivalente do termo espanhol *acidez*, é preciso especificar a região onde esta ocorre: *ex. queimação no estômago*.

Cada língua faz suas escolhas para traduzir em palavras as sensações físicas e, de acordo com um conjunto de escolhas conscientes, cada comunidade faz representações da realidade. Para Maria Teresa Cabré, “as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação” (1993, p. 126). É a partir dessas representações que a tradução pactua significados e cria equivalentes, no entanto, “essa criação é uma ilusão, uma fantasia”<sup>15</sup> porque da coisa em si, o que se sabe? Só há **R**epresentações de **R**epresentações, de **r**epresentações coletivas.

Para fazer as escolhas mais adequadas ao nosso público-alvo, que utiliza termos mais populares para expressar suas dolências, levou-se em conta a mudança de registro que o dicionário assinala, sendo *azia* e *queimação* variantes de registro. A equivalência sugerida é:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Acidez estomacal	Azia / queimação no estômago

## 2º Termo: Calambrazos

Ao selecionar esse termo foi-me esclarecido que na variante falada por eles (Colômbia) usava-se *calambre* e não *calambrazo*. Essa elucidação condiz com Faulstich,

<sup>15</sup> Comentário feito pela Prof.<sup>a</sup> Sabine Gorovitz durante a disciplina *Sociolinguística e Tradução*, no primeiro semestre de 2016, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UnB.

quando discorre sobre as variantes de uso que estão ligadas à dimensão social, espacial, temporal e discursiva. Ao que tudo indica estamos diante de duas variantes de uso: a espacial sinalizada pelo entrevistado e a discursiva balizada pelo Questionário *McGill*, que visa à comunicação entre especialistas, portanto, com um discurso mais técnico. A autora observa que há que estar atenta para reparar se o termo “é usado em discurso científico, técnico ou de vulgarização” (FAULSTICH, 1995, p. 4). Partimos para a busca do termo registrado no questionário *McGill*: *calambrazo*.

Pode-se observar que o próprio DRAE não registra o termo *calambrazo* e indica o vocábulo *calambre* como o mais próximo àquele, coincidindo com o termo indicado por nossos atores sociais:

**Calambre:** *m.* contracción espasmódica, involuntaria, dolorosa y poco durable de ciertos músculos, particularmente de la pantorrilla. **De estómago.** *Pat. Gastralgia;* dolor muy fuerte de estómago, generalmente causado por lesión en el mismo.

Seguindo os passos da metodologia, consultou-se o dicionário bilíngue Linguee:

Espanhol	Português
Si es posible el momento en que aparece el calambre realizaremos un estiramiento del músculo que se encuentra acortado.	Se for possível, no momento em que aparecer a câibra realizaremos um alongamento do músculo que se encontrar encurtado.
Comer alimentos sólidos ayudará a aliviar y evitar los calambres estomacales.	A ingestão de alimentos sólidos vai ajudar a facilitar e prevenir cólicas de estômago.

**Câibra:** *s.f. 1* MED contração muscular súbita, involuntária e dolorosa, de caráter transitório, ger. causada por problemas vasculares decorrentes de esforço excessivo ou do frio. *s.f. pl. 3* espasmo de certos músculos (lisos ou estriados) ou a dor assim causada; **cólica**, esp. abdominal. (HOUAISS)

Pode-se observar que ambos os dicionários compartilham o mesmo sentido de contração muscular involuntária e dolorosa, porém, observa-se que o termo *calambre* é usado para a contração dos músculos da panturrilha e do estômago, já o termo *câibra* refere-se ao espasmo de certos músculos e sinaliza o termo *cólica* para mal-estar abdominal. Vejamos o que diz a definição do termo *cólica*:

**Cólica:** *s.f. Med 1* dor espasmódica ligada à distensão do tubo digestivo, dos canais glandulares ou das vias urinarias  $\circ$  *cólicas s.f.pl.*  $\square$  *c. gástrica m.q.* **Gastralgia.** (HOUAISS)

Observa-se a marca m.q. que remete ao termo *Gastralgia*:

**Gastralgia:** *s.f.1 Med.* Dor no estômago ou na região epigástrica.

Os termos apresentam a marca de variante de registro, portanto, devem ser analisados sob um olhar que leve em conta os contextos socioculturais e as variações advindas “das funções linguísticas que estão sempre presentes, a serviço de necessidades sociais” (FERREIRA, 2004, p. 27). Tendo em conta essas funções, propõe-se a seguinte equivalência:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Calambre: Contracción em músculos inferiores	Cãibra: Contração em músculos inferiores
Calambre abdominal	Cólica na região abdominal
Dolor de estômago	Dor de estômago

### **Construções metafóricas com “como”**

Os próximos quatro termos, em espanhol, vêm precedidos pelo advérbio relativo *como*. Decidiu-se fazer uma análise geral do advérbio e, seguidamente, mergulhar na análise de cada termo. O advérbio relativo *como* na segunda acepção do DRAE, diz o seguinte:

2. adv. relat. En el modo o la manera que, del modo o la manera que, sin antecedente expreso.

Esse é um recurso da linguagem utilizado pelos falantes para descrever algo com o nome de outra coisa, por comparação: dói como... Grande parte da linguagem cotidiana é metafórica, “compreender é experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46). No uso metafórico, um conceito é estruturado em termos de outro, para que se compreenda melhor o sentido da coisa. George Lakoff e Mark Johnson (2002, p. 22) defendem que as metáforas regem nossos pensamentos e ações, principalmente quando falamos de abstrações e emoções. Segundo os autores, elas são uma forma de compreender o mundo, nossa cultura e nós mesmos. Dessa forma, apesar de a dor ser uma experiência humana e universal, cada cultura constrói seus conceitos metafóricos de acordo com referências culturalmente marcadas e, conseqüentemente, as expressões linguísticas metafóricas são pactuadas coletivamente e reconhecidas em cada comunidade.

Assim, esses termos no espanhol apresentam uma marca sintática com função pragmática que visa facilitar a narrativa da dor por parte do paciente em consulta médica, já o português tem um adjetivo pronto para isso. Após essa esclarecimento, segue a análise dos termos que a apresentam.

### 3º Termo: “Como agujas”

As trinta e três acepções que o DRAE registra para essa entrada explicita a variedade de formas e usos do objeto agulha. A primeira acepção diz:

**Aguja:** *f.* **1.** Barra pequeña y puntiaguda, de metal, hueso o madera, con un ojo por donde se pasa el hilo, cuerda, correa, bejuco, etc., con que se cose, borda o teje.

Ao longo das trinta e três acepções, nota-se que o significado de base é perfurar, atravessar, penetrar algo. Em nenhuma das acepções há um possível significado vinculado à dor, porém, esse significado de base unido ao advérbio *como* indica que alguma coisa dói de uma determinada maneira: *como agujas*; e exemplifica como a experiência da dor é construída no espanhol. Tendo em vista essa construção metafórica para expressar a dor, consultou-se a expressão no dicionário Linguee, mas nenhuma das entradas propostas coincidia com o valor semântico *como agujas*. Consultei o Dr. R. B. M. e ele me disse que o termo em português para expressar esse tipo de dor é *aguhlada*.

**Aguhlada:** *s.f.* **2 m. q.** aguilhoada (dor forte e súbita) ≈ aguilhoada *s.f.* **3** dor forte e súbita, pontada, aguhlada; **4 fig.** m.q. **AGULHADA**.

Ambas as línguas utilizam o substantivo *agulha* como uma metáfora de ação que provoca dor, contudo, cada língua representa linguisticamente a experiência algica de acordo com as convenções autorizadas por cada comunidade. Portanto, conclui-se que os termos *como agujas* e *aguhlada* são equivalentes porque partilham do mesmo sentido metafórico.

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Como agujas	Aguhlada

### 4º Termo: “Como un hormiguo”

Esse termo faz parte do grupo que é apresentado em uma frase. Esse recurso é utilizado para vulgarizar os termos da linguagem de especialidade e aproximá-los ao público comum.

**Hormiguo:** **1.** Intr. Dicho de una parte del cuerpo: Experimentar una sensación de cosquilleo más o menos intenso, semejante a la que resultaría si por ella bulleran o corrieran hormigas.

Seguindo o caminho metodológico consultou-se o Linguee:



<b>Esp.</b>	Esto puede causar dolor y hormigueo, o suprimir la sensación en los pies
<b>Port.</b>	Isso pode causar dor e formigamento, ou mesmo a perda da sensibilidade nos pés.

**Formigamento:** *s.m.1* Med. tipo de parestesia que consiste numa sensação anormal como se formigas passassem por dentro do corpo, como cãibras, ou sobre a pele, ger. acompanhada de dormência.

Ambas as definições estão formuladas em uma linguagem de sensações e semelhanças que se vinculam ao inseto *hormiga/formiga* e compartilham do mesmo significado: *como se formigas passeassem pelo corpo*, atestando que o significado dos termos é equivalente.

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Como um hormigueo	Formigamento

### 5º Termo: “Como latidos”

O primeiro passo foi buscar no DRAE e observar o significado proposto:

**Latido: 1.** m. cada uno de los golpes producidos por el movimiento de dilatación y contracción del corazón contra la pared del pecho, o de las arterias contra los tejidos que las cubren, que puede ser percibido por la vista, el tacto y, muy especialmente por el oído mediante la auscultación o sirviéndose de instrumentos y aparatos adecuados.

Em seguida, buscou-se o termo latido no dicionário em português para comparar as definições:

**Latido: s.m. 1.** Ação ou resultado de latir (o canídeo); ladrado, ladrido: O latido é um meio de comunicação entre os cães, e deles com os seres humanos.

Ambas as palavras, nas duas línguas compartilham da mesma forma gráfica, mas o ponto de divergência se encontra no significado que não apresenta correspondência semântica; é um exemplo de vocábulos heterosemânticos. Para Bechara e Moure (1998, p. 17), essa categoria apresenta forma semelhante com significados diferentes no uso atual, são vocábulos que têm uma origem em comum, chegando inclusive a compartilhar o mesmo significado em etapas anteriores de ambas as línguas. O termo *latir*, com origem no latim, significa *pulsar*, *latir* (o coração) e também *ladrar* (o cachorro). No movimento da língua, no percurso histórico, o português atual só manteve o sentido de *ladrar*, enquanto que no espanhol se manteve, apenas, o significado de *latir*, *pulsar*.

Depois de romper essa armadilha capciosa, o seguinte passo foi consultar o dicionário bilíngue.

<b>Esp.</b>	Los pequeños impulsos eléctricos del nodo sinusal desencadenan el latido del corazón y regulan la secuencia de las distintas fases.
<b>Port.</b>	Os pequenos impulsos elétricos gerados pelo nó sinusal causam o batimento cardíaco e regulam a sequência de cada fase.

Pode-se constatar o uso no português com o sentido de pulsar do coração, porém, não como um sintoma álgico. Recorri, novamente, ao Dr. R. B. M., o qual me informou que o termo em português é latejante:

**Latejante:** *adj.* 2g. 1 que lateja, pulsa, palpita. (HOUAISS)

Realizou-se uma busca na Web a fim de corroborar seus contextos de uso: “este sintoma está vinculado a varias partes do corpo, como por exemplo: cabeça, dentes, ouvido, e algumas lesões de membros superiores e inferiores”<sup>16</sup>. Pôde-se confirmar que o seu uso está relacionado a diversos problemas de saúde.

Ao comparar as definições latido/latejante, percebe-se que compartilham do significado semântico de pulsar, latir. O DRAE se refere ao latir do coração, mas não à dor como um latido. Esse sentido é dado pela expressão *como latidos* que em português é obtida através do adjetivo *latejante*, o qual conserva um dos significados de sua origem: *pulsar*. Logo, pode-se concluir que os termos equivalentes são:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Como latidos	Dor latejante

## 6º Termo: “Como si apretara”

O núcleo semântico da expressão é *apretar*, portanto, consultou-se esse termo no DRAE:

1. Tr. Estrechar algo contra el pecho o ceñir, de ordinario con la mano o los brazos.
2. Tr. Oprimir, ejercer presión sobre algo.

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
[...] que tenemos nuevos conocimientos y no debemos limitarnos a apretar tornillos sueltos[...]	[...] conhecimentos, que significam que não devemos continuar a apertar parafusos que estão um pouco frouxos [...]

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.foboko.com/frases-de-exemplo/portugues/latejante>. Acesso em: ago. 2017.

Seguindo os passos da metodologia, consultou-se o termo apertar no dicionário Houaiss:

1. V. Exercer pressão sobre, para acionar ou comprimir.
2. Segurar, pressionando com força.

Observa-se que ambas as definições compartilham do mesmo significado: apertar, comprimir, porém, quando o termo está precedido pelo advérbio *como si* constrói-se uma expressão metafórica mais popular para expressar esse tipo de dor. Para Aguiar, “as comunidades humanas, espalhadas no tempo e no espaço, têm estruturas de pensamento subjacentes próprias, moldadas segundo suas experiências históricas e expressas por meio da linguagem que lhes são significativas” (2004, p. 25). Através desse recurso, oferecido pela língua, constroem-se estruturas que ligam um sentido ao outro e modulam a expressividade da dor. Tanto no espanhol como no português, os falantes lançam mão desse recurso pragmático para significar a dor. Sendo assim, conclui-se que os termos equivalentes são:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Como si apretara	Como um aperto

### 7º Termo: “Como si pasara corriente”

A busca partiu do termo *corriente*, por este ser o núcleo da expressão “como si pasara corriente”. O termo em questão contém 17 acepções e a que mais se aproxima da descrição de certo tipo de dor é a que faz alusão à eletricidade:

**17** || **2** *Electr.* flujo de cargas eléctricas a través de un conductor.

Pode-se estabelecer um paralelismo do nervo e suas ramificações com um condutor de corrente elétrica. A corrente elétrica flui desde uma fonte através de um condutor, que, neste caso, são os nervos. Estes últimos são as linhas de comunicação dos sinais elétricos gerados pelo cérebro, que fluem através deles às diversas partes do corpo.

O passo seguinte foi consultar o Linguee.

<b>Esp.</b>	Un regulador de intensidad funciona mediante la reducción de corriente de energía [...]
<b>Port.</b>	O dimmer funciona por reduzir a corrente de energia [...]

O Houaiss também registra a entrada *corrente* com 15 acepções. Observemos se ambas as definições compartilham o mesmo significado:

**15** || **c.elétrica 1.** Fluxo de cargas elétricas em um elemento condutor ou semicondutor.

Pode-se constatar que ambas as definições compartilham do mesmo significado, porém, em português essa expressão não é usada para designar um tipo de dor e tampouco há o recurso metafórico *como se* para a dor. Consultei os dicionários bilíngues e tampouco se encontrou alguma referência à dor. Novamente solicitei a opinião do Dr. R. B. M. e ele esclareceu que o termo *choque* poderia apresentar equivalência de significado com a expressão em espanhol. Voltei aos dicionários para verificar se ambas as definições do termo *choque* compartilhavam o mesmo significado quanto à dor. O DRAE traz duas entradas para este termo:

**choque<sup>1</sup> 1.**(de chocar) m. encuentro violento de una cosa con otra.  
**choque<sup>2</sup>** (del ingl. *shock*) m. *Med.* estado de profunda depresión nerviosa y circulatoria, sin pérdida de la conciencia, que se produce después de intensas conmociones, principalmente traumatismos graves y operaciones quirúrgicas. || m. electrochoque. || de. loc. adj. Dicho del remedio aplicado a algo o a alguien: de acción muy enérgica y rápida. *Tratamiento de choque.*

Nota-se que as definições ora fazem alusão a encontros violentos, ora a um diagnóstico, mas não se referem a um sintoma algíco. O Houaiss também tem duas entradas para este termo:

**choque<sup>1</sup> s.m. 1.** Encontro violento, com impacto ou abalo brusco, entre dois corpos; colisão, concussão. **6** perturbação brusca no equilíbrio mental ou emocional; abalo psíquico devido a causa externa **7** estímulo súbito dos nervos, com contração dos músculos, causado por uma descarga elétrica **9.** *Med* descompensação dos mecanismos de regulação do equilíbrio fisiológico provocada por estímulos para os quais o organismo não possui resposta imediata.  
**choque<sup>2</sup> s.m.** *Psic* red. de eletrochoque. *Hom* ver choque<sup>1</sup>

Na primeira entrada do termo e em sua primeira acepção, observa-se que ambos os dicionários registram significados similares: encontro brusco entre dois corpos. A partir daí, cada dicionário organiza as diferentes acepções de acordo com a percepção do universo extralinguístico que cada comunidade faz. A nona acepção do termo **choque<sup>1</sup>** no Houaiss é a que mais se aproxima da descrição de certo tipo de dor como efeito fisiológico provocado pela passagem de uma corrente elétrica pelo corpo ou por uma parte dele, sendo o equivalente mais próximo à expressão *como si pasara corriente*.

Fica claro que ambas as línguas compartilham de ambos os termos *corrente e choque*, porém, cada uma lida com a representação da realidade de forma distinta e singular que inclui tanto o aspecto semântico como o pragmático dos enunciados. Tendo em vista o discutido, os termos equivalentes são:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
como si pasara corriente	como um choque.

### 8º Termo: “Como un picor”

Seguiu-se o mesmo critério adotado para a análise dos termos que são apresentados com o advérbio *como*. Logo, adentramo-nos à definição do DRAE:

**Picor** *m.* desazón que causa una cosa que pica, picazón.

A imagem que a definição remete — *algo que pica* — pode provocar mal-entendidos na comunicação, já que apresenta forma idêntica, porém, com significado totalmente diferente. Portanto, a análise parte daí, visto que em português encontra-se o termo com forma idêntica: *pica*. Vejamos o que diz o Houaiss:

**Pica:** *s.f.* 1. Tabu. O pênis, pinto.

Agora vejamos o que diz a definição do DRAE:

**Pica:** *f.* 1. Especie de lanza larga, compuesta de un asta con hierro pequeño y agudo en el extremo superior, que usaban los soldados de infantería.

Nota-se que o termo pertence ao grupo dos falsos cognatos: igual grafia com significado diametralmente oposto. Como podemos observar nas respectivas definições, cada língua remete a sistemas metafóricos distintos.

Tendo em vista que os traços semânticos da definição conduziram a imagens acústicas incompatíveis, recorreu-se ao dicionário bilíngue Linguee a fim de observar quais equivalentes eram propostos:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
[...]dolor en las piernas, calambres, sensación de cansancio, picor, quemazón, entre otros [...]	[...] comuns como dor nas pernas, câimbras, sensação de cansaço, coceira, queimação, entre outros [...]

Seguidamente, buscou-se a definição de coceira no dicionário Houaiss para verificar se nas definições havia traços semânticos equivalentes ao espanhol.

**Coceira:** *s.f.* **1** grande comichão, prurido, grande vontade de se coçar **2** irritação cutânea provocada pelo ato contínuo de coçar.

Pode-se ver que os traços semânticos são condizentes, pois remetem ao mesmo significado, compartilham o mesmo registro e podem ser usados nas mesmas situações comunicativas. Logo, os termos equivalentes são:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Como un picor	Coceira

### 9º Termo: Débil

Seguindo a metodologia de análise, buscou-se o termo no DRAE. Vejamos:

**Débil:** **1.** adj. De poco vigor o de poca fuerza o resistencia. **3.** adj. Escaso o deficiente, en lo físico o en lo moral.

Seguidamente, se consultou o dicionário bilíngue:

<b>Esp.</b>	[...] afectado y, en un plazo de tres a cuatro meses, se quedó débil, pálido y flaco, con todos los síntomas de una vida que se agotaba.
<b>Port.</b>	[...] resultou afetado e, num prazo de três a quatro meses, ficou débil, pálido e magro, com todos os sintomas de uma vida que se esgotava.

Como pode observar-se, o termo indicado para o português é débil:

**Débil:** *adj.* 2g 1 Sem força ou energia (movimentos débeis, voz débil); Fraco.

À primeira vista, de acordo com as definições propostas por ambos os dicionários, os termos compartilham significados semelhantes: pouco vigor, pouca energia. Entretanto, o entrevistado D. S. ao marcar esse termo o classificou como “termo complicado” para a comunicação, indo de encontro à definição do dicionário que baliza uma semelhança no significado que não deveria causar complicações. Logo, o próximo passo foi consultar o especialista, o Dr. R. B. M., para validar o uso desse termo em consulta. Sua resposta foi que esse termo não é usado nem para mensurar a dor, nem como um sintoma, mas sim na área da psiquiatria e da psicologia como diagnóstico. Todavia, a definição dicionarista não baliza em suas primeiras acepções esse uso, que segundo o especialista é o mais frequente entre a população brasileira. Vale ressaltar que, justamente neste caso, o dicionário não ajudou a elucidar as dúvidas que o termo provocava. Contudo, há que se lembrar das limitações dos dicionários e de sua tendência ao conservadorismo e prescritivismo, resistindo ao dinamismo

e variação das línguas. Tendo presente esse fato, retornei aos dicionários para ratificar a informação dada pelo especialista da área, consultando o Aulete:

**Débil mental** *Psiq.* Indivíduo que tem problemas relativamente acentuados de desenvolvimento mental, com baixo desempenho intelectual e dificuldades de adaptação social, devido a algum tipo de deficiência do sistema nervoso central. (tb. Apenas débil)

Nessa obra se registra esse uso com marca de linguagem de especialidade *Psiq.*, coincidindo com a informação dada pelo especialista. Para o adjetivo *débil* a combinação típica é *mental e*, como vimos, não faz referência à dor, senão a um diagnóstico da psiquiatria e da psicologia, conforme registrado no dicionário. A mudança de sentido que o termo sofreu ao longo do tempo está vinculada, entre outros fatores, a questões do funcionamento interno das línguas que convencionam seus usos. Segundo Faulstich (1995), certas palavras desenvolvem um novo sentido quando relacionadas com seus respectivos contextos, especializando seu significado, fenômeno que ocorreu com o termo *débil*. Por outro lado, a combinação de adjetivo com o substantivo típico para expressar a sensação de dor *débil* é *fraca*: dor *fraca*. A seguir, empregou-se a ferramenta Google para verificar a frequência das duas combinações e obteve-se o seguinte resultado:

**Dor fraca:** cerca de 612,000 resultados (0.32 segundos)

**Dor débil:** Cerca de 64 resultados (0.55 segundos)

De acordo com Aubert (2005), esse conjunto de elementos linguísticos que inclui, precede ou segue um termo colore seu significado e interpretação, como fica aqui demonstrado. Voltamos aos dicionários para seguir a análise do termo e, após uma análise minuciosa do conteúdo semântico das acepções, concluímos que as que apresentam maior grau de equivalência são:

**Esp. Débil 1.** *adj.* De poco vigor o de poca fuerza o resistencia.

**Port. Fraco** *adj* 7. De pouca intensidade (luz fraca, desejo fraco).

**Esp. 3.** *adj.* Escaso o deficiente, en lo físico o en lo moral.

**Port. Débil:** *adj.* 2g 1 Sem força ou energia (movimentos débeis, voz débil); FRACO

Aqui estamos diante de outro falso cognato, vocábulos que apresentam semelhança em sua forma gráfica, mas divergem parcial ou totalmente quanto ao seu significado nas línguas em questão. Esse termo seguiu caminhos distintos em seu processo de significação em cada sistema linguístico, adquirindo um valor e um propósito específico de acordo com o contexto inserido, adequando-se à função comunicativa de cada comunidade. A análise desse termo

esteve repleta de armadilhas porque a semelhança na grafia leva a crer que estamos diante do mesmo termo com significado análogo, atestado inclusive pela definição do dicionário. Desconfiar que não estava diante do mesmo termo e lembrar os limites dos dicionários foi fundamental para não incorrer em deslizes de interpretação. Nesse trajeto, o termo revelou a importância da eleição das palavras que o acompanham e que dão a tônica ao seu significado e, conseqüentemente, à pragmática. No português, o adjetivo fraco acompanha o substantivo dor para mensurar certa intensidade — *dor fraca* — e, também, para designar um estado de fraqueza física — *estou fraco*. Já no espanhol a construção mais usual para fraqueza é: *me siento débil* e para mensurar a intensidade da dor: *dolor suave*. Esses dados foram fornecidos pelos especialistas da área. Assim, propomos a seguinte equivalência:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Me siento débil	Estou fraco/a
Dolorcito suave	Dorzinha fraca

### **10º Termo\*: “Migraña/Jaqueca”**

Esse termo foi proposto por um dos entrevistados em vista da dificuldade enfrentada por ele no momento de comunicar sua dor e achar que não estava sendo compreendido. O entrevistado relata: *acá migraña es “xaqueca” para nosotros jaqueca es un dolorcito de cabeza muy leve, no es una migraña que es más fuerte. Yo estaba en el hospital y les decía: tengo migraña, es migraña y nadie me entendía*. No seu entender, o que provocou ruído na comunicação foi a proximidade formal dos termos, mas com uma mensuração da dor distinta da variedade do espanhol falada por ele. No espanhol convivem dois termos para designar a dor de cabeça: migraña/jaqueca. Atenemos se há algum matiz semântico nas definições proposta pelo DRAE que dê conta da gradação da dor ou de alguma marca regional.

**Migraña 1.** f. Med. jaqueca.

**Jaqueca** f. MED dolor de cabeza recurrente e intenso, localizado en un lado de la cabeza y relacionado con alteraciones vasculares del cerebro.

Ambas as entradas, *migraña* e *jaqueca*, apresentam uma definição muito similar. Contudo, o primeiro termo parece ser o adotado convencionalmente pela comunidade do informante, indicando uma variação regional que não está marcada no dicionário DRAE. Isso não é de surpreender já que os dicionários não são repositórios de todas as palavras existentes em uma língua e nem de todos os usos e suas variações. Segundo Welker, variáveis como tempo, dinheiro, espaço e outras exigências fazem com que “os dicionários não possam ser



considerados ‘autoridades’ em quem se deva confiar cegamente” (2007, p. 137). No processo de tradução, os dicionários são ferramentas muito úteis, mas o/a tradutor/a não deverá esquecer-se das limitações dessas obras e consultar outras fontes para resolver certos impasses que se apresentam na translação de termos de uma língua à outra; são estratégias que garantem que a tradução seja mais feliz.

Sabe-se que, uma palavra, na mesma língua pode ter diversos significados, dependendo do espaço geográfico, de quem fala e em qual contexto social ela é produzida. Vale lembrar que nosso entrevistado é de nacionalidade colombiana, portanto, falante de uma variedade do espanhol da América Latina com diferenças regionais e culturais em relação ao espanhol europeu.

Variantes linguísticas são formas alternativas de se apontar o mesmo conteúdo proposicional em um contexto similar e com valor semelhante, que é o caso aqui apresentado. Por outro lado, Faulstich (2006), afirma que a diversidade de uma cultura aparece refletida na terminologia cotidiana e o espanhol apresenta uma diversidade rica e vasta. Para a autora, “quando os termos tiverem as mesmas condições de uso, serão considerados variantes um do outro. Nesse caso, eles têm formas parcial ou totalmente diferentes para um mesmo significado referencial para o uso corrente” (FAULSTICH, 2006, p. 6). Os termos *migraña* e *jaqueca* apresentam formas diferentes, mas compartilham do mesmo significado, ou seja, são variantes um do outro e, ao que tudo indica, neste lado do Atlântico, parece haver uma preferência pelo termo *migraña* para indicar uma dor de cabeça aguda.

A seguir, consultou-se o site de buscas Google para conferir a frequência de ambos os termos e obteve-se o seguinte resultado:

**Migraña:** cerca de 2.600,000 resultados (0.63 segundos).

**Jaqueca:** cerca de 420,000 resultados (0.52 segundos).

Aqui, vê-se uma predileção pelo termo *migraña*, o que confirma a hipótese de preferência de um termo pelo outro neste lado do oceano. O próximo passo foi consultar os falantes da variedade do espanhol colombiano, que validaram esse dado. Cremos que a dificuldade na interação se deve às preferências linguísticas que cada comunidade faz ao narrar suas dolências, as quais estão ligadas a questões culturais.

Tendo essa variação diatópica presente e a partir do conteúdo semântico das definições migrou-se para a busca do termo em português, recorrendo ao Linguee:

<b>Esp.</b>	Estaba gravemente enferma con síntomas de fatiga muscular, migraña, lapsus de
-------------	---

	la memoria, depresión y agotamiento.
<b>Port.</b>	Ela estava gravemente doente com sintomas de fadiga muscular, enxaqueca, lapsos de memória, depressão e exaustão.

Seguidamente, buscou-se o termo *enxaqueca* no Houaiss:

**Enxaqueca:** *s.f. MED* cefaleia de causa desconhecida na qual ocorre constrição, seguida de dilatação, das artérias da cabeça, caracterizada por dor no meio do crânio, intensa e pulsátil, associada a problemas digestivos (náuseas e vômitos) e sensoriais.

Pode-se observar que ambos os dicionários apresentam a marca de especialidade *MED*, inserindo a palavra num contexto de especificidade terminológica. No que concerne ao termo em português *enxaqueca*, o Houaiss em sua definição oferece detalhes quanto às características desse tipo de dor, assim como o DRAE. Observa-se que ambas as definições afirmam que é um tipo de dor de cabeça que apresenta certos sintomas, compartilhando, assim, de um conteúdo semântico análogo. Em ambos os dicionários, não há marca de uso regional.

Levando em conta as variantes do espanhol para o termo em questão e considerando que o público-alvo é o da América Latina, propõe-se a seguinte equivalência:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Migraña/jaqueca	Enxaqueca

### 11º Termo\*: Mareo

Esse termo foi proposto por um dos informantes por ser um dos sintomas que os migrantes sofrem ao chegar a Brasília, devido à localização da cidade (15°50'16" sul, 47°42'48" oeste a uma altura de 1000 a 1200 metros acima do nível do mar) e ao clima extremadamente seco. O entrevistado, que já está em Brasília há um tempo, acredita que o termo equivalente para *mareo* seja *tontura*. Consultou-se o dicionário bilíngue Linguee para corroborar essa intuição.

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
El malestar por la altitud que consiste de náusea, <b>mareo</b> , falta de aire y síntomas similares a la gripe...	Enjoo por altitude, consistindo de náusea, <b>tontura</b> , falta de fôlego e sintomas semelhantes aos da gripe...

Seguidamente, observou-se como o DRAE define *mareo* e, depois, comparou-se com o português, a fim de contrastar as definições e observar se havia correspondência semântica

para estabelecer o equivalente mais próximo quanto à significação e quanto ao estilo e, assim, balizar uma comunicação intercultural mais eficaz entre as partes.

**Mareo 1.** *m.* efecto de marearse. **2** *coloq.* moléstia, enfado, ajeteo.

A informação que a definição oferece refere a estados de ânimo e não à sensação de movimento, de rotação, logo, buscou-se o termo que aparece na primeira acepção *marearse*:

**Marear 8.** *pml.* Sentir malestar perdendo la estabilidad y, a veces, la consciência.

Pode-se observar que a imagem que a definição remete é *instabilidade*. Vejamos como o Houaiss registra a entrada do termo *tontura*:

**Tontura:** *s.f.* **2** *MED infm.* m.q. vertigem.

Em sua segunda acepção, traz a marca de linguagem de especialidade *Med*, de uso informal e com remissiva ao termo vertigem; fenômeno que não ocorre no dicionário DRAE. Sigamos o caminho proposto pelo dicionário Houaiss e vejamos aonde ele nos conduz.

**Vertigem:** *s.f.* **2** *MED* sensação de movimento oscilatório ou giratório do próprio corpo ou do entorno com relação ao corpo; tonteira, tontura, vágado.

Esse termo pertence à linguagem especializada e seu correspondente no uso popular, de acordo com a remissiva, é *tontura*. Voltamos a utilizar a estratégia de busca do equivalente mediante o dicionário bilíngue para seguir a busca. Partiu-se do termo *vertigem*. Vejamos o resultado obtido:

Português	Espanhol
A Corta Atalaya tem uma profundidade de 335 metros e sua visão dá autêntica <b>vertigem</b> .	La Corta Atalaya tiene una profundidad de 335 metros y su visión da autêntico <b>vértigo</b> .

Restava, então, conferir a definição do termo *vértigo* no DRAE e constatar se entre eles há correspondência semântica.

**Vértigo. 1.** *m.* trastorno del sentido del equilibrio caracterizado por una sensación de movimiento rotatório del cuerpo o de los objetos que lo rodean.

Pode-se constatar que esses dois termos compartilham, de fato, de um conteúdo semântico semelhante e, por isso, equivalente. Voltemos à discussão do termo *mareo*. Para tanto, consultou-se outras fontes paralelas, a fim de observar em quais contextos ele é usado e com qual sentido.

El mareo es un término que a menudo se utiliza para describir dos síntomas diferentes: sensación de mareo y vértigo. El mareo es la sensación de que podría desmayarse. Vértigo es una sensación de que usted está girando o moviéndose, o de que el mundo está girando en torno a usted<sup>17</sup>.

O site “Medline Plus: información de salud para usted” define bem o campo semântico de cada termo, além de oferecer uma ideia mais precisa do seu significado e de seus usos. Também se consultou outros sites em português para corroborar os usos dos dois termos em português: *tontura/vertigem*. Vejamos:

O termo tontura pode ser usado para definir dois sentimentos diferentes. Pode ser a sensação de que você está prestes a desmaiar ou perder a consciência, sem necessariamente sentir que os objetos a sua volta estão rodando ou se movendo. No entanto, a tontura também, pode definir o que se sente durante a vertigem, que é a sensação de que o entorno está girando ou você está se movendo, quando na realidade não está<sup>18</sup>.

Tendo trilhado os caminhos e atalhos que foram sendo propostos pelas definições e, considerando os traços situacionais e estilísticos de ambos os termos, propõe-se a seguinte equivalência:

Espanhol	Português
Vértigo	Vertigem
Mareo	Tontura

## 12º Termo: Nausea(*n*te)

Como já foi dito anteriormente, o Questionário de dor *McGill* em espanhol, adaptou alguns termos para facilitar sua compreensão por parte dos usuários. O termo em questão é um exemplo desse processo de adequação, porém, não se pode esquecer que esses ajustes foram realizados por uma equipe espanhola que levou em conta as variantes propostas por usuários da Península Ibérica e que os atores sociais desta pesquisa são sul-americanos hispanofalantes com as variedades diatópicas próprias dessa região. Estes, ao marcar esse termo, esclareciam que por estas latitudes não se usa *nauseante*, mas, sim, *náusea*. Seguiu-se essa indicação para realizar a análise do termo.

**Náusea:** *f.* 1 ganas de vomitar 2 *fig.* repugnancia o aversión que causa algo.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://medlineplus.gov/spanish/ency/article/003093.htm>. Acesso em: 02 ago. 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.ceol.med.br/single-post/2015/03/30/Tontura-causas-e-tratamento>. Acesso em: 02 ago. 2017.

A definição é clara, não contém remissivas e tampouco a marca de linguagem de especialidade. Próximo passo, consulta ao Linguee:

<b>Esp.</b>	Para reducir la nausea, este medicamento se puede tomar con comida.
<b>Port.</b>	Para reduzir a náusea, este medicamento pode ser tomado com comida.

Comparemos com a definição do Houaiss:

**Náusea:** *s.f.* **2** *fig.* sentimento de repugnância, aversão, repulsa **3** *MED* desejo ou ânsia de vômito; enjojo.

Pode-se observar que as definições, como são apresentadas nos dicionários, provocam o efeito espelho, ou seja, “simetricamente invertido<sup>19</sup>”, porém compartilham do mesmo conteúdo semântico. O Houaiss apresenta remissiva a outro termo *enjojo*:

**Enjojo:** *s.m.* ato ou efeito de enjoar; enjoamento **1** *MED* m.q. *NÁUSEA*

Pelo fato de o termo *náusea* conter a remissiva ao termo *enjojo*, pode-se afirmar que são variantes com nuances no nível pragmático. Sabe-se que para a terminologia a situação de uso é sumamente importante, pois ela tem a intenção de expor uma imagem real do vocabulário que investiga. Aubert diz que,

O que se faz necessário é identificar o conteúdo conceptual específico da situação em que a palavra encontra-se integrada. É constatação empiricamente fácil de se fazer que cada palavra assume como que uma coloração especial no seu emprego em situação (2001, p. 29).

Por isso, o conteúdo nocional “conotado” pela situação é de suma importância, já que indica se o termo é usado nos mesmos contextos e se apresenta nuances de registro formal e informal. Para resolver esse impasse, consultou-se o médico, o Dr. R. B. M., e ele confirmou que os pacientes, geralmente, dizem: “Dr., tô (estou) com enjojo” e raramente: “estou com náuseas.” Consultou-se o buscador Google para certificar a frequência de ambos os termos:

**Enjojo:** Cerca de 1,200,000 resultados (0.36 segundos)

**Náusea:** Cerca de 628,000 resultados (0.45 segundos)

Portanto, há que se levar em conta esse fenômeno sociolinguístico na busca de um equivalente que seja usado na mesma situação de comunicação.

Consultou-se o médico hispanofalante, Dr. N. M., para saber se os pacientes utilizavam outro termo além de náusea para narrar o mal estar estomacal. A resposta foi sim:

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/espelhado>. 7ª acepção. Acesso em: 03 ago. 2017.

eles dizem “*Doctor, tengo el estómago revuelto*”, porém, é menos usual. Seguidamente, colocou-se no buscador Google as palavras-chave “*estómago revuelto*” e “*náusea*” e obteve-se o seguinte resultado:

**Estómago revuelto:** cerca de 372,000 resultados (0.56 segundos)

**Náusea:** cerca de 3,840,000 resultados (0.37 segundos)

Ao longo da análise pôde-se constatar que ambos os termos circulam no imaginário social das duas comunidades em questão, todavia, apresentam uma frequência cruzada ou espelhada, como se notou no começo da análise desse termo e que se confirmou ao finalizar o estudo. Para Auger, “o único modo de garantir os equivalentes dos termos em duas línguas é comparando os contextos e as definições coletadas em cada língua” (1978, p. 39 apud SILVA; BARROS, 2005, p. 670), para torná-los pragmaticamente aceitáveis em situações de fala reais. Por conseguinte, apresenta-se a seguinte equivalência:

<b>Espanhol</b>	<b>Português</b>
Tengo náuseas	Estou com enjôo
Tengo el estomago revuelto	Estou com náuseas

A partir da análise aqui exposta, elaboramos as fichas terminológicas dos doze termos, de acordo à metodologia exposta no capítulo III. Para tanto, utilizamos o programa RepLet para confeccioná-las e integrá-las ao nosso *Glossário bilíngue de termos sobre a dor: Traduzir-se é preciso*, que se encontra ao final desta dissertação. Como exemplo, apresentamos o verbete do termo *Náusea*, tal como está no glossário:

**Náusea** *s.f.*

1 ganas de vomitar 2 fig. repugnancia o aversión que causa algo. (DRAE)

*Las náuseas y los vómitos no pueden ser considerados como una enfermedad en sí mismos; en realidad, son síntomas no específicos que tienen varias causas posibles.*

(<https://goo.gl/6bsLfk>)

Nota técnica: A expressão “Tengo el estómago revuelto” é usada no nível informal. (Especialista)

**PB:** *Enjoo*

**PB:** *Náusea*

Após a entrada do verbete, encontra-se a categoria gramatical e, a seguir, a definição seguida de um contexto de uso. Nesse termo, incluiu-se uma nota técnica proposta pelo Dr. N. M., como variante informal do termo náusea, apesar de a definição do DRAE não incluí-la

nem como sinônimo, nem como variante informal e/ou regional. Na entrada desse termo em português, por contemplar mais de um termo equivalente, os listamos por ordem alfabética:

**Enjoo** *s.m. variante*

Sentimento de repugnância, aversão, repulsa 3 MED desejo ou ânsia de vômito; náusea. (HOUAISS). Ver náusea

*Quando a roda-gigante parou, ela sentiu enjoos.* (<https://goo.gl/MW5snm>)

**Náusea** *s.f.*

2 fig. sentimento de repugnância, aversão, repulsa 3 MED desejo ou ânsia de vômito; enjoos. (HOUAISS). Ver enjoos

*“Algumas dobras daquelas coisas brancas e moles desciam, aproximavam-se da minha boca, davam-me náuseas”* (Graciliano Ramos, *Angústia*) (<https://goo.gl/MW5snm>)

**ESP:** *Náusea*

A marca de uso *Ver* foi utilizada para o sistema de remissiva, especialmente para fazer a ligação entre o termo normativo e o termo variante. Consideramos os termos selecionados do Questionário *McGill* e os propostos pelos entrevistados como normativos, porém, algumas vezes quando se chegava ao termo, o dicionário, através da marca de remissiva, sinalizava como norma outro termo, como ficou explicitado no caso acima.

O objetivo em relatar todo o percurso na busca do equivalente mais adequado, foi demonstrar como o corpus, além das informações linguísticas, é capaz de trazer à tona aspectos culturais que enriquecem a compreensão da realidade extralinguística representada na língua e, conseqüentemente, na linguagem de especialidade.

Examinar as diferenças e semelhanças existentes entre os termos, a fim de determinar as características comuns que permitissem propor equivalências, foi uma aventura, já que cada termo se desdobrava em diferentes camadas de significados e usos que exigiam diferentes estratégias de análise por parte da pesquisadora. Alguns compartilhavam semelhança na grafia, mas os traços semânticos eram totalmente opostos, o que exigiu máxima atenção e desconfiança da aparente obviedade, a fim de poder desarticular as armadilhas que alguns termos carregavam consigo e, assim, propor o equivalente mais adequado à função comunicativa do encontro entre profissionais da saúde e paciente-migrante.

Concordamos com Arrojo quando diz que “cada tradução (por menor e mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis” (1986, p. 78). A imprevisibilidade do confronto entre dois sistemas simbólicos é enriquecedora e exige atenção, conhecimento de mundo e abertura para deixar-se surpreender

pelas palavras/termos como se fossem vistos e ouvidos pela primeira vez. Observá-los em silêncio e com calma, à espera que cada um revelasse toda a bagagem cultural que carregava, foi a grande aventura. Faulstich diz que “os termos são signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas: são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas” (1999, p. 62). Trata-se de uma atividade onde se constrói e reconstrói sentidos.

A dor traz em si uma carga social e os contextos culturais dão a tônica nas encarnações e formas de experimentá-la. Ela é produto de uma construção sociocultural que se expressa em um conjunto de signos. Por isso, encontrar o termo equivalente na língua de chegada teve seus bemóis e dissonâncias que, ao final, produziram um acorde de doze sons polifônicos. Esses doze termos, com suas tonalidades particulares, reverberam os acordes culturais que “são produto de um entorno humano e de um universo social caracterizado de sentido e de valores” (LE BRETON, 1999, p. 70) que emana do social e retorna a ele.



## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Nesta dissertação, identifiquei e procurei descrever as dificuldades de índole linguística pelas quais passam os migrantes hispanos ao ter que descrever sua dor aos profissionais da saúde brasileiros, em uma consulta médica. O interesse em estudar essas dificuldades surgiu de alguns encontros com grupos de migrantes na cidade de Brasília, que me fizeram perceber a importância da tradução em contextos interculturais, e, a partir de conversas mantidas com profissionais da saúde, que me chamaram a atenção para um campo terminológico pouco pesquisado em contextos migratórios e deveras importante: a dor e seus sintomas. Para mim foi um desafio trabalhar com um tema delicado e carregado de subjetividades, culturais e linguísticas. Assim sendo, aceitei a provocação e, assim, iniciou-se a presente pesquisa.

A primeira pedra no caminho foi selecionar o grupo de migrantes com quem iria trabalhar. Entre tropeços, encontrei o grupo com o qual poderia trabalhar e desenvolver o presente estudo: estudantes migrantes hispanos de pós-graduação da Universidade de Brasília – Campus Universitário Darcy Ribeiro. Tendo encontrado a solução a esse primeiro tropeço, as ideias foram surgindo e com elas as teorias adequadas para atingir os objetivos propostos nesta investigação.

Na primeira parte da pesquisa, apresentei o contexto das migrações internacionais nos dias atuais e suas implicações na região Sul-Sul para, logo em seguida, concentrar-me no movimento das migrações estudantis na cidade de Brasília. Levanto a questão da atenção à saúde como responsabilidade do estado nação e como um direito fundamental de todas as pessoas, pautado no artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Seguidamente, discorro sobre a dor, tema delicado, universal e particular ao mesmo tempo, e sobre a importância de traduzir-se em consulta médica.

Em um segundo momento, expus uma breve perspectiva histórica da Teoria Geral da Terminologia para concentrar-me na Socioterminologia, já que esta oferece os pressupostos adequados para analisar os doze termos escolhidos pelos atores sociais nas entrevistas semiestruturadas realizadas na Casa do Estudante de Pós-graduação do Campus Universitário Darcy Ribeiro – UnB. Sob a luz da Intercompreensão e da Tradução observei e analisei as diferentes estratégias utilizadas pelos estudantes-migrantes para superar os obstáculos linguísticos no meio de seus processos de integração; ambas as teorias contribuíram para a análise das entrevistas e para as reflexões acerca dos caminhos possíveis para estabelecer um

diálogo entre o migrante e o médico nativo. Nesse contato de pessoas e de línguas encontra-se a semente da construção de um espaço de intercompreensão, de práticas que se desenvolvem no encontro de línguas e falantes. Para que esse espaço de intercompreensão germine é necessário criar um ambiente amável de respeito e aceitação plena do diferente nas esferas social, cultural e linguística. Isso provoca uma ampliação de visão de mundo, pois a atividade tradutória dá lugar a uma cadeia de evolução comunicativa, de preservação e de fortalecimento cultural e humano, assim como na migração.

Em seguida, apresentei a metodologia qualitativa exposta por Mirian Goldemberg e André & Lüdke por compreender que esta continha os pressupostos mais pertinentes para realizar o levantamento dos dados da pesquisa, feito através de entrevistas semiestruturadas e aplicação do Questionário de dor *McGill* a nove estudantes migrantes internacionais de pós-graduação da Universidade de Brasília.

Finalmente, no capítulo IV, que está dividido em duas partes, desenvolvi a análise das entrevistas e dos doze termos sobre a dor que conformaram o glossário — ferramenta terminológica para auxiliar os migrantes hispanofalantes a narrar suas dolências. Na primeira parte confirmei a hipótese inicial: os pacientes-migrantes fazem uso de certos recursos criativos (intercompreensão, mistura de línguas, linguagem gestual e corporal, etc.) para expressar os sintomas, assim como recorrem à mediação na interação médico-paciente. Ambas as partes, paciente e médico, em menor ou maior grau, disponibilizaram-se para superar as barreiras da língua e da cultura mediante ações criativas e de negociação de sentidos, de tradução de si mesmo e do outro. Aprender a lidar com a diferença, articulando a própria língua com a língua do outro, faz germinar um lugar de intercompreensão e de ampliação linguística e cultural. Isso se torna potência constitutiva de novas práticas mais integradoras do diferente na atenção à saúde do migrante, fazendo parte da ética do ofício daquele que fez o juramento hipocrático. Na segunda parte do capítulo IV, analisei os doze termos selecionados pelos entrevistados para elaboração do glossário bilíngue terminológico sobre a dor. Sob a luz dos pressupostos teóricos da socioterminologia empreendi o caminho de análise em busca do equivalente pragmaticamente mais adequado a cada termo.

Outra pedra no meio caminho, na qual tropecei algumas vezes, foi a semelhança entre as línguas com as quais trabalho. Além disso, o espanhol é minha  $L_1$ , e o português minha  $L_2$ , logo, estabelecer o limite onde uma termina e a outra começa foi um desafio. Tropecei e cai algumas vezes, mas com o nariz no chão senti o cheiro e ouvi o som de cada termo; levantei-me e, uma vez mais, constatei que as muitas semelhanças formais e reais podem ocultar as enganosas. Isso me exigiu um trabalho de escuta e presença e diante de cada termo realizava a

pergunta: como entro em contato com o que ele representa, como encontro e me deixo encontrar por suas significâncias? Desnaturalizar a aparente obviedade é o trabalho do tradutor, assim como desconfiar de si mesmo e ser humilde para reconhecer que, mesmo sendo bilíngues, não somos conhecedores de toda a complexidade que envolve as línguas em contato. Desconfiar, pesquisar, aprender a usar os dicionários, que também são frágeis e incompletos para, enfim, buscar o equivalente, sabendo de antemão que pode não existir equivalência total entre termos no nível da forma, mas, sim, no nível do conteúdo comunicativo, já que toda língua é um sistema de comunicação, o que torna a tradução possível. Assim, entre tropeços e quedas, ia-se ampliando a superfície de contato com os termos e estes iam se revelando ao olhar atento desta pesquisadora em formação e transformação.

A crescente migração torna necessário refletir sobre políticas e estratégias de saúde integradoras, que acarretem a redução dos riscos e vulnerabilidades provocados pela dificuldade de interação linguística advinda da fronteira simbólica que se constrói entre as línguas. Fomentar um diálogo entre tradução e migração se faz necessário nestes tempos revoltosos de intolerâncias múltiplas, pois ambas são fenômenos sociais que exigem a aceitação do contato, da mistura e da ampliação contínua de palavras e pessoas atravessadas por palavras no espaço do estar~sendo. No estar~sendo se encontra a potência de construção de um caminho mediador de signos e significações simbólicas atreladas ao social e ao cultural. Essas significações estão representadas na construção discursiva de cada falante, porque se encurtam as distâncias, tecem-se relações mais abertas entre as pessoas e entre as línguas, abrindo possibilidades para falar de si e transformar-se nessa narrativa. A tradução apresenta-se, assim, como transformação, como construção de si e do outro em um ir e vir, em estar~sendo.

Assim, ao longo do caminho desta pesquisa, pude relatar e descrever a natureza do problema linguístico que migrantes hispanofalantes enfrentam ao ter que comunicar sua dor. Vale ressaltar que falar da dor é um processo discursivo libertador, pois ao dar nome aos boís se exterioriza a experiência profunda e quase indizível de como ela se manifesta. Assim, esta pesquisa vem oferecer um glossário bilíngue de termos sobre a dor no par linguístico espanhol/português, pois, como demonstramos ao longo desse caminho, apesar da proximidade entre o espanhol — língua dos migrantes — e o português — língua oficial do Brasil —, há uma real necessidade de instrumentos linguísticos que mediem a interação delicada e complexa entre o médico e o paciente. Como ficou constatado, as principais dificuldades advêm dos falsos cognatos, da fonética e da pragmática. Assim, propôs-se uma

solução a esse impasse comunicacional através do *Glossário de doze termos sobre a dor: traduzir-se é preciso!*

Ciente de que esta pesquisa serve de lastro para que haja continuidade no campo de estudos da tradução da dor, campo este deveras importante em tempos de migrações intensas e turbulentas, esperamos que nossa ferramenta linguística seja expandida e que novos termos sejam inclusos, ampliando as equivalências a outras línguas faladas por migrantes advindos de outras partes do globo terrestre. Creio que expor o processo de forma minuciosa poderá contribuir para que outras pessoas, que se interessam por essa temática, coadjuvem com novos olhares para que esta área de pesquisa se amplie e se aprofunde, fomentando o diálogo transdisciplinar e interprofissional entre setores da universidade e da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- ALCARAZ, Rafael Camorlinga. Dicionário: alcance e limites. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 30, p. 121-127, jan./jun. 2006.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **TradTerm**: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia, São Paulo, v. 9, n 1, p. 211-222, 2003.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes (Org.). **Português para Estrangeiros: Interface com o Espanhol**. Campinas: Pontes, 1995.
- ALVES, Fabio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.
- ARAÚJO, Natália. Avanços e desafios da nova Lei de Migração. **Carta Capital**, São Paulo, 27 abr. 2017, Blog do GR-RI. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/avancos-e-desafios-da-nova-lei-de-migracao>. Acesso em: 13 jun. 2017.
- ARREBOLA, Talita Lima C. Camacho; GUARIDO, Evanil Antonio. Estudo Piloto de um Programa de Ginástica Laboral para Vestibulandos. **Journal of Health Sciences**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 65-75, abr. 2008.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.
- ATKINSON, Rebecca Frances. **O intérprete em seu meio profissional: por uma voz mais alta**. 2006. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- AUBERT, Francis. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais e cidadania. In: PATARRA, Neide Lopes; BAENINGER, Rosana; SPRANDEL, Marcia. Migrações internacionais contemporâneas: Estado, gestão e direitos humanos. **Associação Brasileira de Estudos Populacionais: ABEP**, v. 4, 2012. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/ebook/article/view/30/28>. Acesso em: 13 mai. 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROCAL, André. Em cinco anos, dobra o número de refugiados no Brasil. **Carta Capital**, São Paulo, 28 ago. 2015, Seção Sociedade – Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/864/de-bracos-abertos-2778.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BECHARA, Suely Fernandes; MOURE, Gustavo Walter. **Ojo! con los falsos amigos:** dicionário de falsos cognatos em espanhol e português. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro.** Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BHABHA, Homi K. **El lugar de la cultura.** Buenos Aires: Manantial, 2002.

BORGES, Jorge Luis. In: WAISMAN, Sergio. **Borges y la traducción.** Tradução de Marcelo Cohen. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora S.A., 2005.

BRAGA, Célia Maria Leal. A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica. **Ci. Cult.**, v. 40, n. 10, p. 957-66, out. 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 23 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. **Projeto da nova Lei de Migração segue para sanção presidencial.** 2017. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/04/18/projeto-da-nova-lei-de-migracao-segue-para-sancao-presidencial>. Acesso em: 13 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d0840.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d0840.htm). Acesso em: 14 ago. 2017.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología:** teoría, metodologías y aplicaciones. Barcelona: Antártida/Imporeis, 1993.

\_\_\_\_\_. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología:** representación y comunicación. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAPUCHO, Maria Filomena. **Intercomprensão:** diálogos no presente e para o futuro. 2013. Disponível em: [http://www.ha.ax/erik/IC/Intermar-files/Dlv\\_21\\_Academic\\_Papers/P1\\_IC-di%E1logos.pdf](http://www.ha.ax/erik/IC/Intermar-files/Dlv_21_Academic_Papers/P1_IC-di%E1logos.pdf). Acesso em: 21 mar. 2017

CERVERA, Rafael Calduch. **Apuntes sobre las migraciones internacionales.** Madrid: 1992.

CHÁVEZ, Carlos; ERAZO, Ángela. Propuestas plurilingües para la integración latinoamericana: la intercomprensión de lenguas emparentadas como práctica de comunicación y educación. **Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História**, Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/139>. Acesso em : 21 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **La intercomprensión como instrumento de mediación lingüístico y cultural dentro de los procesos de integración regional latino-americanos**. 2013. Disponível em: <http://ic2014.miriadi.net/wp-content/uploads/2013/09/20.Erazo-Chavez.pdf>. Acesso: 01 abr. 2017.

DICIONÁRIO Caldas Aulete (online). Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: ago. 2017.

DICIONÁRIO Linguee (online). Disponível em: <http://www.linguee.es/espanol-portugues>. Acesso em: ago. 2017.

DRAE – Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española (online). Disponível em: <http://dle.rae.es/?w=diccionario>. Acesso em: ago. 2017.

DUTRA, Délia M. da S. **Mulheres migrantes peruanas em Brasília: o trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade**. 2012. 236 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

EKSTERMAN, Abram. Relação médico-paciente na observação clínica. **XV Congresso Panamericano de Gastroenterologia**, Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: [http://medicinapsicossomatica.com.br/doc/relacao\\_medicopaciente\\_obsclinica.pdf](http://medicinapsicossomatica.com.br/doc/relacao_medicopaciente_obsclinica.pdf). Acesso em: 19 abr. 2016.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: [http://www.brapci.ufpr.br/brapci/repositorio/2011/03/pdf\\_0efcfab087\\_0000458.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/brapci/repositorio/2011/03/pdf_0efcfab087_0000458.pdf). Acesso em: ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **A função social da terminologia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

\_\_\_\_\_. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000200012&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000200012&script=sci_arttext). Acesso em 11 nov. 2016.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. A terminologia na encruzilhada. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 3, n. 2, 2004.

FNCPS. **O ilegítimo governo Temer e os ataques ao Sistema Único de Saúde**. 2016. Disponível em: <http://www.contraprivatizacao.com.br/2016/08/1049.html>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Prólogo (1996). In: **Clave – Diccionario de uso del español actual**. Madrid: Ediciones SM, 1997. Disponível em: <https://vladdomania.com/2014/04/23/prologo-de-gabriel-garcia-marquez-al-diccionario-de-uso-del-espanol-actual-1996/>. Acesso: ago. 2017.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, p. 64-89, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 2004.

GOROVITZ, Sabine. A tradução como contato de línguas. **Traduzires**: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/8052>. Acesso em: abr. 2016.

GOROVITZ, Sabine; STREHLER, René Gottlieb. **Manual do Replet acompanhado de elementos de lexicologia e de terminologia**. 1. ed. Brasília: Thesaurus, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ITO, Claudemira Azevedo. Reflexões sobre as migrações internacionais. **V Encontro Nacional sobre Migrações**, UNICAMP, 2007.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia em contextos integradores: funcionalidade e fundamentos. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, n. 26, 1998. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29556>. Acesso em: ago. 2017.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LAMBERTI, Flávia. Uma interpretação variacionista do empréstimo linguístico no português do Brasil. In: FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia**: Cooperação internacional Brasil e Canadá. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Tradução de Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Piaget, 2002.

LE BRETON, David. **Antropología del dolor**. Barcelona: Seix Barral, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LÜDKE, Hermengarda; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAREP (Marco de Referencia para los Enfoques Plurales de las Lenguas y de las Culturas). 2007. Disponível em: [http://carap.ecml.at/Portals/11/documents/CARAP\\_version3\\_ES\\_%2015072010.pdf](http://carap.ecml.at/Portals/11/documents/CARAP_version3_ES_%2015072010.pdf). Acesso em: 13 mar. 2017.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

MERCOSUL. **Em poucas palavras**: O que é o MERCOSUL? 2014. Disponível em: <http://www.mercosur.int/innovaportal/v/5908/12/innova.front/em-poucas-palavras>. Acesso em: 07 jun. 2017.



MURILLO, Javier. **Metodología de Investigación Avanzada**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2010. Disponível: [http://www.uca.edu.sv/mcp/media/archivo/f53e86\\_entrevistapdfcopy.pdf](http://www.uca.edu.sv/mcp/media/archivo/f53e86_entrevistapdfcopy.pdf). Acesso em: 09 set. 2016.

NAHOUM, Charles. **A entrevista psicológica**. Buenos Aires: Editora KAPELUSZ S. A., 1985.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. O eu e o outro na tradução: pensando a alteridade. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jul. 2009.

ONU. **Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU**. 13 jan. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu>. Acesso em: 10 mai. 2017.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 3 p. 23-33, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n3/v19n3a02.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, mai./ago. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142006000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002). Acesso em: 10 mai. 2017.

PAVIANI, Aldo. Brasília: cidade e capital. In: NUNES, Brasilmar F. (Org.). **Brasília: a construção do cotidiano**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

PÉREZ GARCIA, Yulianela. **Migración y trabajo entre las regiones del sur desde la perspectiva global**: un análisis del flujo de cubanos hacia Angola. Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20151216015515/Migracion\\_y\\_trabajo.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20151216015515/Migracion_y_trabajo.pdf). Acesso em: 02 set. 2016.

PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos; TEIXEIRA, Manoel Jacobsen. Questionário de dor McGill: proposta de adaptação para a língua portuguesa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 473-483, dez. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v30n3/v30n3a09.pdf>. Acesso: mar. 2016.

PLANO Orientador de 1962. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4491686-O-plano-orientador-de-anisio-teixeira-e-darcy-ribeiro-e-o-inicio-da-universidade-de-brasilia-1962.html>. Acesso em: ago. 2017.

RATHA, Dilip; SHAW, William. **South-South Migration and remittances**. Washington: World Bank, 2007.

SÃO JERÔNIMO. **Obras de São Jerônimo**. Edição dos Beneditinos, 1693.

SILVA, Francine Ferraz; BARROS, Lidia Almeida. É possível a equivalência perfeita português-francês entre termos do domínio da Dermatologia? **Estudos Linguísticos**, XXXIV, p. 668-673, 2005.

SOARES, Mariana Schuchter; GAMONAL, Maucha Andrade; LACERDA, Patrícia F. A. da Cunha. Rediscutindo a noção de equivalência linguística na tradução a partir da sociolinguística variacionista. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, ano 7, v. 14, 11 f., dez. 2011.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Fronteiras simbólicas: espaço de hibridismo cultural, uma leitura de Dois Irmãos, de Milton Hatoum. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/16655/11674>. Acesso em: 12 mai. 2017.

TAVARES, Clara Ferrão. **REDINTER, multimodalité et eye tracking**. 11 jul. 2011. Disponível em: <http://universidadedepasargada.blogspot.com/2011/07/redinter-multimodalite-et-eye-tracking.html>. Acesso em: mai. 2017.

TECCHIO, Iliane; BITTENCOURT, Marcelina. A tradução no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. **Revista Magistro**: Unigranrio, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1471/765>. Acesso em: mai. 2017.

UNB notícias. Aproveitar potencial de internacionalização da UnB é desafio para a INT. Disponível em: <https://noticias.unb.br/publicacoes/76-institucional/1245-aproveitar-potencial-de-internacionalizacao-da-unb-e-desafio-para-a-int>. Acesso em: 03 abr. 2017.

UNIVERSIDAD de Alcalá de Henares. **Señas**: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. Tradução de Claudia Berliner, Eduardo Brandão e Monica Stahel. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: **Palavra 3**. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

\_\_\_\_\_. **Escândalos da tradução**. Tradução de L. Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

WEISZFLÖG, Walter. **Dicionário Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

WELKER, Herbert Andréas. Sobre lexicografia e tradução. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 6, n. 1, 2007.

XATARA, C. Os dicionários bilíngues e o problema da tradução. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS, p. 179-186, 1998.

## GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TERMOS SOBRE A DOR: TRADUZIR-SE É PRECISO!

Com base nos dados extraídos nas entrevistas e na aplicação dos questionários e tendo como parâmetro o modelo de ficha terminológica deste trabalho, apresenta-se a seguir a proposição de glossário bilíngue espanhol-português, referente a termos sobre a dor. Seus verbetes estão dispostos em ordem alfabética e no tocante à sua microestrutura, o repertório contempla os seguintes itens: ‘entrada’, ‘categoria gramatical’, ‘variante’, ‘contexto de uso’ (em itálico), ‘nota técnica’ e ‘equivalente’.

## PORTUGUÊS DO BRASIL

**Agulhada** *s.f.*

2 m. q. agulhoada (dor forte e súbita) agulhoada *s.f.* 3 dor forte e súbita, pontada, agulhada; 4fig. m.q. AGULHADA. (HOUAISS)

*Sabe aquela dor agulhada, bem fininha?* (Especialista)

**ESP:** *Aguja*

**Apertar** *v.*

1 Exercer pressão sobre, para acionar ou comprimir.

2 Segurar, pressionando com força. (HOUAISS)

*Sabe aquele aperto no peito, como se uma grande mão apertasse seu coração... e vem uma sensação bem esquisita de opressão.* (<https://goo.gl/2UNXMB>)

Nota técnica: O relato dessa dor geralmente vem acompanhado do gesto da mão, como se fosse uma garra à altura do peito.

**ESP:** *Apretar*

**Azia** *s.f. variante*

GAST. Ver pirose. (HOUAISS).

*Eu me livrei dela dizendo-lhe que estava com azia e que ia ficar de jejum até que melhorasse.*

**ESP:** *Acidez*

**ESP:** *Acidez de estomago*

**Cãibra** *s.f.*

f. 1 MED contração muscular súbita, involuntária e dolorosa, de caráter transitório, ger. causada por problemas vasculares decorrentes de esforço excessivo ou do frio. (HOUAISS)

*Estava começando a sentir pontadas na perna e podia perceber uma cãibra se formando na panturrilha direita.* (<https://goo.gl/hXHqH5>)

**ESP:** *Calambrazo*

**Choque s.m.**

9. Med Descompensação dos mecanismos de regulação do equilíbrio fisiológico provocada por estímulos para os quais o organismo não possui resposta imediata. (HOUAISS)

*Problemas de coluna lombar podem causar dor nos membros inferiores que se sente como um choque elétrico.* (<https://goo.gl/N4JpS8>)

**ESP:** *Corriente*

**Coceira s.f.**

Grande comichão, prurido, grande vontade de se coçar 2 irritação cutânea provocada pelo ato contínuo de coçar. (HOUAISS)

*Quando a coceira começa a incomodar demais e atrapalhar o trabalho, o sono e a vida social, é hora de procurar um médico.* (<https://goo.gl/DAoMZK>)

**ESP:** *Picor*

**Cólica estomacal s.f. variante**

Ver Cólica gástrica

**ESP:** *Calambre de estômago*

**Cólica gástrica s.f.**

Med. m.q. Gastralgia. (HOUAISS)

Ver Gastralgia

**ESP:** *Calambre de estômago*

**Enjoo s.m. variante**

Sentimento de repugnância, aversão, repulsa 3 MED desejo ou ânsia de vômito; náusea. (HOUAISS). Ver náusea

*Quando a roda-gigante parou, ela sentiu enjoo.* (<https://goo.gl/MW5snm>)

**ESP:** *Náusea*

**Enxaqueca s.f.**

MED cefaleia de causa desconhecida na qual ocorre constrição, seguida de dilatação, das artérias da cabeça, caracterizada por dor no meio do crânio, intensa e pulsátil, associada a problemas digestivos (náuseas e vômitos) e sensoriais.

*Não consigo raciocinar ou trabalhar. Tenho de parar o que estou fazendo para deitar e fechar os olhos. Nas crises fortes não consigo comer e tenho vontade de vomitar. Só saio do quarto escuro para isso. Quando ela vem, me torno refém dela".* (<https://goo.gl/PPCkdb>)

**ESP:** *Jaqueca/migraña*

**Formigamento s.m.**

Med. tipo de parestesia que consiste numa sensação anormal como se formigas passassem por dentro do corpo, como câibras, ou sobre a pele, ger. acompanhada de dormência. (HOUAISS)

*As sensações podem ser: intenso calor percorrendo o corpo, eletricidade, formigamento e outras.* (<https://goo.gl/Arpt62>)

**ESP:** *Hormigueo*

**Fraco<sub>1</sub>** *adj.*

1. Que não tem força física ou moral. (AULETE)

*Sentir-se fraco por dormir mal ou não comer direito é normal, mas a fraqueza pode ser também sintoma de problemas de saúde mais sérios [...].* (<https://goo.gl/9qZzhD>)

**ESP:** *Débil<sub>1</sub>*

**fraco<sub>2</sub>** *adj.*

7. De pouca intensidade. (AULETE)

*Thalita aponta que quando a dor é fraca e suportável costuma-se adiar a ida ao dentista, esperando que a dor chegue no estágio insuportável.* (<https://goo.gl/r2e2pR>)

**ESP:** *Débil<sub>2</sub>*

**Gastralgia** *s.t.* 1Med. Dor no estômago ou na região epigástrica. (HOUAISS)

Ver Cólica gástrica.

**ESP:** *Calambre de estômago*

**Latejante** *adj.*

2g. 1que lateja, pulsa, palpita. (HOUAISS)

*Apenas uma dor latejante, mas melhor que ontem.* (<https://goo.gl/ohu59Z>)

*Nota técnica: A dor nos olhos é, por si só, um sintoma. Pode ser descrito como uma dor latejante, aguda, como uma coceira ou sensação de ardor dentro dos olhos ou ao redor deles.* (<https://goo.gl/JkTlvE>)

*Preste atenção à dor que se desenvolve no ouvido. O desconforto no ouvido pode sinalizar a presença de otite média, que se manifesta através de dores constantes, latejantes e intensas, agudas e profundas, que vão e voltam ou em combinação com a dor constante.* (<https://goo.gl/mafEjb>)

*Algumas dores, geralmente agudas e intensas, que perduram por algum tempo e latejam, são as que necessitam de uma avaliação do dentista rapidamente, especialmente aquela dor que é forte, constante, apresenta até mesmo inchaço e interfere em suas atividades, como por exemplo, no sono.* (<https://goo.gl/C5iheU>)

**ESP:** *Latido*

**Náusea** *s.f.*

2 fig. sentimento de repugnância, aversão, repulsa<sup>3</sup> MED desejo ou ânsia de vômito; enjoo. (HOUAISS). Ver enjoo

*“Algumas dobras daquelas coisas brancas e moles desciam, aproximavam-se da minha boca, davam-me náuseas”.* (Graciliano Ramos, Angústia) (<https://goo.gl/MW5snm>)

**ESP:** *Náusea*

**Pirose** *s.f.*

Gast sensação de dor epigástrica semelhante a uma queimadura, ger. acompanhada de regurgitação de suco gástrico para dentro do esôfago; azia. (HOUAISS)

**ESP:** *Acidez*

**ESP:** *Acidez estomacal*

**Queimação** *s.f. variante*

Ver *azia*

4 coisa que incomoda, que molesta. Queimação no estômago: azia (Michaelis)

Contexto de uso: *Aquela queimação no meio do peito, que muitos chamam de azia ou gastura, na verdade é sintoma típico do refluxo gastroesofágico, doença caracterizada pelo retorno do conteúdo ácido do estômago para o esôfago.* (<https://goo.gl/FvkzmJ>)

Nota técnica: Ao usar o termo queimação como equivalente do espanhol *acidez estomacal*, é preciso especificar a região onde esta ocorre: ex. queimação no estômago.

**ESP:** *Acidez estomacal*

**Tontura** *s.f. variante*

2MED infm. m.q. vertigem. (HOUAISS)

Ver vertigem

*Tenho tido ultimamente tonturas leves, quase todos os dias ao longo do dia até que há certos momentos que parece k vou perder o equilíbrio por um segundo...o que sera k se passa comigo?* (<https://goo.gl/r6imMG>)

Nota técnica: O termo tontura pode ser usado para definir dois sentimentos diferentes. Pode ser a sensação de que você está prestes a desmaiar ou perder a consciência, sem necessariamente sentir que os objetos a sua volta estão rodando ou se movendo. No entanto, a tontura também, pode definir o que se sente durante a vertigem, que é a sensação de que o entorno está girando ou você está se movendo, quando na realidade não está. (<https://goo.gl/BHydKM>)

**ESP:** *Mareo*

**Vertigem** *s.f.*

2 MED sensação de movimento oscilatório ou giratório do próprio corpo ou do entorno com relação ao corpo; tonteira, tontura, vágado. (HOUAISS)

*E aí? Sentiu alguma vertigem, ansiedade, falta de ar, náusea ou suou frio?* (<https://goo.gl/LUkV9u>)

**ESP:** *Mareo*

## ESPAÑOL

**Acidez** *s.f.*

Malestar producido por exceso de ácido en el estómago. (DRAE)

*No puedo comer marisco porque me provoca acidez.*

**PB:** *Azia*

**PB:** *Pirose*

**Acidez estomacal** *s.f. variante*

ver acidez

**PB:** *Azia*

**PB:** *Pirose*

**Aguja** *s.f.*

Barra pequeña y puntiaguda, de metal, hueso o madera, con un ojo por donde se pasa el hilo, cuerda, correa, bejuco, etc., con que se cose, borda o teje. (DRAE)

*Otras sensaciones son sentir pinchazos de alfileres o agujas* (<https://goo.gl/DbwQrj>)

**PB:** *Agulhada*

**Apretar** *v.*

1.Tr. Estrechar algo contra el pecho o ceñir, de ordinario con la mano o los brazos.

2.Tr. Oprimir, ejercer presión sobre algo.

*Me duele el pecho, siento como si me apretaran fuerte hacia dentro al caminar o subir escalones. Me falta el aire, toso mucho, tengo dificultad para tragar o pasar líquido, me mareo y a veces me da temperatura.*

(<https://goo.gl/Ro136D>)

Nota técnica: La descripción de este dolor, generalmente, viene acompañado del gesto de la mano como una garra a la altura del pecho.

**PB:** *Apertar*

**Calambrazo** *s.m.*

Calambre m. contracción espasmódica, involuntaria, dolorosa y poco durable de ciertos músculos, particularmente de la pantorrilla. (DRAE)

*El nadador sufrió un calambre en la pantorrilla y no pudo terminar la carrera.*

(<https://goo.gl/Lk5Bnk>)

**PB:** *Cãibra*

**Calambre de estómago** *s.m.*

De estómago. Pat. Gastralgia; dolor muy fuerte de estómago, generalmente causado por lesión en el mismo. (DRAE)

*Disminuye el ritmo por varios minutos si te afecta un calambre estomacal, y respira de manera profunda y regular.* (<https://goo.gl/Lk5Bnk>)

**PB:** *Cólica estomacal*

**PB:** *Cólica gástrica*

**PB:** *Gastralgia*

**Corriente** *s.f.*

Electr.flujo de cargas eléctricas a través de un conductor. (DRAE)

*Se trata de una afectación del sistema nervioso periférico que se caracteriza por sensaciones de ardor, cosquilleo o descargas eléctricas en todo el cuerpo [...]* (<https://goo.gl/xzwJqJ>)

**PB:** *Choque*

**Débil<sub>1</sub>** *adj.*

3. adj. Escaso o deficiente en lo físico o en lo moral. (DRAE)

*Se ha quedado muy débil después de su enfermedad* (SEÑAS)

**PB:** *Fraco*

**PB:** *fraco<sub>1</sub>*

**Débil<sub>2</sub>** *adj.*

1. adj. De poco vigor o de poca fuerza o resistencia. (DRAE)

*Dijo con una voz débil que lo sentía mucho.* (SEÑAS)

**PB:** *Fraco*

**PB:** *fraco<sub>2</sub>*

**Hormiguelo** *s.m.*

Dicho de una parte del cuerpo: Experimentar una sensación de cosquilleo más o menos intenso, semejante a la que resultaría si por ella bulleran o corrieran hormigas.

*Las sensaciones pueden ser: intenso calor recorriendo el cuerpo, electricidad, hormiguelo y otras.* (<https://goo.gl/Arpt62>)

**PB:** *Formigamento*

**Jaqueca** *s.f.*

MED dolor de cabeza recurrente e intenso, localizado en un lado de la cabeza y relacionado con alteraciones vasculares del cerebro. (DRAE)

*Por su parte, la migraña o jaqueca, es un dolor frecuente que se da en forma de ataques periódicos y suelen durar horas, e incluso días.* (<https://goo.gl/2Py19A>)

**PB:** *Enxaqueca*

**Latido** *s.m.*

2. Sensación dolorosa en ciertas partes muy sensibles, a causa de infección e inflamación subsiguiente, a consecuencia de los latidos de las arterias que las riegan. (DRAE)

*Le puso una mano en el pecho para notar mejor los latidos.* (SEÑAS)

Nota Técnica: Este síntoma está asociado a varias partes del cuerpo. Algo sumamente molesto es que nos lata el ojo, pero más molesto, si bien menos frecuente, es el latido en los oídos. No es como en el caso del párpado, que sentimos que salta, sino que en este caso lo escuchamos, escuchamos el latido del corazón en el oído, como si de un tambor interno se tratase. (<https://goo.gl/zWVfgK>)

*Desde hace días, siento "latidos" en una muela, no es un dolor insoportable pero si es muy molesto.* (<https://goo.gl/SU3fBk>)

**PB:** *Latejante*

**Marear** *v.*

8. prnl. Sentir malestar perdiendo la estabilidad y, a veces, la consciencia. Se mareó por la calle. (DRAE)

**PB:** *Tontura*

**Mareo** *s.m.* efecto de marearse. 2coloq. moléstia, enfado, ajeteo. (DRAE).

*Por ejemplo, si se le pide a una persona que tiene mareos que describa qué es lo que siente, encontrará respuestas de lo más variadas: "siento que las cosas se me mueven", "siento que yo doy vueltas", "me siento inestable", "siento la cabeza vacía", "estoy embotado", "siento que me voy a desmayar".* (<https://goo.gl/bi4TTv>)

Nota Técnica: El mareo es un término que a menudo se utiliza para describir dos síntomas diferentes: sensación de mareo y vértigo. El mareo es la sensación de que podría desmayarse. Vértigo es una sensación de que usted está girando o moviéndose, o de que el mundo está girando en torno a usted. (<https://goo.gl/VNVcNv>)

**PB:** *Tontura*

**PB:** *Vertigem*



**Migraña** *s.f. variante*

Med. jaqueca. (DRAE)

*Hola! Me voy a volver loca!*

*Llevo mes y medio con migraña casi a diario, además de las que dan náuseas y se me nubla la vista.* (<https://goo.gl/u8wd9b>)

Ver jaqueca

**Náusea** *s.f.*

1 ganas de vomitar 2 fig.repugnancia o aversión que causa algo. (DRAE)

*Las náuseas y los vómitos no pueden ser considerados como una enfermedad en sí mismos; en realidad, son síntomas no específicos que tienen varias causas posibles.*

(<https://goo.gl/6bsLfk>)

Nota técnica: A expressão “Tengo el estómago revuelto” é usada no nível informal. (Especialista)

**PB:** *Enjoo*

**PB:** *Náusea*

**Picor** *s.m.*

Desazón que causa una cosa que pica, picazón. (DRAE)

*Existen diferentes razones por las que sufrimos picor, escozor o comezón: desde el roce de la ropa a la picadura de un insecto, pasando por dermatitis, eccemas y hongos.*

(<https://goo.gl/2Y64X1>)

Nota técnica: Em português há o substantivo “pica” que pode provocar mal-entendidos, pois faz referência ao órgão genital masculino: Pica: s.f.1. Tabu. O pênis, pinto. (AULETE)

**PB:** *Cocceira*

## GLOSSÁRIO PRÁTICO DE TERMOS SOBRE A DOR: TRADUZIR-SE É PRECISO!

Apresentamos a versão prática do glossário bilíngue de termos sobre a dor, mais acessível e funcional aos migrantes hispanos, que contém a seguinte informação: ‘entrada’, ‘contexto pragmático’ do termo em espanhol e português. As frases foram validadas por especialistas da área. O modo como foi gerado é rigoroso, mas a forma de transmissão para nosso público-alvo é de fácil acesso e compreensão.

TERMO ESP.	CONTEXTO DE USO	TERMO P.B.	CONTEXTO DE USO
EL DOLOR	1º) Me duele... 2º) Tengo dolor de...	A DOR	1º) Dói (parte do corpo) 2º) Estou com dor de...
Acidez estomacal	Tengo acidez	Azia	Estou com azia
Aguja	Un dolor como agujas...	Agulhada	Uma dor agulhada
Apretar	Como si apretara	Apertar	Como um aperto
Calambrazo	Tengo calambres	Cãibra	Estou com cãibra
Calambre de estómago	Tengo calambres en el estómago	Cólica estomacal	Estou com dor de estômago
Corriente	Como si pasara corriente	Choque	Como um choque
Débil <sub>1</sub>	Dolorcito suave	Fraco <sub>1</sub>	Dorzinha fraca
Débil <sub>2</sub>	Me siento débil	Fraco <sub>2</sub>	Estou fraco/a
Hormigueo	Siento como un hormigueo	Formigamento	Sinto um formigamento
Jaquica/migraña	Tengo una crisis de migraña	Enxaqueca	Estou com enxaqueca
Latido	Como um latido	Latejante	É uma dor latejante
Mareo	Estoy mareado	Tontura	Estou com tontura
Náusea	Tengo náusea	Enjoo	Estou com enjoô
Estómago revuelto	Tengo el estómago revuelto	Náusea	Estou com náusea
Picor	Como um picor	Coceira	Estou com coceira

## ANEXO A – Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP  
**PROJETO DE PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS**

Projeto de Pesquisa: Migrações e fronteiras e igualdade de gênero: a integração linguística como garantia dos direitos humanos

**Informações Preliminares****Responsável Principal**

CPF/Documento: 700.047.451-32	Nome: Susana Martínez Martínez
Telefone: (61) 9412-2626	E-mail: laresu@hotmail.com

**Instituição Proponente**

CNPJ:	Nome da Instituição: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - Universidade de Brasília
-------	---

É um estudo internacional? Sim

**Equipe de Pesquisa**

CPF/Documento	Nome
818.379.761-04	Sabine Gorovitz

**Área de Estudo****Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)**

- Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas
- Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes

**Título Público da Pesquisa:** Migrações e fronteiras e igualdade de gênero

**Contato Público**

CPF/Documento	Nome	Telefone	E-mail
700.047.451-32	Susana Martínez Martínez	(61) 9412-2626	laresu@hotmail.com

**Contato** Susana Martínez Martínez

---

**Desenho de Estudo / Apoio Financeiro**


---

**Desenho:**

O grupo de pesquisa MOBILANG do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB) pesquisa situações de migração e multilinguismo com o interesse de conhecer as capacidades linguísticas da população migrante, para observar casos em que os/as migrantes não têm competências para se comunicar na língua do país de destino/acolhida. O objetivo em longo prazo da pesquisa é garantir o exercício de direitos da população migrante uma vez superadas as barreiras linguísticas que possam existir.

**Apoio Financeiro**

CNPJ	Nome	E-mail	Telefone	Tipo
				Financiamento Próprio

**Palavra Chave**

Palavra-chave
migração, sociolinguística, gênero

**Detalhamento do Estudo****Resumo:**

O projeto abarca ao mesmo tempo a pesquisa e a extensão e visa prover um apoio linguístico à população imigrante oriunda de diversas localidades, que chega ao Distrito Federal, pois um dos principais obstáculos encontrados nos primeiros contatos com as entidades de assistência é linguístico. O projeto busca implementar um sistema de comunicação linguisticamente inclusivo, capaz de integrar a população imigrante e refugiada aos sistemas de prestação de serviços públicos nas áreas de saúde, trabalho, Centros de Referência de Assistência Social, Centros de Referência Especializados de Assistência Social, Comitê Nacional para os Refugiados (ACNUR), Polícia Federal, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), contribuindo assim para a efetivação do exercício dos direitos humanos dessa população. A pesquisa também tem um recorte de gênero. Muitos dos países de origem da população migrante são multilíngues e apresentam situações de diglossia (quando duas ou mais línguas são faladas no mesmo território pela população, mas em situações comunicativas distintas). Assim, entendemos que as mulheres, confinadas pelos seus papéis de gênero aos espaços privados, têm voz somente em situações consideradas mais informais e de menor prestígio. Acostumadas a não interagir com as autoridades e instituições administrativas, elas encontram-se em uma situação de maior vulnerabilidade no país de destino/acolhida. Serão realizadas entrevistas com grupos focais para obter os dados necessários sobre a população imigrante nos locais de aulas de português oferecidas pelo IMDH e o Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE) da Universidade de Brasília, assim como em locais de encontro indicados pelo IMDH e o ACNUR que desenvolve um trabalho constante junto ao público alvo. Serão também compilados os dados coletados pelo IMDH, pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e pelos órgãos governamentais envolvidos no processo de gestão da migração no DF.

**Introdução:**

A iniciativa do presente Projeto surge da crescente necessidade de integração da população imigrante recém-chegada à sociedade brasileira. O projeto tem como principal objetivo prestar assistência linguística aos imigrantes que chegam em Brasília em busca de condições mínimas de sobrevivência. Essas populações em mobilidade se encontram em situação de contato, tanto com novas comunidades como com línguas que não dominam, desde as zonas fronteiriças até seu destino final, no caso, Brasília. Além de prestar esse serviço indispensável, por meio da criação de um banco de intérpretes e tradutores e de uma base de dados terminológica multilíngue capaz de auxiliar seus usuários em situações de urgência, pretendemos desenvolver pesquisas voltadas para as questões de mobilidade e de contatos linguísticos, ainda pouco estudadas por pesquisadores nacionais. De fato, no Brasil, que possui amplas fronteiras com diversos países, inúmeras são as situações de mobilidade inter fronteiriças que têm como consequência os intercâmbios e os contatos de línguas. Vale lembrar que o país tem recebido uma quantidade cada dia maior de imigrantes oriundos tanto da América latina, quanto de continentes mais distantes, como a África, Oriente Médio e a Ásia. Acreditamos que a implementação imediata de políticas migratórias é indispensável para a assimilação harmônica dessa população na sociedade brasileira, podendo evitar situações sociais dificilmente administráveis se levadas em consideração tardiamente. Nosso projeto, de cunho humanitário, se insere em problemáticas centrais de nossos tempos, como a diversidade das sociedades, das línguas e dos saberes, as (i)migrações, as relações de poder com base na nacionalidade e no sexo, fronteiras, mobilidades e urbanização. A partir dessa iniciativa ampla, a Universidade de Brasília poderia consolidar pesquisas inovadoras capazes de reunir estudantes e pesquisadores confirmados em torno de objetos comuns que buscam apreender as noções de mobilidade e de fronteiras, iniciativas até então compartimentadas e que emanam de domínios científicos diversos (sociologia, antropologia, linguística, geografia, estudos de gênero, etc.). No que concerne à perspectiva de gênero: Em comunidades diglósicas, há uma língua usada nas situações formais, no âmbito público, e uma ou mais línguas usadas nas situações informais, no âmbito privado. As teorias feministas têm mostrando como as mulheres são normalmente confinadas ao espaço privado. Assim, nessas comunidades diglósicas, as mulheres ficam só falam a língua vernácula pelo fato de estarem confinadas no âmbito privado, ao passo que os homens controlam ambas as línguas e interagem nos dois espaços.

**Hipótese:**

A identificação dos perfis sócio-profissionais e linguísticos das famílias e dos sujeitos (migrantes e refugiados) pode fornecer recursos essenciais à implementação de políticas de gestão dos fluxos migratórios no DF e no país.

**Objetivo Primário:**

Implementar um sistema de comunicação linguisticamente inclusivo e inovador para uso das autoridades, capaz de integrar a população imigrante e refugiada aos sistemas de prestação de serviços públicos: banco de intérpretes em inglês, espanhol, francês, árabe e, a médio prazo, em outras línguas; software interativo com glossários de termos e fraseologias estratégicos para resolver situações comunicativas habituais, incluindo dicionários falantes; aplicativo para localização dos intérpretes a través do smartphone.

**Metodologia Proposta:**

Abordagem quantitativa: compilação e mapeamento

Data de Submissão do Projeto: 26/01/2016

Nome do Arquivo: PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_607212.pdf

Versão do Projeto: 2

- Compilação de todas as informações existentes em matéria de mobilidade e migração no Brasil e os dados valiosos recolhidos e organizados durante anos de intervenção tanto das ONGs, especialmente o IMDH, quanto das instituições envolvidas e que mantêm em seus bancos de dados informações precisas sobre as famílias que chegam e eventualmente se estabelecem no DF.
- Criação de um diretório e de um banco de dados tanto para uso das instituições envolvidas no processo de migração quanto para fins de pesquisa de modo a identificar os vários perfis de famílias em função dos critérios que parecem relevantes (origem, línguas faladas, motivo da partida, tipo de mobilidade, percurso, sexo, idade, religião, hábitos, classe social, etc.)
- Mapeamento dos movimentos migratórios, do ponto de partida (para além das fronteiras nacionais) ao ponto de chegada, passando pelas várias etapas e fronteiras, visíveis e invisíveis (inclusive lingüísticas) atravessadas pelos migrantes. O foco recairá sobre sua integração lingüística e social, como resultado de contatos entre as diferentes comunidades lingüísticas e culturais.

#### Abordagem qualitativa: o campo

- Grande parte da pesquisa será conduzida no campo (entrevistas individuais e com grupos focais, observações, gravações, fotos e filmagens). As entrevistas e os grupos focais com população imigrante serão realizados nos locais de aulas para portugueses oferecidas pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e o Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE) da Universidade de Brasília, assim como em locais de encontro comunicados pelo IMDH e o ACNUR. Trata-se de seguir as famílias em seu percurso, para além dos procedimentos administrativos e de suas interações com as ONGs. Pelo contrário, queremos envolver verdadeiramente os observadores nas trajetórias dessas populações, através de um olhar de dentro, e entender as fronteiras, reais e virtuais (imaginárias), que eles atravessam. Através dos estágios efetuados em diferentes instituições, os investigadores irão vivenciar as situações cotidianas junto à população de imigrantes e refugiados, seguindo seu caminho e fornecendo, ao mesmo tempo, um suporte lingüístico em suas diversas interações (observação participante).
- Os dados serão recolhidos no campo, transcritos e analisados (ferramentas de análise de corpus), de modo a apreender a situação sociolingüística dos migrantes e sua evolução desde o início do programa.
- Narrativas de migração recolhidas durante as entrevistas. Por um lado, essas narrativas possibilitarão aos investigadores mapear mais precisamente as mobilidades. Por outro, as "Biografias lingüísticas" revelarão as aprendizagens e competências plurilingües dos viajantes migrantes, de modo a suas representações lingüísticas. Trata-se de uma fase de investigação que associará a pesquisa-observação à pesquisa-ação.
- A partir do tema da "super-diversidade" das situações multilingües, tanto em instituições quanto nos espaços ocupados por pessoas de origens tão diversas, embasará nossos questionamentos: que tipo de "bricolagem" lingüística polimodal podemos observar? Que processos de acomodação observamos nas interações? Quais usos de redes sociais são comprovados? Que papel desempenham as crianças nesta comunicação?
- Na abordagem sociolingüística, observar se há o mesmo comportamento lingüístico, nas escolhas das línguas faladas e escritas, e nas capacidades multilingües e de aprendizagem de línguas, entre homens e mulheres, determinado pelo sistema sexo-gênero. Para aquelas comunidades de migrantes provenientes de regiões ou países diglossicos, observar se o gênero determina as capacidades lingüísticas dos falantes.

#### Riscos:

1. Poderiam ocorrer erros na tradução e na interpretação que levassem à más interpretações. Para prevenir essa possibilidade, a equipe estaria sempre observando o funcionamento do sistema e corrigindo estes erros com a maior brevidade.
2. O trabalho com perspectiva de gênero pode provocar alterações nas relações de gênero que não estão estabelecidas com igualdade, podendo gerar conflitos na população alvo. A equipe, ciente deste risco, trabalhará o conceito como uma categoria social que afeta positiva e negativamente tanto a homens como a mulheres. A experiência na temática da coordenadora garante minimizar este risco.
3. As pessoas participantes não têm competência lingüística em português, por serem imigrantes e refugiados que residem no Brasil há pouco tempo. As entrevistas serão realizadas nas diferentes línguas controladas pelos entrevistados, que podem falar uma língua, mas não ter uma competência adequada para escrita e leitura. Entendemos que pode ser constrangedor assinar um documento para pessoas que estão em alguns casos fugindo do país de origem, e que não conseguem compreender totalmente um texto escrito formal.

#### Benefícios:

1. A população imigrante e refugiada poderá ter seus direitos garantidos e assim contribuir melhor para o crescimento econômico e cultural do país de acolhida, no caso o Brasil.
2. O projeto poderá a longo prazo contribuir com a igualdade no acesso à informação pública de todos os membros das famílias, independentemente do seu sexo.

#### Metodologia de Análise de Dados:

##### Análise dos dados

Para entender como interagem os imigrantes que chegam no DF, buscaremos saber que línguas eles falam e transmitem e como paulatinamente se dá a sua integração lingüística em contato com as outras comunidades. Para tanto, cruzaremos variáveis lingüísticas a critérios sócio-demográficos, de modo a determinar certos perfis de falante e de família.

Para entender seus percursos, observaremos os tipos de relações que se constroem durante as interações e que remetem a processos identitários manifestados de forma mais ou menos explícita. Buscaremos assim descrever as práticas lingüísticas levando em conta as características do contexto em que os falantes interagem.

Analisaremos portanto um corpus de dados lingüísticos constituído pelas interações entre imigrantes e outros falantes, que serão observadas, gravadas, transcritas e inicialmente tratadas quantitativamente. As gravações serão transcritas respeitando convenções de transcrição estabelecidas de acordo com as exigências da pesquisa.

Assim, o nosso objetivo é o de relacionar tipos de produções lingüísticas com um conjunto de fatores contextuais e sociais no intuito de identificar perfis de falante e, eventualmente, de família. Para traçar esses perfis, será preciso selecionar, a partir das observações repetidas e das entrevistas, categorias sócio-demográficas pertinentes.

Partiremos dessas primeiras categorias para desenvolver uma análise quantitativa prévia dos dados. Buscaremos assim em um primeiro momento objetivar o fato de os discursos serem mais ou menos misturados. Para tanto, procederemos a uma contagem das palavras produzidas em cada língua. Embora artificial, essa quantificação possibilitará uma representação gráfica da porcentagem de misturas produzidas por cada falante. Embora não leve em conta nem as variáveis situacionais nem lingüísticas, essa quantificação buscará verificar se e como, no geral, os falantes misturam e que alguns se assemelham a outros em seu comportamento lingüístico. Essas semelhanças estabelecidas a partir das categorias lingüísticas definidas para descrever os dados levarão à identificação de clusters, ou seja, de agrupamentos de falantes cujas produções lingüísticas em termos de mistura se aproximam.

Uma nova quantificação mais fina será então estabelecida a partir de certas categorias lingüísticas definidas de acordo com o corpus construído. De fato, não basta mostrar que alguns falantes misturam mais do que outros; é também necessário descrever como misturam para chegar a seus fins e tornar a comunicação frutuosa.

A partir desses novos valores, tentaremos distinguir regularidades e descrever atitudes prototípicas em termos de misturas e de

interação.

Buscaremos então identificar a correlação entre os dados lingüísticos e alguns fatores sócio-demográficos pertinentes para entender o fenômeno. Embora uma grande variedade de fatores provavelmente sejam inicialmente levados em consideração, poucos apresentarão uma taxa de correlação suficiente para considerados nos cálculos estatísticos.

Analísaremos quais as relações sociolingüísticas existentes nas comunidades de imigrantes e nas famílias de imigrantes, comparando com as relações sociolingüísticas que existiam previamente antes do processo migratório. Com o variável gênero como principal, comprovaremos se há relações de poder entre os sexos que se manifestam na escolha das línguas a serem faladas assim como das variedades usadas das diferentes línguas. Esta observação será também realizada sobre as diferentes capacidades na aprendizagem da língua portuguesa, por ser a língua do país de acolhida neste caso.

#### Desfecho Primário:

Implementação de um sistema de comunicação multilíngua para favorecer a integração da população imigrante do DF e garantir seus direitos humanos. Garantir o acesso à informação básica sobre direitos humanos para mulheres e homens imigrantes e refugiados.

Tamanho da Amostra no Brasil: 500

#### Países de Recrutamento

País de Origem do Estudo	País	Nº de participantes da pesquisa
Sim	BRASIL	500

#### Outras Informações

Haverá uso de fontes secundárias de dados (prontuários, dados demográficos, etc)?

Sim

Detalhamento:

IMDH e OBMigra

Informe o número de indivíduos abordados pessoalmente, recrutados, ou que sofrerão algum tipo de intervenção neste centro de pesquisa:

4

Grupos em que serão divididos os participantes da pesquisa neste centro

ID Grupo	Nº de Indivíduos	Intervenções a serem realizadas
OBMigra	2	Análise de dados estatísticos
IMDH	2	Análise de dados estatísticos

O Estudo é Multicêntrico no Brasil?

Não

Propõe dispensa do TCLE?

Não

Haverá retenção de amostras para armazenamento em banco?

Não

#### Cronograma de Execução

Identificação da Etapa	Início (DD/MM/AAAA)	Término (DD/MM/AAAA)
Levantamento de dados	15/03/2016	14/03/2018
Análise de dados	15/03/2017	14/03/2019

#### Orçamento Financeiro

Identificação de Orçamento	Tipo	Valor em Reais (R\$)
Não aplica	Outros	R\$ 0,00
Total em R\$		R\$ 0,00

#### Bibliografia:

Calvet, L. J. (2002). Sociolingüística: uma introdução crítica. trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial. CLIMENT-FERRANDO & KREBS, Vicent and Viola. Languages, Cyberspace and Migrations. In Net.Lang Towards The Multilingual Cyberspace. Março, Cean, França. 2012. Pateman, Carole (1988). The sexual contract. Stanford University Press. Ferguson, C. A. (1991). Diglossia revisited. Southwest Journal of Linguistics, 10 (1) , 214-234. Fishman, J. A. (1967). Bilingualism with or without diglossia; diglossia with and without bilingualism. Journal of Social Studies, 23 (2) , 29-38. Fraser, N. (1990). Rethinking the private sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. Social Text, no. 25/26, PP. 55-80 Gorovitz, Sabine; Mozzillo, Isabella (org.). (2015) Language contact: mobility, borders and urbanization. Cambridge Scholars. Sadiqi, Fatima (2003). Women, gender, and language in Morocco. Vol. 1. Brill. Sen, Amartya. Development as freedom. Oxford University Press, 1999

Data de Submissão do Projeto: 26/01/2016

Nome do Arquivo: PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_607212.pdf

Versão do Projeto: 2

**Upload de Documentos****Arquivo Anexos:**

Tipo	Arquivo
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.doc
Brochura Pesquisa	brochureinvestigador.docx
Outros	LattesSusana.pdf
Outros	QuestionarioMigrantes.docx
Outros	LattesSabine.pdf
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa.docx

**Finalizar**

Manter sigilo da integra do projeto de pesquisa: Sim

Prazo: 1 ano

## ANEXO B – Termo de consentimento livre e esclarecido



SGAS 903 Bloco D Lote 79  
70390 030 Brasília DF  
T 55 61 3224 2905  
F 55 61 3224 9673

[www.udf.edu.br](http://www.udf.edu.br)  
SEP SUL EQ 704/904 Conj A  
70390 045 Brasília DF  
T 55 61 3704 8888  
F 55 61 3223 7195

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ para participar da Pesquisa “Integração linguística e igualdade de gênero nas migrações”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Susana Martínez Martínez e Sabine Gorovitz, a qual pretende implementar um sistema de comunicação linguisticamente inclusivo e inovador para uso das autoridades, capaz de integrar a população imigrante e refugiada aos sistemas de prestação de serviços públicos.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de observações (anotações), filmagens, fotografias e entrevistas semi estruturadas de cerca de 20 minutos, compostas por uma serie de perguntas que ofereceram dados para a pesquisa.

A pesquisa tem duração de oito meses e possui riscos mínimos tais como:

1. Erros de tradução e interpretação que possam acarretar uma má interpretação. Para prevenir essa possibilidade, a equipe estaria sempre observando o funcionamento do sistema e corrigindo estes erros com a maior brevidade.
2. O trabalho com perspectiva de gênero pode provocar alterações nas relações de gênero que não estão estabelecidas com igualdade. A equipe, ciente deste risco, trabalhará o conceito como uma categoria social que afeta positiva e negativamente tanto a homens como a mulheres.

Caso aceite participar, estará contribuindo para:

1. Garantir os direitos da população imigrante e refugiada, contribuindo para a implementação de políticas de integração linguística e social das populações de imigrantes e refugiados recém chegadas no Brasil.
2. A longo prazo contribuir com a igualdade no acesso à informação pública de todos os membros das famílias.

O(a) Sr.(a) não receberá nenhuma recompensa financeira por participar da pesquisa e qualquer momento poderá solicitar a sua saída independente do motivo, bastando informar ao pesquisador.

Os resultados da pesquisa serão utilizados para elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos, mas sua identidade será mantida em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) \_\_\_\_\_ poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Sobreloja do ICC Sul – ICC Sul, B1-167/63, Universidade de Brasília, pelo telefone (61) (3107 7599 / 7600), ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do UDF Centro Universitário – CEP/UDF, SEP/SUL EQ 704/904 Conj. A CEP: 70390-045 telefone (61) 3704-8851.

Consentimento Pós-Informação





SGAS 903 Bloco D Lote 79  
70390 030 Brasília DF  
T 55 61 3224 2905  
F 55 61 3224 9673

**www.udf.edu.br**  
SEP SUL EQ 704/904 Conj A  
70390 045 Brasília DF  
T 55 61 3704 8888  
F 55 61 3223 7195

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura e carimbo do participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO C – Questionário *McGill* em espanhol

## Quadro Descritor – Versão castelhana (Lázaro e Cols)

<i>Categoría Sensorial</i>	5. Como si exprimiera	<i>Miscelánea Sensorial II</i>
<i>Temporal I</i>	<i>Tracción</i>	1. Como latidos
1. A golpes	1. Tirantez	2. Concentrado
2. Contínuo	2. Como un tirón	3. Como si pasara corriente
<i>Temporal II</i>	3. Como si tirara	4. Calambrazos
1. Periódico	4. Como si arrancara	<i>Miscelánea Sensorial III</i>
2. Repetitivo	5. Como si desgarrara	1. Seco
3. Insistente	<i>Térmico I</i>	2. Como martillazos
4. Interminable	1. Calor	3. Agudo
<i>Localización I</i>	2. Como si quemara	4. Como si fuera explotar
1. Impreciso	3. Abrasador	<i>Categoría emocional</i>
2. Bien delimitado	4. Como hierro candente	<i>Tensión emocional</i>
3. Extenso	<i>Térmico II</i>	1. Fastidioso
<i>Localización II</i>	1. Frialdad	2. Preocupante
1. Repartido	2. Helado	3. Angustiante
2. Propagado	<i>Sensibilidad táctil</i>	4. Exasperante
<i>Punción</i>	1. Como si rozara	5. Que amarga la vida
1. Como un pinchazo	2. Como un hormigueo	<i>Signos vegetativos</i>
2. Como agujas	3. Como si arañara	1. Nauseante
3. Como un clavo	4. Como si raspara	<i>Miedo</i>
4. Punzante	5. Como un escozor	1. Que asusta
5. Perforante	6. Como un picor	2. Temible
<i>Incisión</i>	<i>Consistencia</i>	3. Aterrador
1. Como si cortase	1. Pesadez	<i>Categoría Valorativa</i>
2. Como una cuchilla	<i>Miscelánea Sensorial I</i>	1. Débil
<i>Constricción</i>	1. Como hinchado	2. Soportable
1. Como un pellizco	2. Como un peso	3. Intenso
2. Como si apretara	3. Como un flato	4. Terriblemente molesto
3. Como agarrotado	4. Como espasmos	
4. Opresivo		